

DIAGNÓSTICO SETORIAL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA: OS CASOS DOS SETORES DE ALIMENTOS, BEBIDAS TÊXTIL E CONFECÇÕES - VOL. 1

ESTUDOS TEMÁTICOS E SETORIAIS



**Prefeitura de
Fortaleza**
Instituto de Planejamento
de Fortaleza



FCPC
FUNDAÇÃO CEARENSE
DE PESQUISA E CULTURA



FORTALEZA2040

Fortaleza, Ceará
Julho de 2015

Diagnóstico Setorial do Município de Fortaleza: os casos dos setores de Alimentos, Bebidas, Têxtil e Confecções

Maria Cristina Pereira de Melo

Ana Cristina LimaMaia Sousa

Francisco Laercio Pereira Braga

Fortaleza, 2015.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Brasil: taxa de crescimento anual da produção (2008-2012) (%).....	15
GRÁFICO 2: Brasil: VBP dos setores de alimentos e de bebidas no VBP da indústria de transformação e no total nacional (2007-2012) (%).....	15
GRÁFICO 3: Brasil: VBP dos setores de alimentos no VBP dos setores nacionais por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	16
GRÁFICO 4: Brasil: VTI dos setores de alimentos no VTI dos setores nacionais por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	17
GRÁFICO 5: Brasil: número de unidades dos setores de alimentos e de bebidas no total dos setores nacionais por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	18
GRÁFICO 6: Estados Selecionados: pessoal ocupado dos setores de alimentos no total dos setores nacionais (2007-2013) (%).....	18
GRÁFICO 7: Brasil: VBP do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VBP do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%).....	19
GRÁFICO 8: Brasil: VTI do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VTI do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%).....	20
GRÁFICO 9: Brasil: VBP do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VBP da indústria de transformação do Estado selecionado (2007-2013) (%).....	21
GRÁFICO 10: Brasil: VTI do setor de Fabricação de produtos alimentícios no total do VTI da Indústria de Transformação do Estado por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	21
GRÁFICO 11: Brasil: estabelecimentos de fabricação de produtos alimentícios por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%).....	22
GRÁFICO 12: Brasil: pessoal ocupado na fabricação de produtos alimentícios por Estados selecionados (2006;2010 e 2013) (%).....	24
GRÁFICO 13: Fortaleza: empresas do setor de alimentos no total do setor estadual por tamanho de estabelecimento (2006 e 2013) (%).....	27
GRÁFICO 14: Fortaleza: faixa etária do pessoal empregado do setor de alimentos (2006;2008;2010;2013) (%).....	27
GRÁFICO 15: Ceará x Fortaleza: pessoal empregado do setor de alimentos por escolaridade (2006; 2010 e 2013) (%).....	28
GRÁFICO 16: Ceará x Fortaleza: pessoal ocupado do setor de alimentos e bebidas por faixa de remuneração (2006e 2013) (%).....	30
GRÁFICO 17: Brasil: VBP dos setores de bebidas no VBP dos setores nacionais por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	31

GRÁFICO 18: Brasil: VTI dos setores de bebidas no VTI dos setores nacionais por Estados selecionados (2007 - 2013) (%).....	30
GRÁFICO 19: Brasil: VBP do setor de fabricação de bebidas no total do VBP do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%).....	32
GRÁFICO 20: Brasil: VTI do setor de fabricação de bebidas no total do VTI do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%).....	33
GRÁFICO 21: Brasil VBP do setor de Fabricação de bebidas no total do VBP da Indústria de Transformação do Estado por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	33
GRÁFICO 22: Brasil: VTI do setor de Fabricação de bebidas no total do VTI da indústria de Transformação do Estado por Estados selecionados (2007-2013) (%).....	34
GRÁFICO 23: Brasil: estabelecimentos de fabricação de bebidas por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%).....	35
GRÁFICO 24: Brasil: pessoal empregado na fabricação de bebidas por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%).....	36
GRÁFICO 25: Fortaleza: empresas do setor de bebidas no total estadual por tamanho de estabelecimento (2006 e 2013) (%).....	39
GRÁFICO 26: Fortaleza: pessoal empregado do setor de bebidas por faixa etária (2006;2008;2010;2013) (%).....	39
GRÁFICO 27: Ceará x Fortaleza: pessoal empregado do setor de bebidas por escolaridade (2006; 2010 e 2013) (%).....	40
GRÁFICO 28: Brasil: exportações segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (US\$ milhão)	42
GRÁFICO 29: Brasil: importações segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (US\$ milhão)	42
GRÁFICO 30: Brasil: saldo da balança comercial segundo Capitais selecionadas (2000 - 2014) (US\$ milhão)	43
GRÁFICO 31: Brasil: corrente de comércio segundo Capitais selecionadas (2000 – 2014) (US\$ milhão)	44
GRÁFICO 32: Brasil: taxa média de crescimento das exportações, importações e corrente de comércio segundo Capitais Selecionadas (2000-2014) (%).....	45
GRÁFICO 33: Brasil: exportação de produtos básicos segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%).....	46
GRÁFICO 34: Brasil: exportação de produtos semimanufaturados segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%).....	46
GRÁFICO 35: Brasil: exportação de produtos manufaturados segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%).....	47

GRÁFICO 36: Capitais Seleccionadas e RMF – coeficiente de especialização relativa das exportações dos setores de alimentos e bebidas (2006-2014) (%).....	48
GRÁFICO 37: Fortaleza: principais produtos exportados dos setores de alimentos e bebidas (2006-2014) (%).....	49
GRÁFICO 38: Fortaleza: exportações dos setores de alimentos e de bebidas segundo destino (2006; 2010; 2013 e 2014 (%).....	51
GRÁFICO 39: Brasil: coeficiente de especialização relativa das importações dos setores de alimentos e bebidas por Capitais seleccionadas (2006-2014) (%).....	52
GRÁFICO40: Brasil: VBP do setor têxtil no VBP da indústria de transformação e no total nacional (2007-2012) (%).....	55
GRÁFICO 41:Brasil: Participação do VBP do setor têxtil dos estados seleccionados no VBP do setor têxtil nacional (2007-2013) (%).....	56
GRÁFICO 42: Brasil: Participação do VTI do setor têxtil dos estados seleccionados no VTI do setor têxtil nacional (2007 - 2013) (%).....	57
GRÁFICO 43: Brasil: crescimento acumulado do valor da transformação indústria total e têxtil por Estado seleccionado (1996 e 2012) (%).....	58
GRÁFICO 44: Brasil: valor da transformação industrial têxtil na indústria total (1996 e 2012)(%).....	58
GRÁFICO 45: VBP do setor têxtil no total do VBP da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%).....	59
GRÁFICO 46: VTI do setor têxtil no total do VTI da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%).....	59
GRÁFICO 47: Brasil: Participação do número de unidades locais do setor têxtil no total do nacional (2007 - 2013) (%).....	60
GRÁFICO 48: Brasil:Participação do número de pessoas ocupadas do setor têxtil no total nacional (2007 - 2013) (%).....	61
GRÁFICO 49: Fortaleza: número de estabelecimentos do setor têxtil por tamanho (2006 e 2013) (%).....	66
GRÁFICO 50: Fortaleza: empregados no setor têxtil por faixa etária (2006;2010 e 2013) (%).....	67
GRÁFICO 51: Fortaleza: número de empregados no setor têxtil por escolaridade (2006;2010 e 2013) (%).....	68
GRÁFICO 52: Fortaleza: número de empregados no setor têxtil por faixa salarial (2006;2010 e 2013) (%).....	68
GRÁFICO 53: Fortaleza: Balança Comercial do setor têxtil (US\$) (2000 – 2014).....	71

GRÁFICO 54: Brasil: valor da produção da indústria de vestuário na produção nacional (1990-2010) (%).....	74
GRÁFICO 55: Brasil: Participação do VBP do setor vestuário dos estados selecionados no VBP do setor vestuário nacional (2007 - 2013) (%).....	74
GRÁFICO 56: Brasil: Participação do VTI do setor vestuário dos estados selecionados no VTI do setor vestuário nacional (2007 - 2013) (%).....	75
GRÁFICO 57: Crescimento acumulado do valor da transformação indústria total e vestuário por Estado selecionado(1996-2012) (%).....	76
GRÁFICO 58: Brasil: valor da transformação industrial de vestuário na indústria total do Estado selecionado (1996-2012)	76
GRÁFICO 59: VBP do setor de vestuário no total do VBP da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%).....	77
GRÁFICO 60: VTI do setor de vestuário no total do VTI da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%).....	77
GRÁFICO 61: Brasil: Participação do número de unidades locais do setor vestuário no total do nacional (2007 - 2013) (%).....	78
GRÁFICO 62: Brasil: Participação do número de pessoas ocupadas do setor vestuário no total nacional (2007 - 2013) (%).....	79
GRÁFICO 63: Fortaleza: estabelecimentos do setor de vestuário por tamanho (2006 e 2013).....	85
GRÁFICO 64: Fortaleza: empregados no setor de vestuário por faixa etária (2006; 2010 e 2013) (%).....	86
GRÁFICO65: Fortaleza: número de empregados no setor de vestuário por escolaridade (2006; 2010 e 2013)	87
GRÁFICO 66: Fortaleza: empregados no setor de vestuário por faixa salarial (2006; 2010 e 2013) (%).....	88
GRÁFICO67: Fortaleza: Balança Comercial do setor de vestuário (2000 – 2014).....	90

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Brasil: número de estabelecimentos do setor de alimentos por município (2006 e 2013).....	23
TABELA 2: Brasil: número de empregados do setor de alimentos por municípios (2006 e 2013)	25
TABELA 3: Ceará: número de estabelecimentos do setor de alimentos por municípios (2006-2013) (%).....	25
TABELA 4: Ceará: número de estabelecimentos do setor de alimentos por municípios (2006-2013) (%).....	26
TABELA 5: Brasil: número de estabelecimentos do setor de bebidas por município (2006 e 2013)	35
TABELA 6: Brasil: pessoal empregado no setor de alimentos por município (2006 e 2013)	36
TABELA 7: Ceará: número de estabelecimentos do setor de bebidas por município (2006-2013) (%).....	37
TABELA 8: Ceará: pessoal empregado do setor de bebidas por município(2006-2013) (%).....	38
TABELA 9: Fortaleza: produtos exportados dos setores de alimentos e bebidas e concorrentes nacionais no mercado externo em 2014.....	50
TABELA 10: Fortaleza – principais produtos importados dos setores de alimentos e bebidas (2006 e 2014) (%).....	52
TABELA 11: Brasil: número de estabelecimentos do setor têxtil por cidade selecionada (2006 e 2013)	61
TABELA 12: Brasil: número de empregos do setor têxtil por município selecionado (2006 e 2013)	62
TABELA 13: Brasil: valor real da massa salarial do setor têxtil* por cidade selecionada (2006 e 2013)	63
TABELA 14: Ceará: número de estabelecimento por município (2006 - 2013) (%).....	64
TABELA 15: Ceará: número de empregos por município selecionado (2006 – 2013) (%).....	64
TABELA 16: Fortaleza: número de estabelecimentos por atividade do setor têxtil (2006-2013)	65
TABELA 17: Fortaleza: número de empregados por tipo de atividade do setor têxtil (2006-2013)	66
TABELA 18: Brasil: valor das exportações de produtos têxteis por município selecionado (FOB US\$) (2012;2013 e 2014)	70

TABELA19: Fortaleza: principais produtos têxteis exportados (2013).....	72
TABELA 20: Fortaleza: principais produtos têxteis importados (2013).....	72
TABELA 21: Brasil: número de estabelecimento do setor de vestuário por cidade selecionada (2006 E 2013).....	80
TABELA 22: Brasil: número de empregos do setor de vestuário por cidade selecionada (2006e 2013).....	80
TABELA 23: Brasil: valor real da massa salarial (*) do setor de vestuário por cidade selecionada (2006 e 2013).....	81
TABELA 24: Ceará: número de estabelecimento de vestuário por município selecionado (2006 – 2013).....	82
TABELA 25: Ceará: número de empregos por município selecionado (2006 – 2013).....	83
TABELA 26: Fortaleza: número de estabelecimentos por tipo de atividade do setor de vestuário (2006-2013).....	84
TABELA 27: Fortaleza: número de empregados por tipo de atividade do setor de vestuário (2006-2013).....	84
TABELA 28: Brasil: valor das exportações de produtos vestuários por município selecionado (FOB US\$) (2012; 2013 e 2014).....	89
TABELA 29: Fortaleza: produtos do setor de vestuários exportados (2013).....	91
TABELA 30: Fortaleza: produtos do setor de vestuários importados (2013).....	91

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Fortaleza, Maracanaú, São Paulo, Americana e Blumenau: principais destinos das exportações de produtos têxteis por país (cap 50-60) (2014).....	70
QUADRO 2: Brasil: destino das exportações de produtos de vestuário por município selecionado (cap 61-63) (2014).....	89

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Alimentos e Bebidas.....	11
1.1 Caracterização Nacional e Estadual do Setor.....	13
1.1.1 <i>Setor de Alimentos.....</i>	18
1.1.2 <i>O Setor de Bebidas.....</i>	29
1.2 Inserção internacional dos setores de alimentos e de bebidas de Fortaleza.....	38
1.2.1 <i>Caracterização do Comércio Internacional de Fortaleza.....</i>	38
1.2.2 <i>Análise setorial</i>	45
2. Têxtil e Confecções.....	51
2.1 Setor Têxtil.....	51
2.1.1 <i>Caracterização Nacional e Estadual do Setor.....</i>	51
2.1.2 <i>Inserção internacional do setor têxtil de Fortaleza.....</i>	65
2.2 Setor de vestuários/Confecção.....	68
2.2.1 <i>Caracterização Nacional e Estadual do Setor.....</i>	68
2.2.2 <i>Inserção internacional do setor de vestuário de Fortaleza.....</i>	83
3. Aspectos Institucionais e Financiamento dos Setores.....	87
Bibliografia.....	92

Introdução

Duas das principais necessidades humanas são: alimentação, que surge como essencial na vida das pessoas, e vestuário. Contudo, essas necessidades variam no tempo e espaço, sendo cada vez mais dependentes da tradição cultural (costumes) e inovações tecnológicas.

Nas últimas décadas têm ocorrido grandes alterações nos gostos e preferências dos consumidores, pois estes estão muito mais esclarecidos sobre a saúde e segurança alimentar. Tal fato gera receios com relação ao consumo de produtos que tenham aditivos químicos, em favorecimento de produtos naturais, saborosos e de elevada qualidade. Assim, os consumidores estão à procura de alimentos e bebidas saudáveis e seguros, com características diversas. (MENDES, 2007).

A população pode ser apontada, principalmente, como um dos fatores mais importantes para explicar a demanda pelos produtos dos setores de alimentos e vestuário, onde características demográficas, distribuição espacial da população, faixa etária e educação são as principais variáveis que influenciam as pessoas a consumirem ou não os produtos destes setores.

A busca pela mudança de hábitos entre os brasileiros segue a mesma tendência do mercado mundial, ou seja, é fruto dos altos índices de obesidade que atingem parcela cada vez maior da população. Uma característica fundamental para que o alimento seja seguro e saudável é não apresentar alguma forma de perigo intrínseco ou contaminação de natureza biológica, física ou química em níveis que comprometam a saúde do consumidor. Diante desta tendência, estão surgindo, cada vez mais, vários segmentos empresariais interessados nessa demanda. (CENTRO DE VIDA SAUDÁVEL, 2013).

No caso do setor têxtil, este sempre apresentou elevada importância no desenvolvimento da economia brasileira, sendo uma das primeiras indústrias do país. A atividade ganhou caráter industrial na metade do século XIX, quando surgiram de fato as primeiras fábricas têxteis nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Ceará e Rio de Janeiro e depois nos estados da região Sul. No estado do Ceará, em especial, o setor têxtil do confunde-se com a história do Estado e com a cidade de Fortaleza, e se tornou uma das tradicionais indústrias cearenses, assumindo a liderança do setor no Nordeste quanto à produção.

Desta forma, neste primeiro relatório consta um diagnóstico preliminar o qual observou aspectos relacionados ao Valor Bruto da Produção, Valor da Transformação Industrial, número de empresas, tamanho de estabelecimentos, número de empregados, nível de escolaridade, faixa de salário e comércio exterior dos setores de alimentos, bebidas, têxtil e confecções do estado do Ceará em geral e da cidade de Fortaleza, em particular, com o objetivo geral de contribuir para as discussões de elaboração do Plano Fortaleza 2040.

Com relação ao período escolhido para a realização do relatório, utilizou-se o intervalo de tempo compreendido entre 2006 e 2013 focando os aspectos relacionados à estrutura produtiva dos setores em questão, pois, devido a problemas de obtenção de dados, não foi possível coletar informações confiáveis antes de 2006. Assim, consideraram-se os mesmos anos para verificar a inserção internacional dos setores da capital cearense.

Para atingir os objetivos do primeiro relatório, o mesmo está dividido em três seções, além da introdução. Na primeira, foi feito um estudo dos setores de alimentos e de bebidas da capital cearense, comparando-os com as cidades de referência no país na produção dos segmentos industriais citados. Ainda, na primeira, encontram-se informações alusivas aos aspectos do comércio externo dos setores analisados da Capital.

No tópico de comércio exterior, utilizaram-se, inicialmente, informações gerais sobre valor das exportações e importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio dos setores de alimentos e de bebidas de Fortaleza e das cidades de referência.

Na segunda seção, apresenta-se levantamento e análise dos setores têxtil e confecções do estado do Ceará. Em termos metodológicos, esta parte segue o mesmo procedimento empregado para os setores de alimentos e bebidas, ou seja, período de tempo semelhante e comparações em relação a outras cidades de referência no país na produção dos produtos destes setores.

Os aspectos institucionais e de financiamento dos setores em estudo aparecem na terceira seção do trabalho, onde buscaram-se os instrumentos recentes disponíveis aos setores os quais visam potencializar a produção e comercialização de seus produtos.

Deve-se salientar que este diagnóstico preliminar não é considerado, aqui, um trabalho completo, é uma etapa correspondendo a coleta de dados, seleção de variáveis e análise a serem confrontadas em relatórios posteriores.

Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se, dentre outras fontes, de dados advindos do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/RAIS e Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC)/Alice web.

1. Alimentos e Bebidas

Maria Cristina Pereira de Melo
Francisco Laercio Pereira Braga

1.1 Caracterização Nacional e Estadual do Setor

Os últimos anos mostram que cada vez mais ocorre um aumento da demanda por produtos saudáveis e esse movimento ocorre tanto internamente quanto externamente. Aliado a este fato, tem-se o crescimento da população nacional nas últimas décadas e a mudança ocorrida na pirâmide etária nacional. Desta forma, os fabricantes de alimentos e bebidas estão, nos últimos anos, investindo em capacidade e eficiência produtiva para atender a demanda crescente da população. Conseqüentemente, o mercado de trabalho, nestes setores, acompanha a tendência mundial e nacional, com aumento dos postos de trabalho.

De acordo com Arruda (2014), o crescimento da população mundial para as próximas décadas será acompanhado pelo um aumento do poder aquisitivo, que, por conseguinte, tenderá a consumir mais. Desta forma, as indústrias de alimentos e bebidas terão que adequar a produção ao consumo nos próximos anos, buscando aumentar a capacidade produtiva e a qualidade dos produtos ofertados.

Assim, o setor de alimentos e bebidas é o segundo maior da indústria de transformação brasileira em valor bruto de produção, cujo faturamento das empresas, em 2011, somou R\$ 383,3 bilhões, sendo R\$ 316,5 bilhões em alimentos e R\$ 66,8 bilhões em bebidas. A participação da indústria de alimentos e bebidas no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é de 9%. (COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2015).

O setor de alimentos e bebidas possui uma boa cobertura do território cearense com relação a oportunidades de trabalho formal, especialmente na faixa litorânea do Estado, incluindo a Capital. Apesar de o setor estar presente em importante parte dos municípios cearenses, é nas cidades da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) que a indústria de alimentos e bebidas possui maior representatividade estadual, tanto em termos de empregos, quanto de estabelecimentos. Nos últimos anos, outra característica que vem marcando esses setores é o nível de escolaridade dos trabalhadores

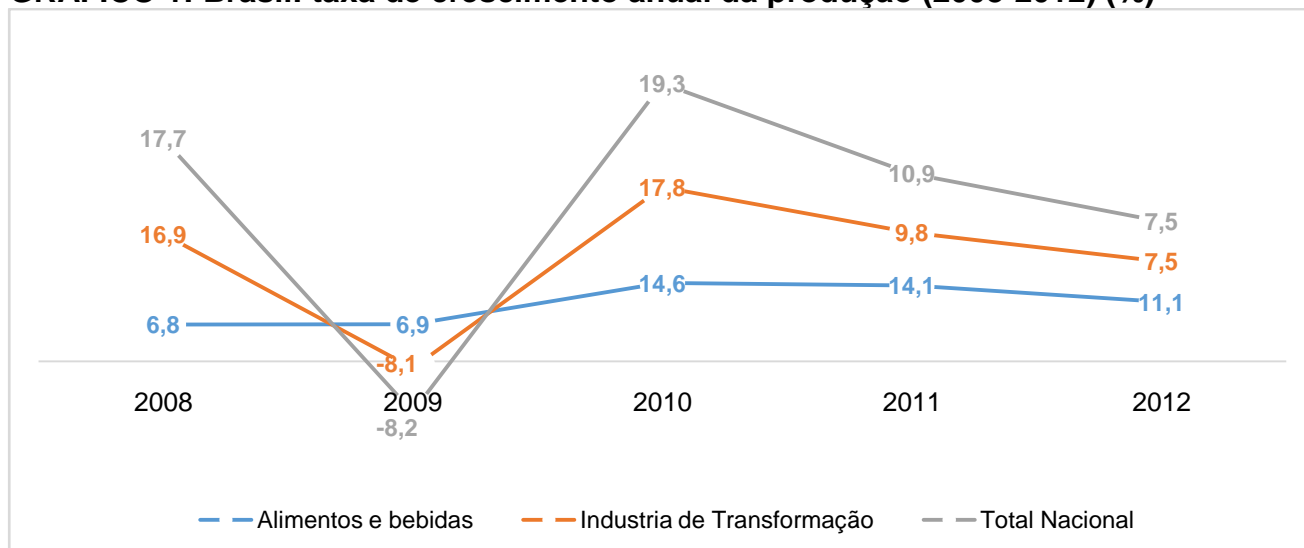
empregados, pois o grau de instrução requerido é cada vez maior, com predominância de empregados com mais de nove anos de estudo.

Vale ressaltar que este segmento industrial abrange dezenas de atividades, tais como: fabricação de conservas de frutas, sucos de frutas, massas e biscoitos, malte, cervejas e refrigerantes, preservação de pescados, entre outras. No caso do Ceará, em especial, os segmentos que vêm se destacando são os de produção de maltes, cervejas e chope, localizados, principalmente nos municípios de Aquiraz, Eusébio e Pacatuba; o segmento de massas está concentrado em Fortaleza, Maracanaú, Caucaia e Eusébio; panificação em Fortaleza; conservas de frutas em Fortaleza e Cascavel; sucos de frutas e preservação de pescados em Aracati; moagem e fabricação de produtos vegetais em Chorozinho; e produção de refrigerantes em Maracanaú, Juazeiro do Norte e Sobral. (MESQUITA, 2011)

Diante deste panorama nacional e estadual, entre 2007 e 2012, o valor bruto da produção nacional do setor de alimentos e bebidas cresceu 66% no período, acompanhando o crescimento do valor bruto da produção da indústria de transformação nacional, que cresceu 49% no mesmo intervalo de tempo e do valor bruto da produção nacional que incrementou 53%.

Constatou-se que a taxa de crescimento do VBP do setor de alimentos e bebidas vem aumentando ao longo destes anos. O VBP do setor de alimentos e bebidas obteve, em 2008, um crescimento de 6,8% em relação ao ano anterior, e em 2012 chegou a uma taxa de crescimento de 11%. Analisando a taxa média anual do período, o referido setor registrou taxa anual de 10,7% entre 2001 e 2009, valor este superior à taxa anual de crescimento do valor da produção industrial, que foi de 8,8%, e da taxa anual do valor da produção nacional (9,4%). Vale ressaltar que, em 2009, o VBP da indústria de transformação e do VBP nacional caiu significativamente, mas o setor de alimentos e bebidas brasileiro não sofreu os impactos da crise de 2008, pois cresceu 6,9% em 2009. (GRÁFICO 1).

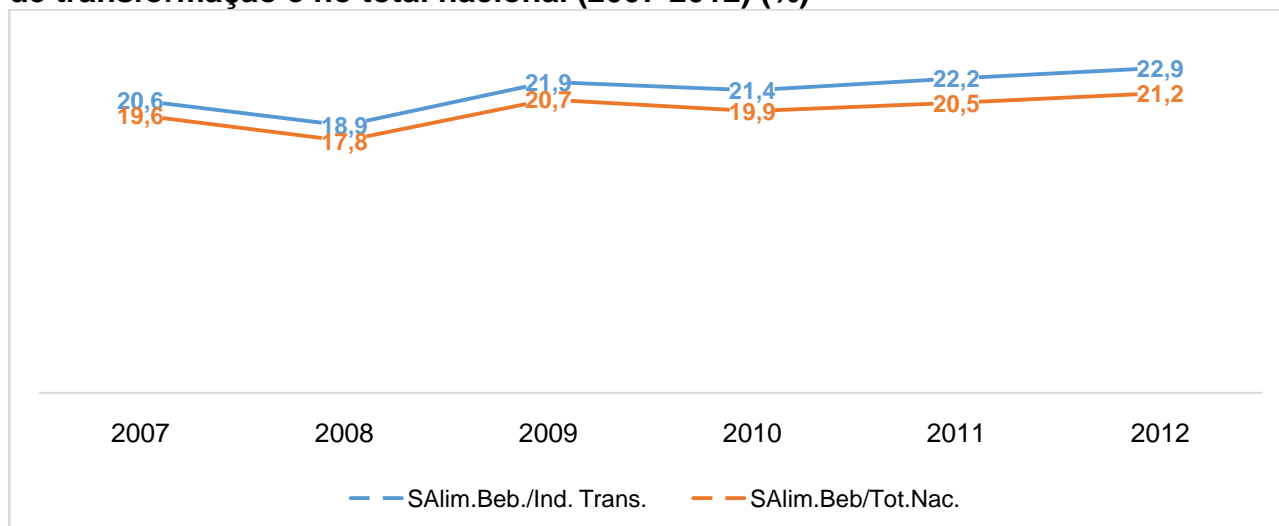
GRÁFICO 1: Brasil: taxa de crescimento anual da produção (2008-2012) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Analisando a participação do Valor Bruto da Produção (VBP) dos setores de alimentos e bebidas no VBP da indústria de transformação e no VBP nacional, nota-se que os setores aumentaram sua parcela de participação entre 2007 e 2012. No caso da participação no VBP da indústria de transformação, por exemplo, o mencionado setor agregado saiu de uma participação de 20,6%, em 2007, e alcançou 22,9% em 2012 (elevação de 11% no período). Tal comportamento revela o ganho de importância dos segmentos industriais na cadeia produtiva nacional. (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2: Brasil: VBP dos setores de alimentos e de bebidas no VBP da indústria de transformação e no total nacional (2007-2012) (%)



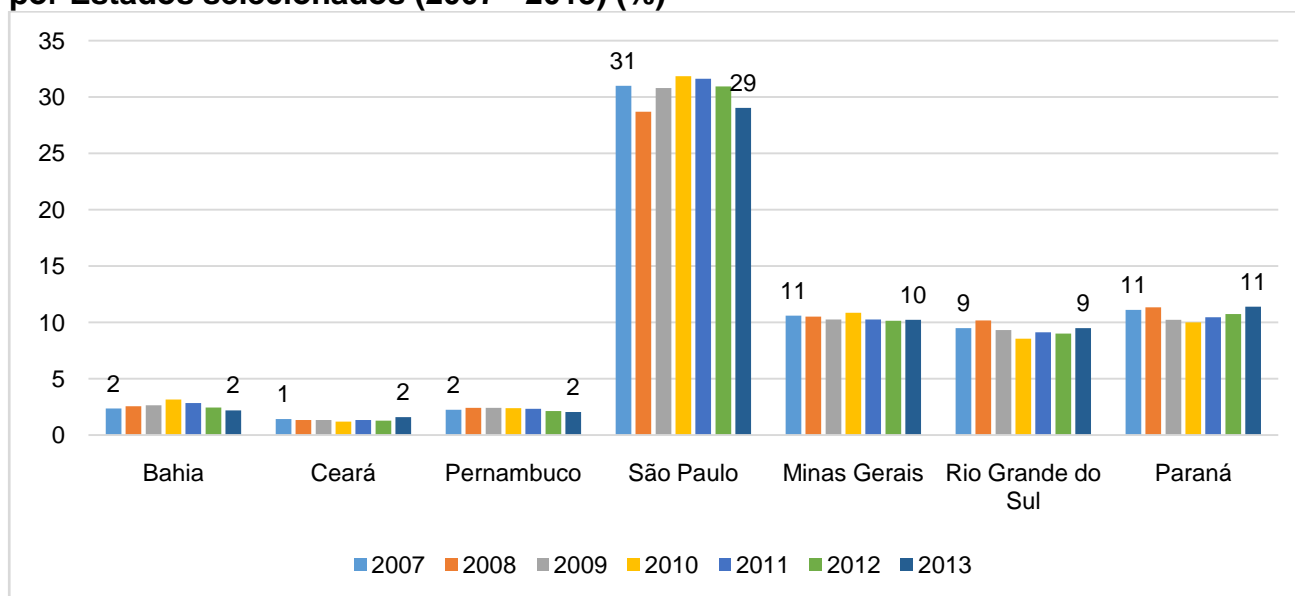
FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Para uma análise comparativa estadual, selecionaram-se dois estados da região Nordeste (Pernambuco e Bahia), além do estado do Ceará, dois estados da região

Sudeste (São Paulo e Minas Gerais) e dois estados da região Sul (Paraná e Rio Grande do Sul). O corte foi efetuado, para efeitos metodológicos, levando em conta a importância da participação do setor de alimentos e bebidas desses estados no setor nacional em 2012.

Como pode ser visualizado no gráfico 3 abaixo, os estados da região Sudeste e Sul são os que participam com maior expressividade no VBP do setor nacional. Assim, em 2007, o VBP do setor de alimentos de São Paulo era responsável por 31% do VBP do setor nacional, chegando, em 2013, a 29% de participação. Paralelamente, nota-se que a participação do VBP dos estados nordestinos é bem inferior aos demais selecionados. O estado do Ceará, por exemplo, do total do VBP do setor de alimentos nacional, era responsável por apenas 2% em 2013, igualando-se a participação dos estados de Pernambuco e Bahia no mesmo ano.

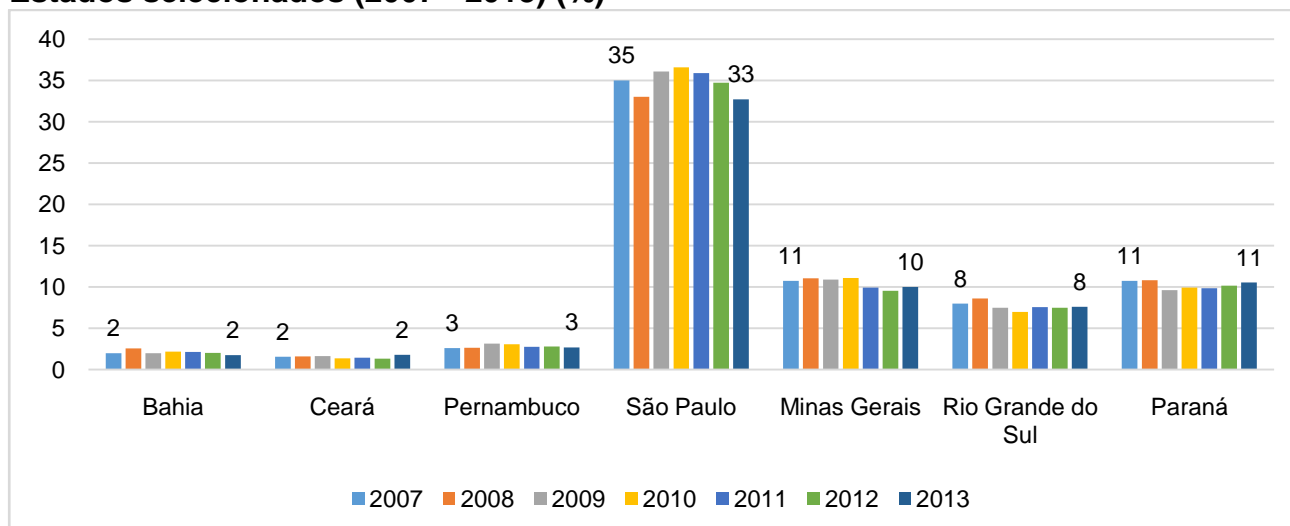
GRÁFICO 3: Brasil: VBP dos setores de alimentos no VBP dos setores nacionais por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Já com relação à participação do VTI, ou seja, desconsiderando o consumo intermediário da produção bruta do setor estadual e nacional, constatou-se que a participação do VTI do setor dos estados do Sudeste e Sul continua superior ao da participação dos estados nordestinos. O setor do estado do Ceará participava com 2% do VTI do setor nacional praticamente em todos os anos analisados.(GRÁFICO 4).

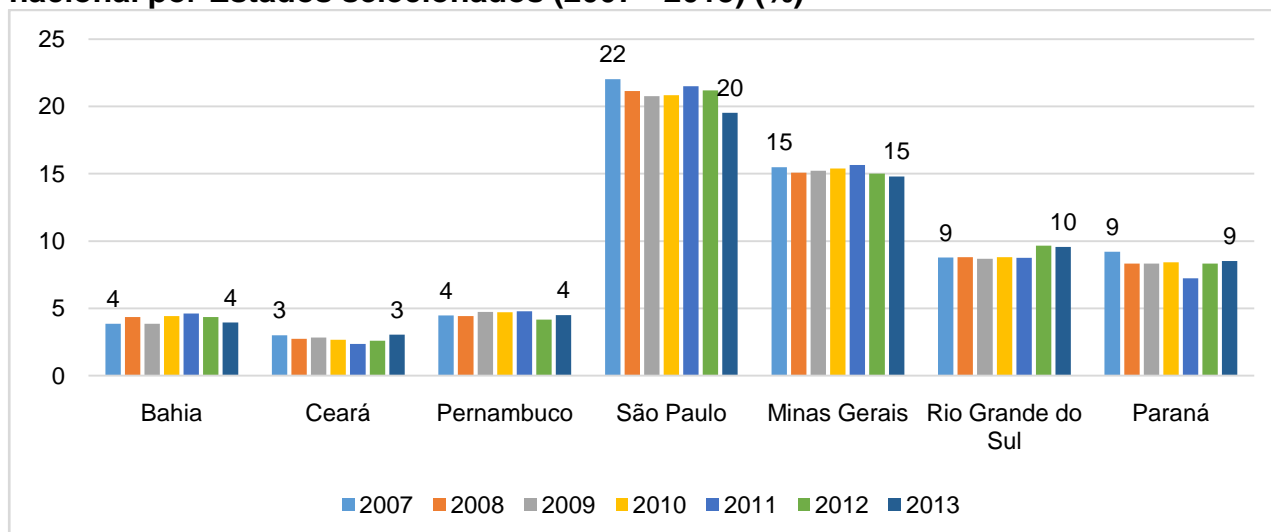
GRÁFICO 4: Brasil: VTI dos setores de alimentos no VTI dos setores nacionais por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Em relação a participação de unidades locais em cada estado selecionado no total das unidades brasileiras do mesmo setor, observou-se que os estados da região Sudeste e Sul detém, novamente, a maior parcela das unidades brasileiras do setor de alimentos, contudo, a participação dos estados nordestinos apresenta-se expressiva. Do conjunto das unidades brasileiras do referido setor, 8% delas estão localizadas nos estados de Pernambuco e Bahia, em 2013, e 3% estão localizadas no estado do Ceará. (GRÁFICO 5).

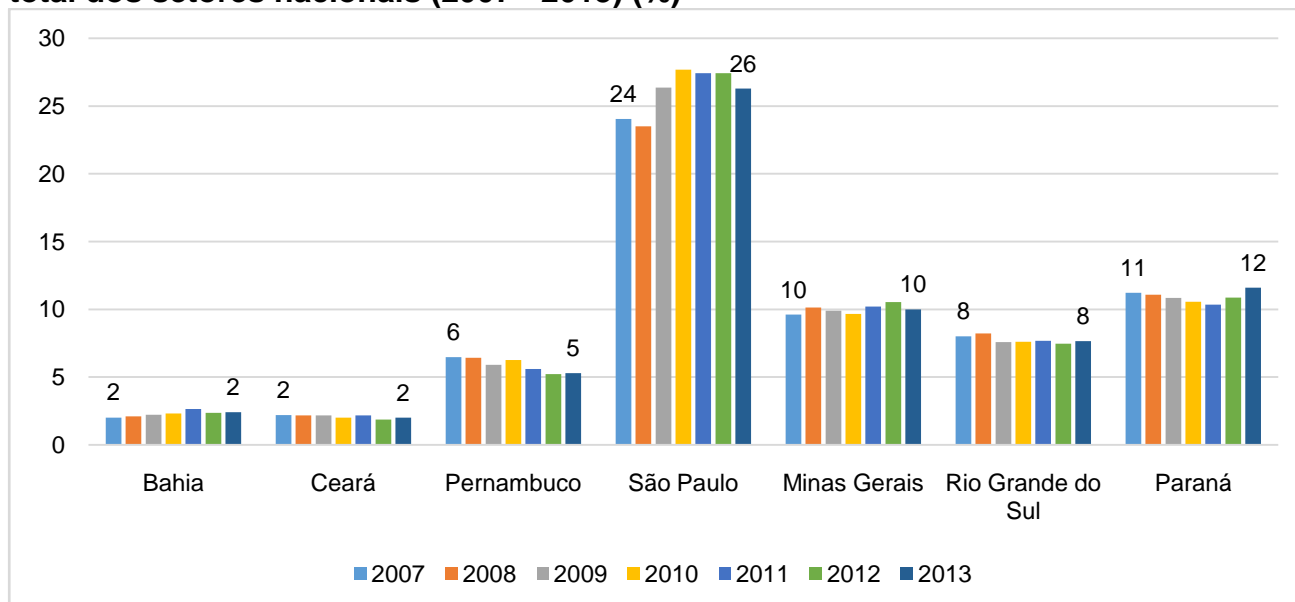
GRÁFICO 5: Brasil: número de unidades do setor de alimentos no total dos setor nacional por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

O percentual de pessoal ocupado no setor de alimentos está concentrado no Sudeste e Sul do País, enquanto o estado de Pernambuco detêm cerca de 5% pessoal ocupado no setor em 2013, o estado do Ceará, por sua vez, foi responsável por 2% do total do pessoal ocupado nacionalmente entre as pontas da série analisada. (GRÁFICO 6).

GRÁFICO 6: Estados Selecionados: pessoal ocupado dos setores de alimentos no total dos setores nacionais (2007 - 2013) (%)

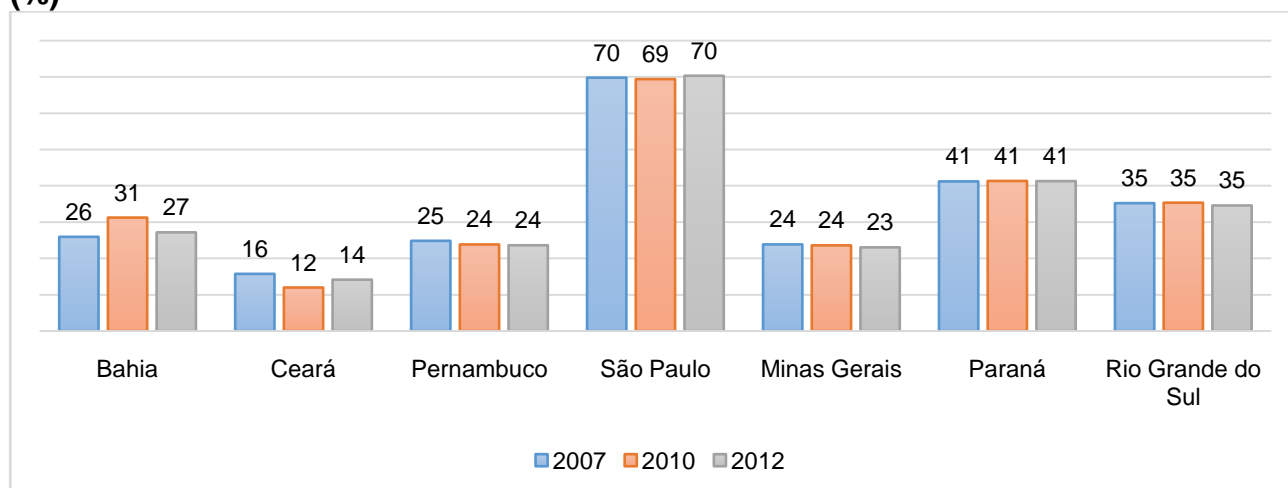


FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

1.1.1 Setor de Alimentos

Analisando os setores de alimentos e de bebidas de forma desagregada é possível identificar as potencialidades no Estado como um todo e no interior das respectivas regiões. No que diz respeito à participação do setor de alimentos no setor de cada Estado na respectiva Região, constata-se que na região Sudeste, São Paulo é o que detém maior participação no VBP do setor regional, seguido por Minas Gerais, enquanto que na Região Sul, o setor do estado do Paraná é o principal responsável pelo VBP do setor regional. Já com relação ao VBP do setor nordestino, Bahia e Pernambuco são os dois principais estados no ranking dos que mais participaram deste valor em 2012, seguidos pelo estado do Ceará, que aparece em terceiro com 14% de participação. (GRÁFICO 7).

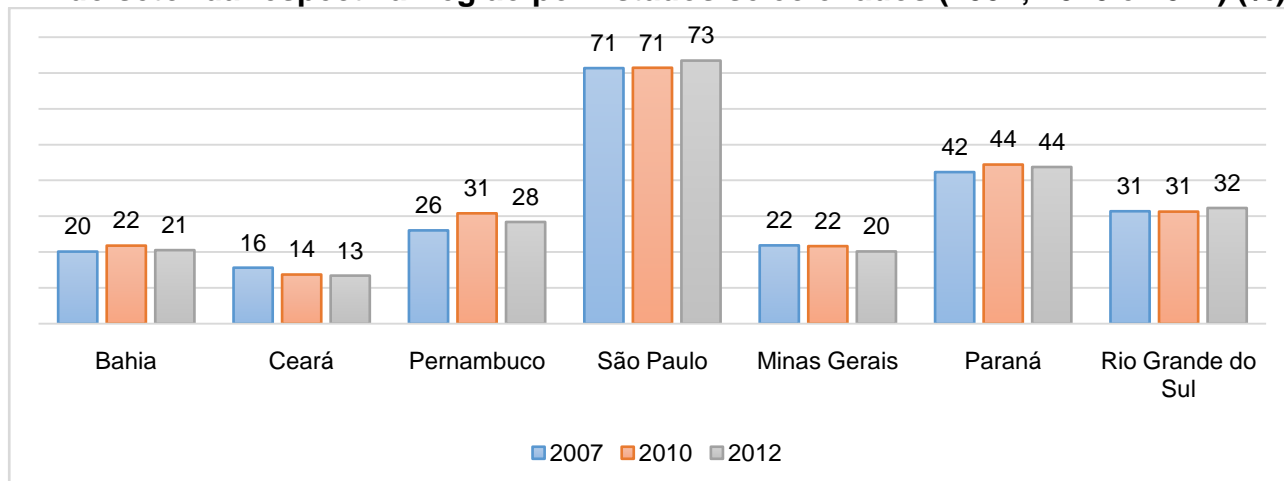
GRÁFICO 7: Brasil:VBP do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VBP do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Ao se verificar a participação do VTI do setor de fabricação de produtos alimentícios de cada estado no VTI do setor regional, verifica-se que São Paulo respondeu, em 2012, por 73% do VTI do setor da região Sudeste, enquanto Minas Gerais ficou com 20% de participação. Já o setor do Paraná e Rio Grande do Sul foi responsável, conjuntamente, por 76% do VTI do setor dessa região em 2012. No caso da região Nordeste, o setor pernambucano deteve, em 2012, 28% de participação, seguido pelo setor baiano, com 21%, e o setor cearense (13%). Ou seja, dentro da região Nordeste os setores estaduais mostram-se mais importante que nacionalmente. (GRÁFICO 8).

GRÁFICO 8: Brasil:VTI do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VTI do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%)

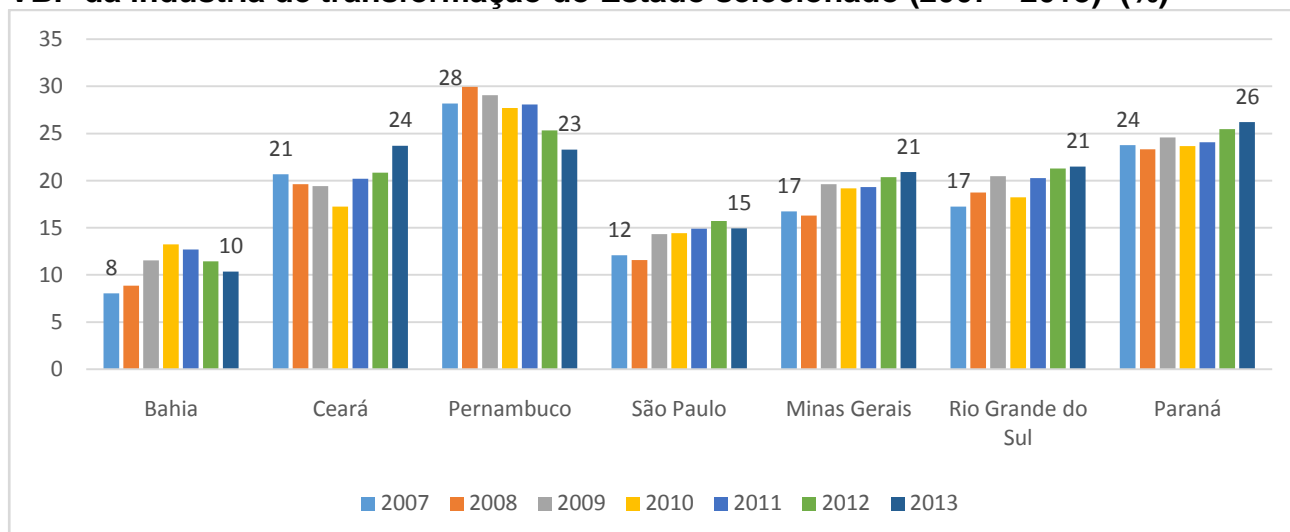


FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Analisando, agora, a participação do VBP do setor de alimentos no VBP da indústria de transformação de cada estado da região do Brasil, percebe-se uma significativa modificação nas participações. Inicialmente, nota-se que na região Sudeste o VBP do setor de alimentos de São Paulo participava, em 2013, com 15% do VBP total da indústria do Estado, face aos 12% do ano de 2007. Tal fato mostra que, apesar do peso do setor estadual no setor nacional, quando comparado dentro do Estado como um todo, a participação do setor é bem menor, dada a grande diversificação industrial de São Paulo, frente aos demais estados, conseqüentemente, o setor passa a ter um peso menor. Já para a região Sul, percebe-se que o setor do Paraná é importante para o VBP do setor da indústria de transformação do estado, com 26% de participação em 2013. (GRÁFICO 9).

No caso da região Nordeste, percebe-se comportamento inverso do presenciado em São Paulo, ou seja, o setor dos estados nordestinos tinha uma pequena participação no setor nacional, mas, em compensação, dentro dos respectivos estados, o setor de alimentos passa a ter um peso maior. O VBP do setor pernambucano participava, em 2013, com 23% do VBP da indústria de transformação do Estado. O estado do Ceará, por sua vez, teve uma participação de 24% de participação no VBP da indústria cearense. E o setor baiano aumentou sua participação de 8%, em 2007, para 10% de participação no VBP da indústria de transformação baiana em 2013.

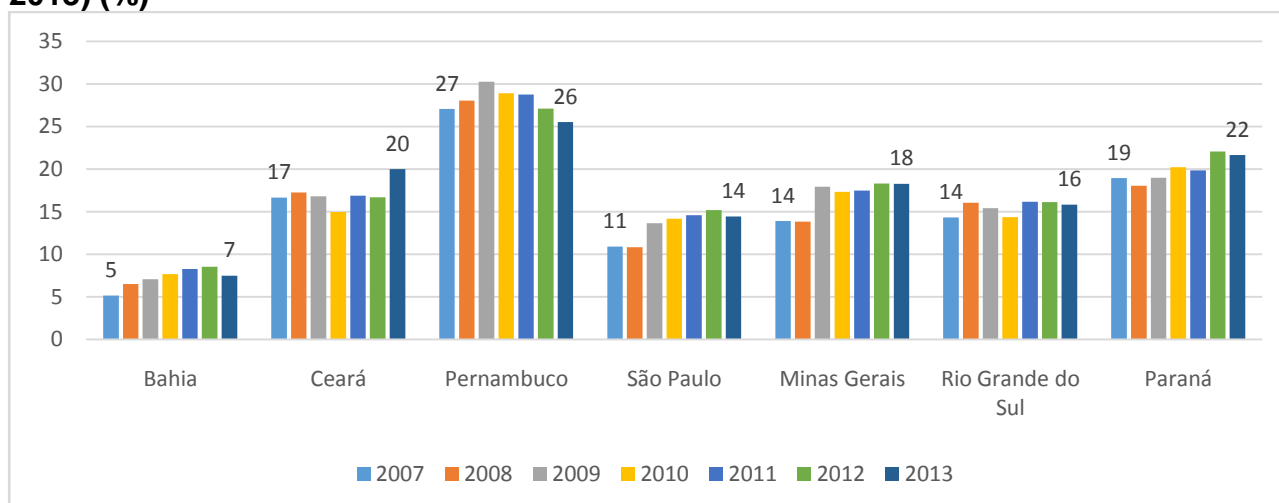
GRÁFICO 9: Brasil: VBP do setor de fabricação de produtos alimentícios no total do VBP da indústria de transformação do Estado selecionado (2007 - 2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015

Comportamento similar é verificado utilizando os dados referentes ao VTI do setor estadual face ao VTI da indústria de transformação dos respectivos estados. Isto é, nota-se que a participação do VTI do setor dos estados do Sudeste possui uma participação menor do que a participação do setor dos estados nordestinos. Isso reforça a ideia de que o setor de alimentos tem o peso maior para a indústria de transformação dos estados da região Nordeste do que para os estados da Região Sudeste, que possuem uma diversificação industrial bem maior. (GRÁFICO 10).

GRÁFICO 10: Brasil: VTI do setor de Fabricação de produtos alimentícios no total do VTI da Indústria de Transformação do Estado por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)



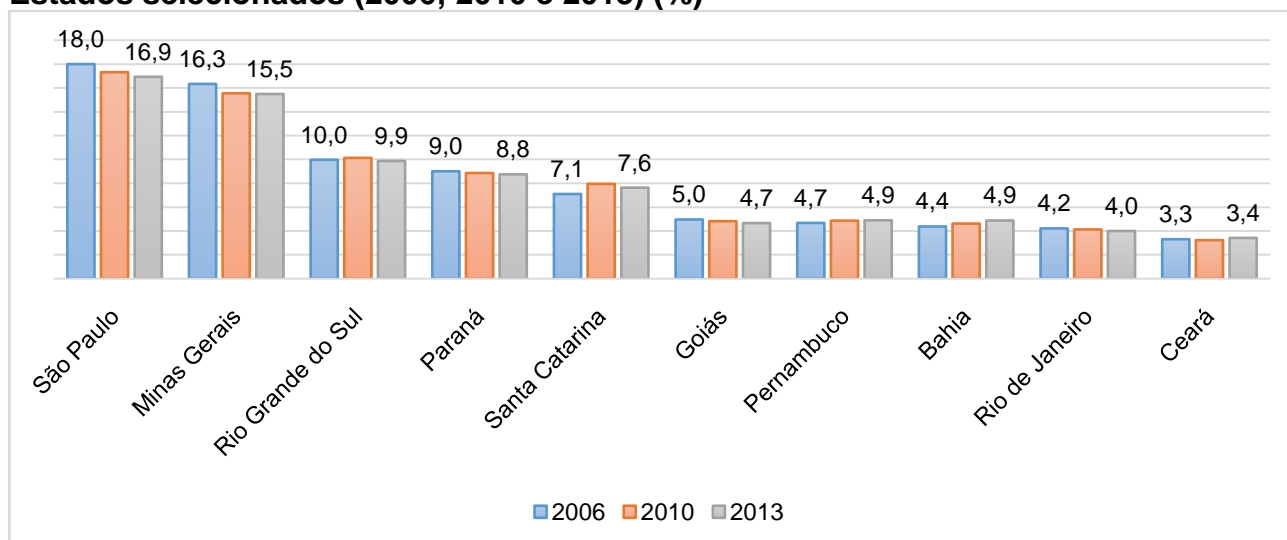
FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Utilizando os dados referentes a estabelecimentos de fabricação de produtos alimentícios por unidades da federação, constatou-se que, em 2013, dez estados

concentravam 80% dos estabelecimentos no Brasil. Os principais estados com maior número de estabelecimentos foram São Paulo, que reduziu 6% o número em relação a 2006, alcançando cerca de 17% de participação no último ano da análise; Minas Gerais é o segundo estado, mas também registrou queda de 5% no número de estabelecimentos no período; e o Rio Grande do Sul, que assim como os dois primeiros, reduziu em torno de 1% o número de empresas no último ano da série. (GRÁFICO 11).

Na tendência inversa acima, outros estados conseguiram elevar o número de estabelecimentos de fabricação de produtos alimentícios em 2013, são eles: o que registrou maior crescimento foi o estado da Bahia, com acréscimo de 11% em relação a 2006, seguido por Santa Catarina (7,5%), Pernambuco (4,7%) e Ceará (3,3%).

GRÁFICO 11: Brasil: estabelecimentos de fabricação de produtos alimentícios por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Desagregando as informações acima por municípios é possível verificar a concentração de estabelecimentos de fabricação de produtos alimentícios. Assim, em 2013, dez municípios brasileiros concentravam 11,8% dos estabelecimentos, e os três principais municípios eram, exatamente, os três principais de 2006, são eles: São Paulo, Fortaleza e Belo Horizonte. Vale ressaltar que os três juntos representavam 5,4% do total das empresas do setor em 2013, face uma participação de 6,4% em 2006. Nesse contexto, São Paulo foi o que registrou a maior queda na participação entre os dois anos, cerca de 19%, seguido por Belo Horizonte (15,6%). (TABELA 1).

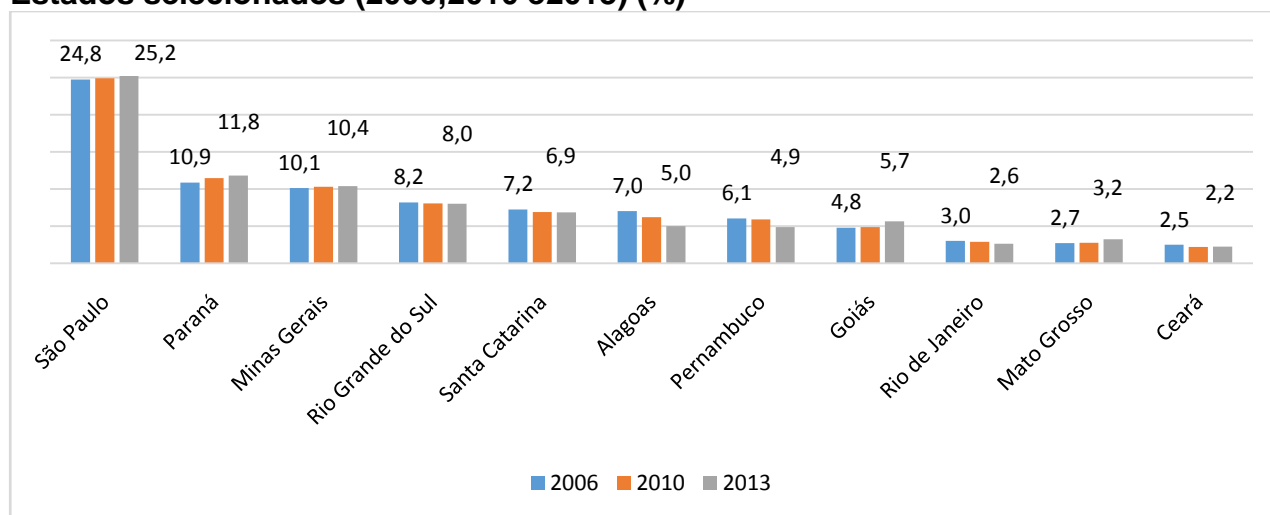
TABELA 1: Brasil: número de estabelecimentos do setor de alimentos por município (2006 e 2013)

Rk	Município	2006	Part%	Rk	Município	2013	Part%
1º	SP-Sao Paulo	1.213	3,44	1º	SP-Sao Paulo	1.223	2,79
2º	CE-Fortaleza	522	1,48	2º	CE-Fortaleza	621	1,42
3º	MG-Belo Horizonte	511	1,45	3º	MG-Belo Horizonte	536	1,22
4º	PE-Recife	458	1,30	4º	GO-Goiania	515	1,18
5º	GO-Goiania	420	1,19	5º	PE-Recife	478	1,09
6º	RJ-Rio de Janeiro	400	1,14	6º	RJ-Rio de Janeiro	459	1,05
7º	PR-Curitiba	305	0,87	7º	PR-Curitiba	394	0,90
8º	DF-Brasilia	269	0,76	8º	DF-Brasilia	376	0,86
9º	RS-Porto Alegre	248	0,70	9º	BA-Salvador	288	0,66
10º	MG-Uberlandia	215	0,61	10º	MG-Uberlandia	274	0,63
	Brasil	35.228	100,00		Brasil	43.800	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Em 2013, dez municípios concentravam 84% dos empregos gerados na fabricação de alimentos, e vale ressaltar que o estado do Ceará não aparecia entre os dez, pois ocupava a décima primeira colocação no *ranking* deste ano. Os três principais estados foram: São Paulo, com 25,2% de participação no total de empregos no setor, Paraná (11,8%) e Minas gerais (10,4%). O estado do Ceará foi adicionado à análise para efeitos comparativos gerais e registrou, no último ano, uma participação de 2,2%, face aos 2,5% de 2006. (GRÁFICO 12).

GRÁFICO 12: Brasil: pessoal ocupado na fabricação de produtos alimentícios por Estados selecionados (2006;2010 e2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Para análise municipal, verificou-se que dez municípios concentravam 9,8% dos empregos gerados na fabricação de produtos alimentícios nacional, contudo, em 2006, a participação dos dez principais municípios correspondia a 11%. Os dois principais municípios concentradores de empregos do setor foram São Paulo, que apesar da

redução de 3% na participação, em 2006, para 2,9% em 2013, em termos de valor absoluto aumentou em 21% entre os dois anos; e Rio de Janeiro, segundo do *ranking*, registrou mesmo comportamento de São Paulo, pois reduziu a participação no total de emprego, alcançando 1,1%, em 2013, enquanto em termos absolutos ocorreu aumento de 20% em relação ao primeiro ano da análise. (TABELA 2).

A cidade de Fortaleza caiu uma posição no ranking em 2013, refletindo, portanto, a queda na participação, que era de 1%, em 2006, para 0,85% em 2013. No entanto, em termos absolutos, a cidade aumentou em 8,6% no período o número de empregos gerados no setor em relação ao total de empregos no País.

TABELA 2: Brasil: número de empregados do setor de alimentos por municípios (2006 e 2013)

RK	Município	2006	Part.%	RK	Município	2013	Part.%
1º	SP-São Paulo	35.449	3,03	1º	SP-São Paulo	43.109	2,86
2º	RJ-Rio de Janeiro	13.859	1,18	2º	RJ-Rio de Janeiro	16.666	1,11
3º	CE-Fortaleza	11.715	1,00	3º	SC - Chapeco	13.065	0,87
4º	SC - Chapeco	11.502	0,98	4º	CE-Fortaleza	12.728	0,85
5º	AL-Coruripe	11.130	0,95	5º	PR-Curitiba	12.186	0,81
6º	PR-Curitiba	10.980	0,94	6º	GO – Rio Verde	11.190	0,74
7º	GO – Rio Verde	9.157	0,78	7º	GO – Goiânia	11.009	0,73
8º	PR - Toledo	8.797	0,75	8º	AL-Coruripe	10.951	0,73
9º	MG-Uberlândia	8.654	0,74	9º	PR - Maringá	8.733	0,58
10º	GO – Goiânia	8.458	0,72	10º	PR - Toledo	8.480	0,56
	Brasil	1.170.631	100,00		Brasil	1.504.798	

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Comparando a capital cearense com os outros municípios do Estado que detém estabelecimentos do setor de alimentos, percebe-se que a Capital, sozinha, concentra 41% das empresas deste segmento industrial. Em 2013, os dez principais municípios que possuíam estabelecimentos concentravam, juntos, 63,6% do total do estado, contudo, em 2006, esse percentual correspondia a 68%. Dos dez principais municípios do último ano, três deles, além de Fortaleza, pertencem a RMF, são eles: Maracanaú, detendo 4,8% dos estabelecimentos deste setor; Caucaia (4,5%) e Eusébio (2%). (TABELA 3).

TABELA 3: Ceará: número de estabelecimentos do setor de alimentos por municípios (2006-2013) (%)

RK	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Fortaleza	44,69	43,26	41,21	41,29	42,34	39,69	40,80	41,40
2º	Maracanaú	3,60	3,56	4,46	4,94	5,75	5,50	5,27	4,80
3º	Caucaia	4,11	4,14	4,05	3,95	3,88	4,55	4,65	4,53
4º	Juazeiro do Norte	4,37	4,30	4,54	3,77	5,39	4,62	4,51	3,67
5º	Eusébio	1,63	2,15	2,15	2,15	1,80	1,91	1,94	2,07

6º	Sobral	1,63	1,74	1,82	1,62	2,23	1,54	1,67	1,93
7º	Iguatu	2,65	2,56	2,48	2,33	1,37	1,98	1,80	1,53
8º	Aracati	1,63	1,41	1,49	1,80	1,44	1,39	1,46	1,40
9º	Limoeiro do Norte	1,88	1,82	1,57	1,89	1,58	1,69	1,60	1,33
10º	Crato	2,14	2,07	2,06	1,62	1,29	0,95	0,97	0,93
	Subtotal	68,32	67,00	65,81	65,35	67,07	63,83	64,68	63,60
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Em 2013, dez cidades do Ceará concentravam 83% dos empregos gerados no setor de alimentos, quase 1% a mais do que em 2006. Os três principais municípios concentradores na geração de empregos no segmento foram Fortaleza, maiorempregadorestadual ao longo do período analisado, com 38%, Eusébio (18%) e Maracanaú (10%). Além desses, outros três municípios estão presentes entre os principais e que formam, juntos, a RMF, são eles: Aquiraz (4,6%), Caucaia (2,5%) e Cascavel (2%). (TABELA 4).

TABELA 4: Ceará: número de empregos do setor de alimentos por municípios (2006-2013) (%)

Rk	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Fortaleza	40,30	40,87	39,35	38,54	39,60	37,70	38,55	37,99
2º	Eusébio	13,34	14,53	14,59	14,21	14,27	14,91	16,24	17,69
3º	Maracanaú	8,95	6,24	6,50	6,89	8,99	8,61	10,16	9,99
4º	Aquiraz	4,47	4,81	4,62	4,80	4,93	4,96	5,19	4,66
5º	Aracati	3,71	2,42	2,27	2,66	2,46	1,80	2,65	2,60
6º	Caucaia	2,98	2,65	2,87	2,67	2,77	2,77	2,44	2,47
7º	Sobral	1,62	1,63	1,24	1,62	2,32	1,77	1,88	2,13
8º	Cascavel	3,84	3,89	4,20	5,23	2,62	2,99	2,93	2,01
9º	Itapipoca	2,90	2,33	2,21	2,40	2,31	2,18	2,28	1,97
10º	Morada Nova	0,30	1,35	1,38	1,39	1,43	1,57	1,53	1,68
	Subtotal	82,41	80,72	79,22	80,40	81,71	79,27	83,85	83,18
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

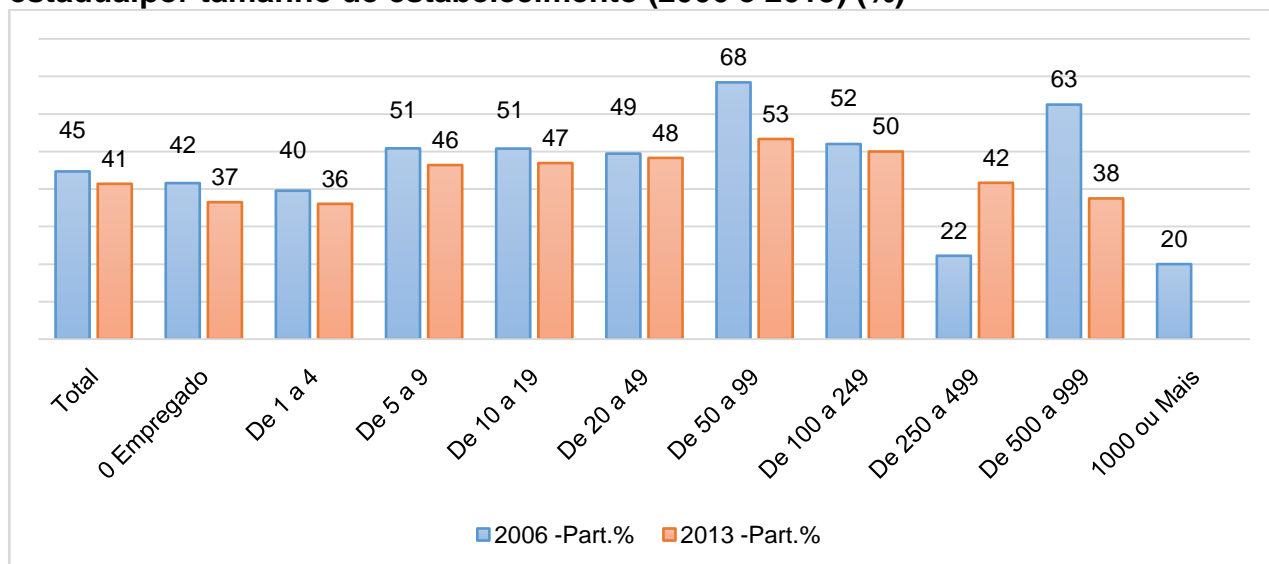
FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Como pode ser observado no gráfico 13 abaixo, em 2006, cerca de 45% das empresas do setor de alimentos do Estado estava concentrada em Fortaleza. Contudo, em 2013, esse percentual reduziu para 41%, devido ao surgimento de novas empresas em outros municípios cearenses, gerando, conseqüentemente, uma maior pulverização da concentração desses estabelecimentos.

Em termos de tamanho, nos dois anos observados, ocorreu uma maior concentração de empresas que tinham entre 1 e 9 empregados com carteira assinada,

totalizando 337 estabelecimentos (29% do total do estado em 2006), e 373 empresas em 2013 localizadas em Fortaleza, o que representou cerca de 25% do total das empresas estaduais deste segmento. As empresas que detinham entre 10 e 999 empregados somavam-se um total de 143, no primeiro ano, e 202 em 2013.

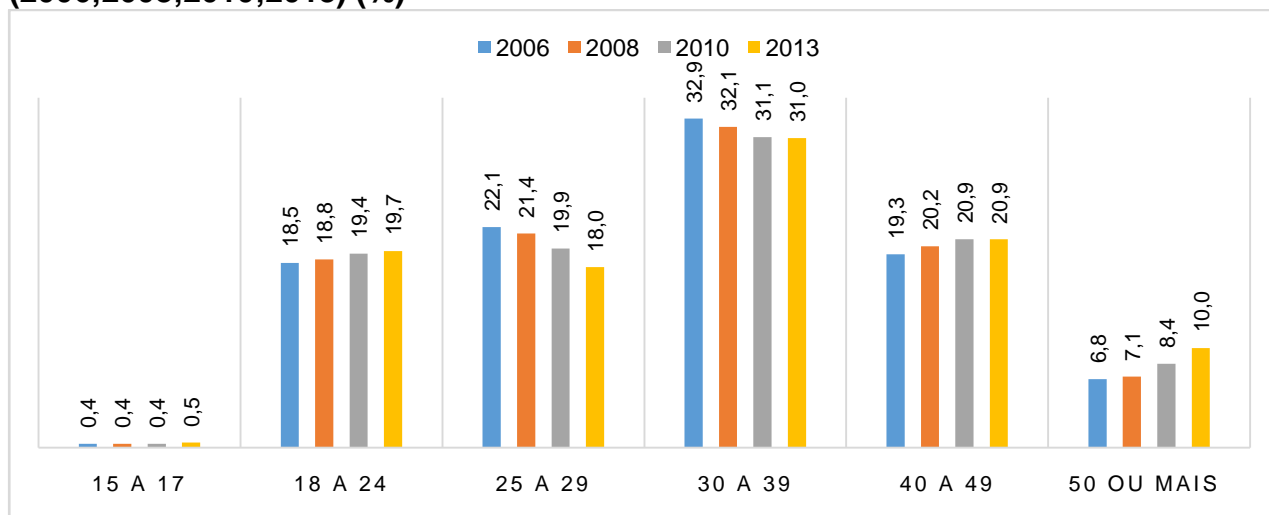
GRÁFICO 13: Fortaleza: empresas do setor de alimentos no total do setor estadual por tamanho de estabelecimento (2006 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

O quadro de empregados do setor de alimentos de Fortaleza é formado, principalmente, por pessoas com idade entre 25 e 39 anos. Contudo, entre 2006 e 2013, a participação dos empregados entre 25 e 29 anos e 30 e 39 anos reduziu no período. O primeiro respondia por 22% dos empregados do setor em 2006, caindo para 18% em 2013. Já o segundo grupo, caiu de 33% para 31% no último ano. Em contrapartida, o grupo de trabalhadores acima de 50 anos cresceu 47% entre os extremos da análise, saindo de uma participação de 6,8%, em 2006, para 10% em 2013. Outro grupo que aumentou a participação no total dos empregados de Fortaleza foi aquele entre 18 e 24 anos, chegando, em 2013, a 19,7% do total dos trabalhadores, contra 6,7 em 2006. (GRÁFICO 14).

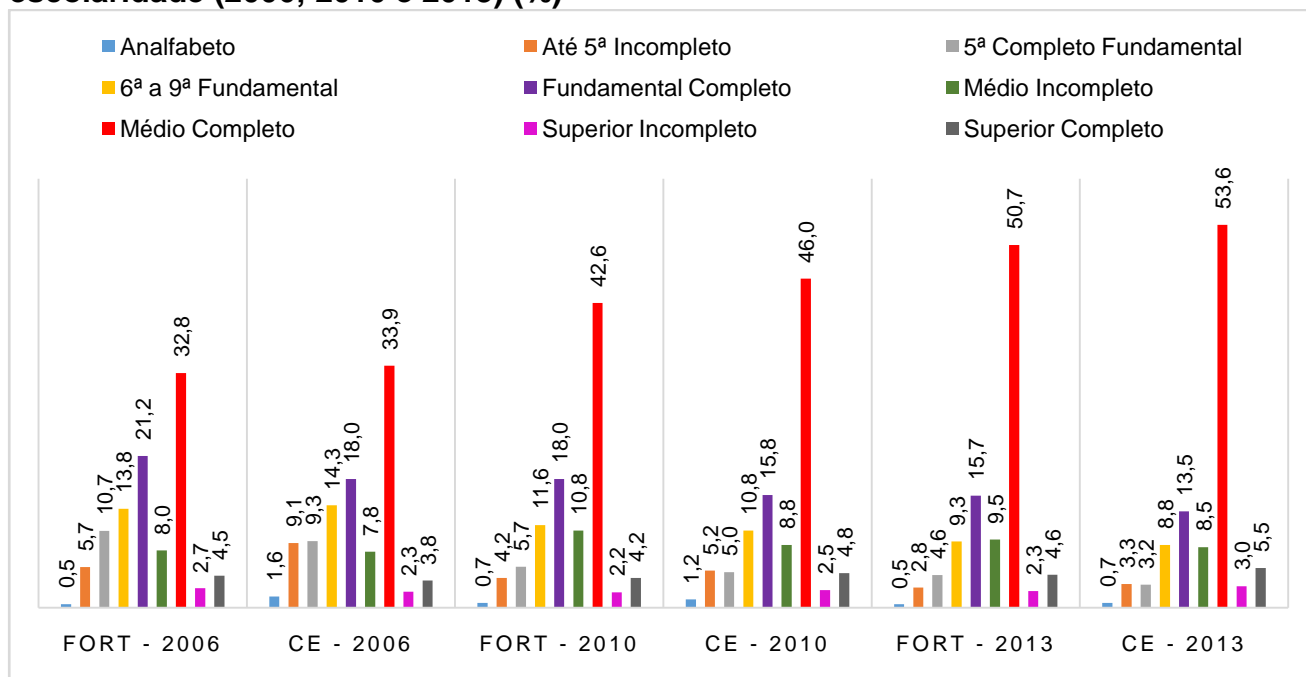
GRÁFICO 14: Fortaleza: faixa etária do pessoal empregado do setor de alimentos (2006;2008;2010;2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Em termos de grau de instrução dos trabalhadores empregados no setor de alimentos em Fortaleza, comparado com o total estadual, constata-se, pelo gráfico abaixo, que o percentual de trabalhadores do setor estadual com nível médio completo aumentou entre 2006 e 2013 em 58%. A mesma tendência é observada para o município de Fortaleza, que aumentou em 55% o número de trabalhadores com este nível de escolaridade no setor. Outra observação importante que pode ser extraída é o aumento de 46% do número de empregados com superior completo no setor estadual, enquanto, na Capital, o aumento foi modesto, em torno de 3%. O percentual de trabalhadores com ensino médio incompleto na capital, por sua vez, aumentou 18,7% entre o período citado, contra um crescimento de 8% do setor estadual. Por fim, observou-se, também, a redução percentual de trabalhadores com grau de instrução menor que 9 anos de estudo em 2013. (GRÁFICO 15).

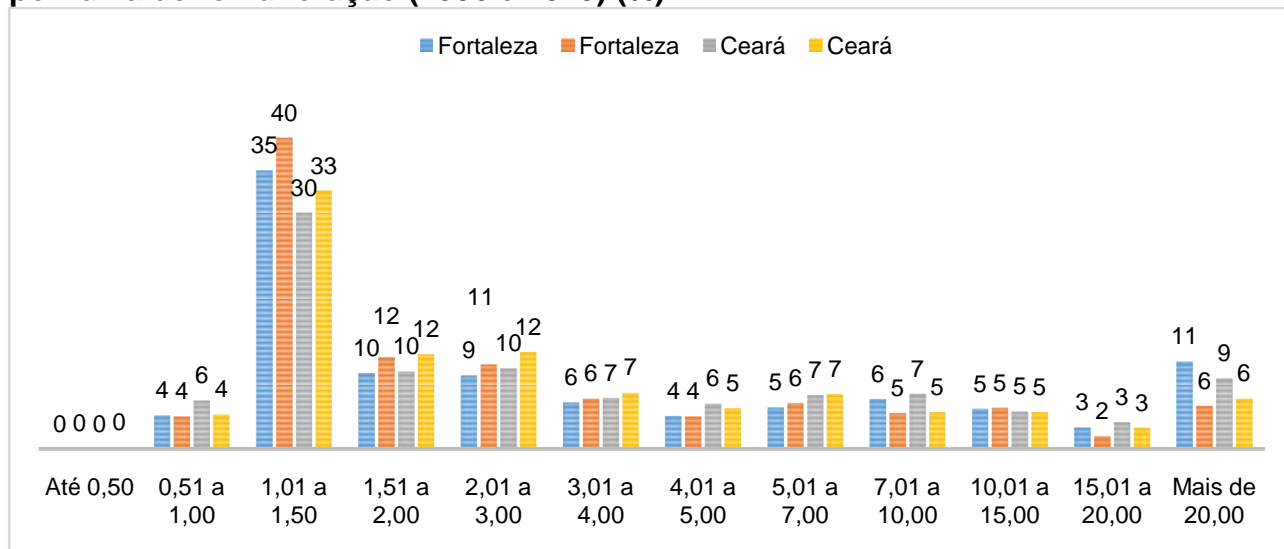
GRÁFICO 15: Ceará x Fortaleza: pessoal empregado do setor de alimentos por escolaridade (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

A remuneração do pessoal empregado dos setores de alimentos e de bebidas está concentrada na faixa de um a um e meio salário mínimo, tanto para o estado do Ceará quanto para o município de Fortaleza. Este conjunto representa 40% dos empregados, seguindo por aqueles que percebem de um meio a dois com 12% e de dois a três com 11%. Portanto, nesse agregado estão 63% dos empregados do setor analisado em 2013. A proporção dos que estão nessas faixas de remuneração vem incrementando ao longo dos últimos sete anos na medida em que esta passou de 55% em 2006, para 57% em 2008 e 60% em 2010. De seu lado, sete outras faixas de remuneração abrigam cinco por cento cada do pessoal, ou seja, uma faixa no intervalo entre meio e um salário mínimo, cinco faixas compreendidas entre três e quinze salários e uma com mais de vinte. (GRÁFICO 16).

GRÁFICO 16: Ceará x Fortaleza: pessoal ocupado do setor de alimentose bebidas por faixa de remuneração (2006 e 2013) (%)

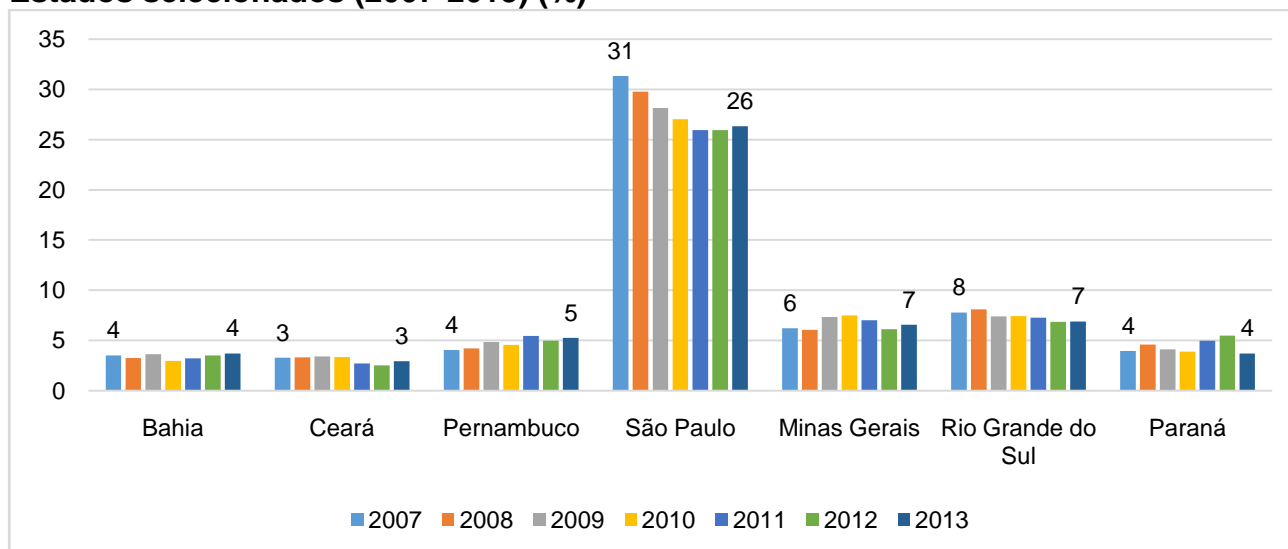


FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

1.1.2 O Setor de Bebidas

Como pode ser visualizado no gráfico 17 abaixo, os estados da região Sudeste e Sul são os que participam com maior expressividade no VBP do setor nacional. Assim, em 2007, o VBP do setor de bebidas de São Paulo era responsável por 31% do VBP do setor nacional, caindo, em 2013, para 26% de participação. Paralelamente, nota-se que a participação do VBP dos estados nordestinos é bem inferior aos demais selecionados. O estado do Ceará, por exemplo, do total do VBP do setor de bebidas nacional, era responsável por apenas 3% em 2013, inferior a participação dos estados de Pernambuco e Bahia no mesmo ano.

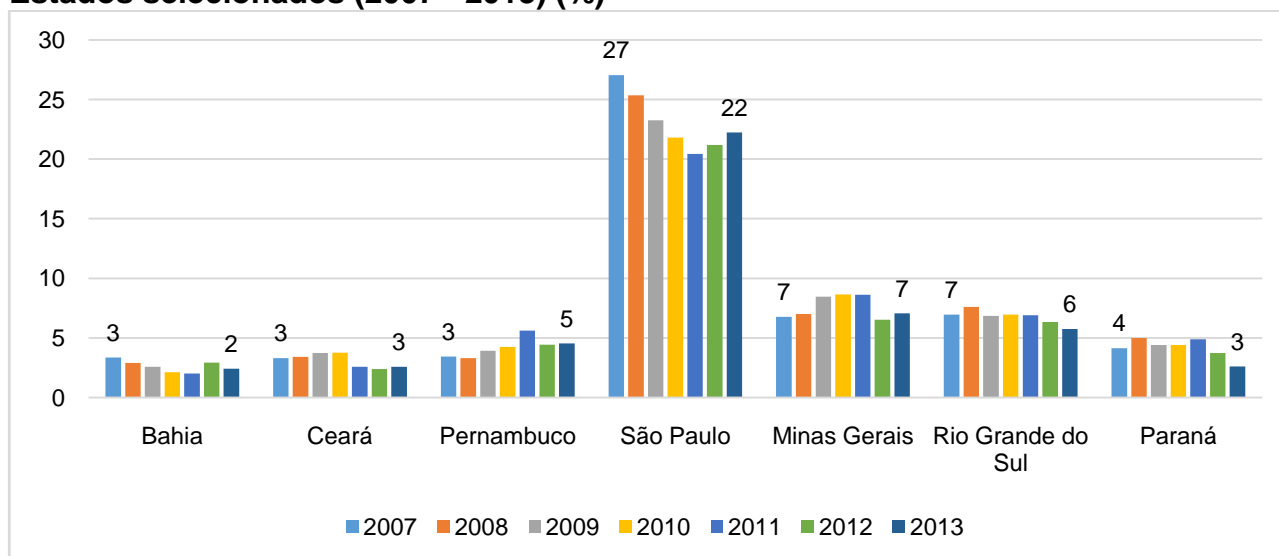
GRÁFICO 17: Brasil: VBP dos setores de bebidas no VBP dos setores nacionais por Estados selecionados (2007-2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Já com relação à participação do VTI, constatou-se que a participação do VTI do setor dos estados do Sudeste e Sul continua superior ao da participação dos estados nordestinos. O setor do estado do Ceará participava com 3% do VTI do setor nacional. (GRÁFICO 18).

GRÁFICO 18: Brasil: VTI dos setores de bebidas no VTI dos setores nacionais por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)

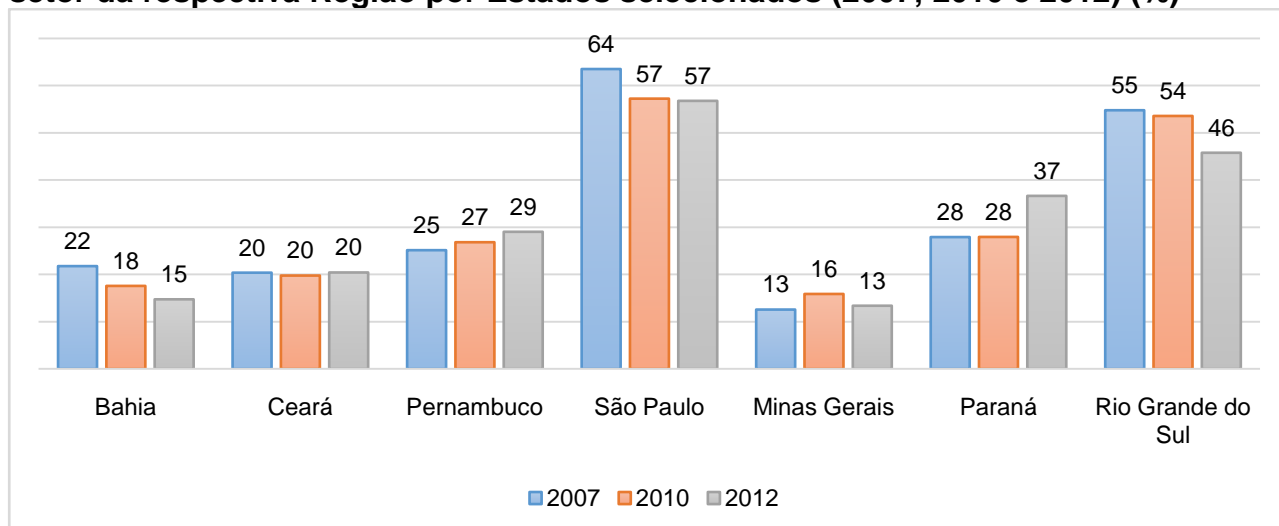


FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

No caso do setor de bebidas, a participação do VBP do setor estadual no total do VBP do setor regional mostra-se bem mais expressivo para os estados do Sudeste e Sul do País, ou seja, em termos regionais, o setor destes estados possui um peso significativo na geração do VBP. Para os estados nordestinos, nota-se que o setor estadual ganhou representatividade regional, na medida em que de todo o VBP do setor de bebidas do

Nordeste, em 2012, 29% correspondia à participação de Pernambuco, 20% de participação do estado do Ceará e 15% de participação baiana. (GRÁFICO 19).

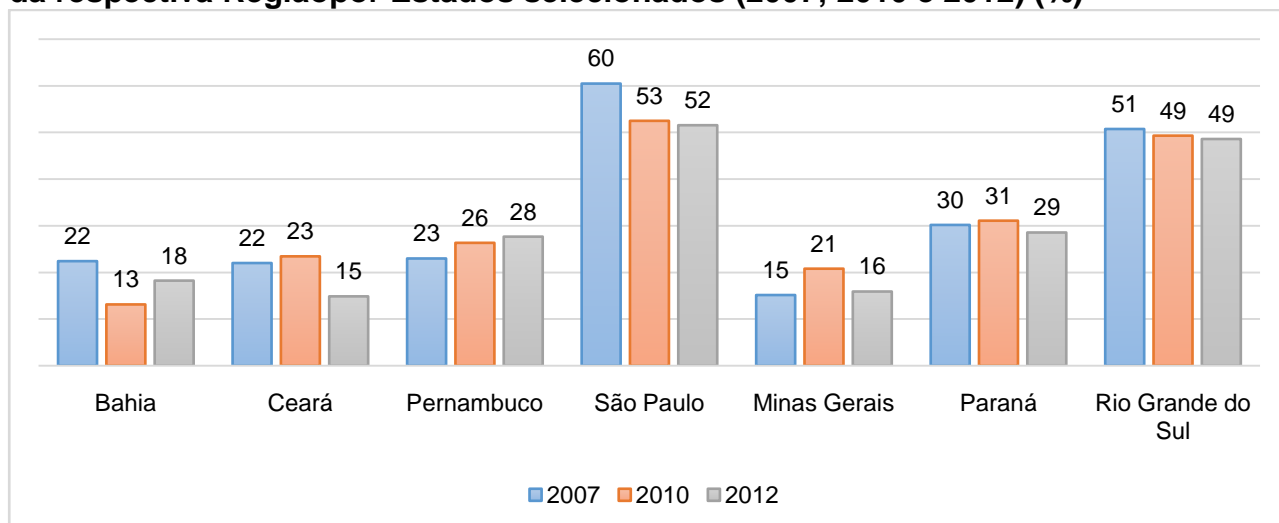
GRÁFICO 19: Brasil: VBP do setor de fabricação de bebidas no total do VBP do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Observou-se, ainda, que o setor dos estados nordestinos participava significativamente do VTI do respectivo setor regional, sendo o setor pernambucano o que teve maior representatividade frente aos demais, com 28% de participação em 2012, seguido pelo setor baiano (18%) e o setor cearense (15%). O setor de bebidas do Rio Grande do Sul, por sua vez, é o mais representativo no VTI da região Sul, seguido pelo setor paranaense. Na região Sudeste, o setor paulista é o mais representativo no VTI regional, mantendo a tendência já apresentada anteriormente. (GRÁFICO 20).

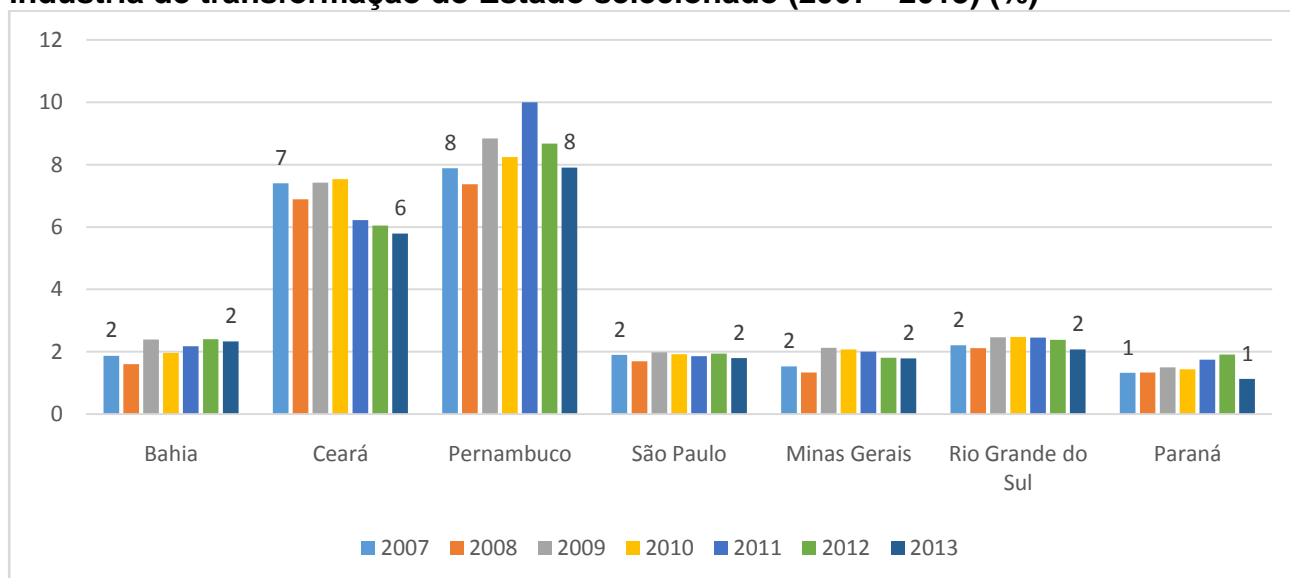
GRÁFICO20: Brasil: VTI do setor de fabricação de bebidas no total do VTI do setor da respectiva Região por Estados selecionados (2007; 2010 e 2012) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

A participação do VBP do setor de bebidas no VBP da indústria de transformação estadual mostra que o setor em estudo tem representatividade no contexto industrial de cada estado analisado. Diante deste quadro, nota-se que, em 2013, do VBP da indústria de transformação de Pernambuco, 8% foi oriundo do VBP do setor, e, para o estado do Ceará, o setor representa 6% do VBP da indústria cearense. Já para o setor dos estados do Sul e Sudeste, a representatividade no VBP tem menor significância. (GRÁFICO 21).

GRÁFICO 21: Brasil: VBP do setor de fabricação de bebidas no total do VBP da indústria de transformação do Estado selecionado (2007 - 2013) (%)

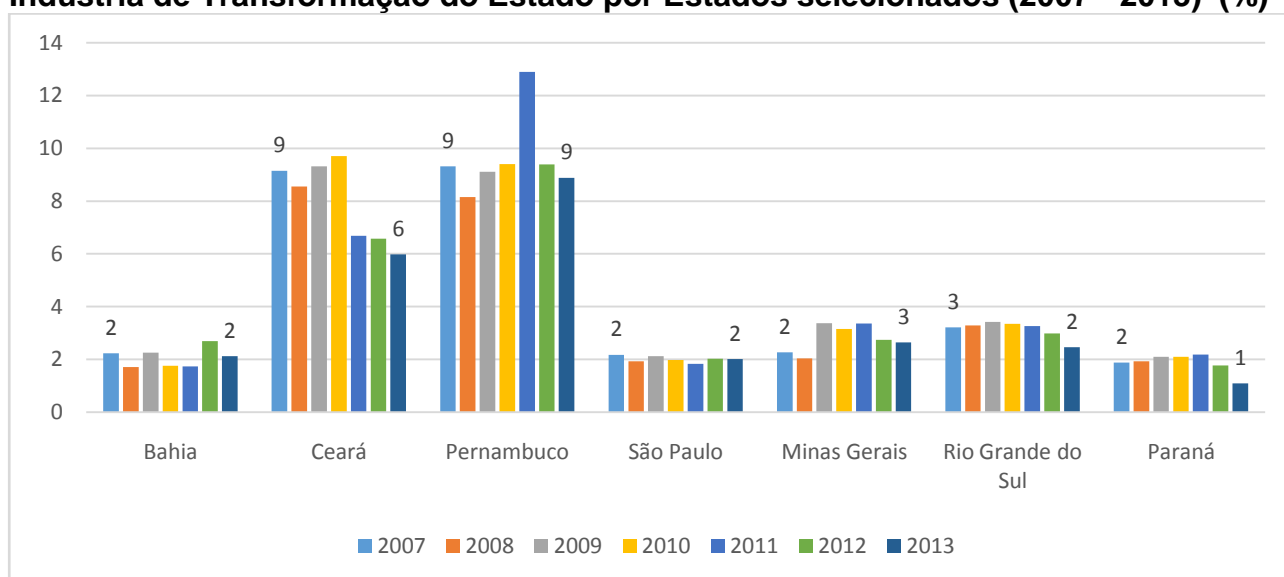


FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Diferentemente do comportamento apresentado pelo setor de alimentos, a representatividade do setor de bebidas no VTI da indústria de transformação para os

respectivos estados mostra que o setor dos estados nordestinos possui peso expressivo na geração do valor adicionado da indústria. Assim, diante deste quadro, do total do VTI da indústria de transformação do estado de Pernambuco, 9% é de responsabilidade do setor de bebidas. Para o estado do Ceará, apesar da queda registrada em 2013, 6% do VTI da indústria cearense é advindo do referido setor. Enquanto o setor dos estados do Sudeste e Sul não apresentou grande participação, como o presenciado pelo setor de alimentos. No caso de São Paulo, por exemplo, do VTI da indústria paulista, apenas 2% é oriundo do VTI do setor de bebidas em 2013. (GRÁFICO 22).

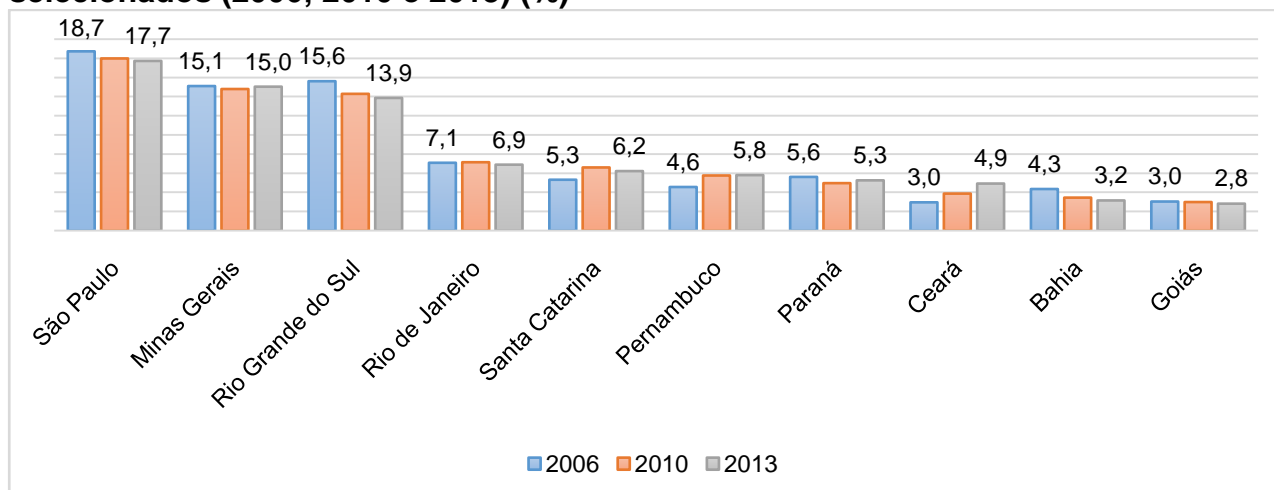
GRÁFICO 22: Brasil: VTI do setor de Fabricação de bebidas no total do VTI da Indústria de Transformação do Estado por Estados selecionados (2007 - 2013) (%)



FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015.

Em 2013, segundo dados da RAIS (2015), dez estados do País concentravam cerca de 82% de estabelecimentos relacionados a fabricação de bebidas, os três principais foram: São Paulo, com 17,7% dos estabelecimentos nacionais; Minas Gerais (15%) e Rio Grande do Sul (14%). Os estados do Rio Grande do Sul e da Bahia perderam parcela significativa da participação no último ano, o primeiro perdeu 27% e o segundo 11% em relação ao primeiro ano. Em contra partida, o estado do Ceará aumentou sua participação em 66%, seguido pelo estado de Pernambuco, que registrou elevação de 27%, e por Santa Catarina (17%). (GRÁFICO 23).

GRÁFICO 23: Brasil:estabelecimentos de fabricação de bebidas por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Ao se desagregarem as informações referentes ao número de estabelecimentos por municípios cearenses, constatou-se que, em 2013, dez cidades concentravam 12% das empresas do setor nacional, mesmo percentual do ano de 2006. Em 2013, ocorre modificação no posicionamento dos principais do *ranking*, pois a cidade de São Paulo era a quarta em 2006, com 1,8% de participação, e alcança a primeira posição com 2% de participação em 2013. A capital cearense, por sua vez, pulou da nona posição para terceira, detendo 1,7% dos estabelecimentos do setor de bebidas nacional no último ano. (TABELA 5).

TABELA 5: Brasil:número de estabelecimentos do setor de bebidas por município (2006 e 2013)

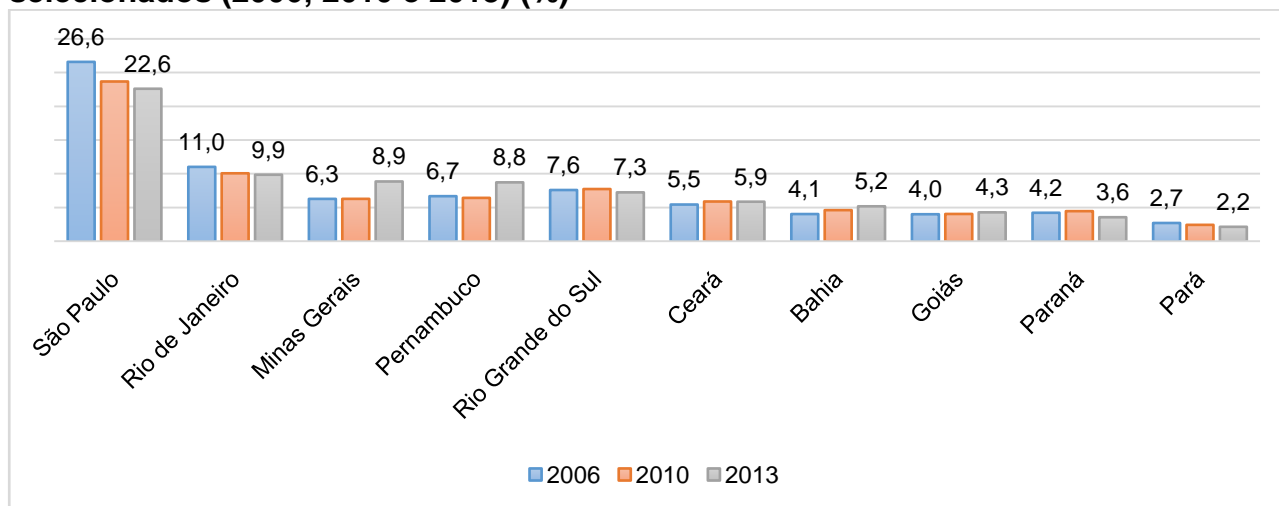
Rk	Município	2006	Part.%	Rk	Município	2013	Part.%
1º	RS-Flores da Cunha	65	2,74	1º	SP-São Paulo	49	2,06
2º	RJ-Rio de Janeiro	47	1,98	2º	RS-Flores da Cunha	48	2,02
3º	RS-Caxias do Sul	47	1,98	3º	CE-Fortaleza	41	1,72
4º	SP-São Paulo	43	1,81	4º	RS-Bento Goncalves	38	1,60
5º	RS-Bento Goncalves	36	1,52	5º	Rj-Rio de Janeiro	33	1,39
6º	RS-Garibaldi	27	1,14	6º	RS-Caxias do Sul	32	1,34
7º	PE-Recife	19	0,80	7º	AM-Manaus	29	1,22
8º	AM-Manaus	18	0,76	8º	PE-Recife	26	1,09
9º	CE-Fortaleza	18	0,76	9º	RS-Garibaldi	22	0,92
10º	PR-Curitiba	18	0,76	10º	MG-Belo Horizonte	18	0,76
	Brasil	2.370	100,00		Brasil	2.380	

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Dez estados, em 2013, foram responsáveis por 78,5% de empregos gerados no setor de bebidas. Os dois principais foram São Paulo, com 22,6%, e Rio de Janeiro

(9,9%). No entanto, esses estados reduziram 15% e 10% a participação, respectivamente. Já os estados de Minas Gerais, Pernambuco e Ceará conseguiram elevar expressivamente suas participações em 2013, face a 2006. No caso do setor cearense, o aumento foi de 28% no período considerado. (GRÁFICO 22).

GRÁFICO 24: Brasil: pessoal empregado na fabricação de bebidas por Estados selecionados (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Na análise do pessoal ocupado por municípios brasileiros, nota-se que São Paulo subiu uma posição no *ranking* em 2013, contudo, em termos percentuais, chegou à 2,5%, enquanto, em 2006, era de 2,6%. Já a capital cearense avançou duas posições, saindo da 8ª colocação para 6ª, onde 1,7% dos empregados desse setor estão nesta capital. (TABELA 6).

TABELA 6: Brasil: pessoal empregado no setor de bebidas por município (2006 e 2013)

Rk	Município	2006	Part. %	Rk	Município	2013	Part. %
1º	RJ - Rio de Janeiro	5.830	5,60	2º	SP - São Paulo	3.468	2,49
2º	SP - São Paulo	2.723	2,61	3º	AM - Manaus	3.395	2,44
3º	AM - Manaus	2.558	2,46	4º	PE-Escada	3.246	2,33
4º	PA-Belém	1.842	1,77	5º	DF-Brasília	2.540	1,83
5º	DF-Brasília	1.775	1,70	6º	CE-Fortaleza	2.343	1,68
6º	PR-Curitiba	1.679	1,61	7º	SP-Boituva	2.330	1,68
7º	RS-Porto Alegre	1.676	1,61	8º	SP-Jundiá	2.261	1,63
8º	CE-Fortaleza	1.592	1,53	9º	RS-Porto Alegre	2.207	1,59
9º	SP-Jacarei	1.521	1,46	10º	GO-Trindade	2.128	1,53
	Brasil	104.155	100,00		Brasil	139.074	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Em 2013, dez cidades concentravam 72% dos estabelecimentos do setor de bebidas no estado do Ceará, contra participação de 68% no número total de empresas

em 2006. A capital cearense aparece, novamente, como a principal cidade com maior número de empresas deste segmento, com 35% de participação. Além de Fortaleza, o grupo dos dez principais municípios é formado por mais seis que pertencem a RMF, com destaque para Aquiraz e Maracanaú, que detinham, em 2013, 6% dos estabelecimentos cada um, Eusébio (5%) e Horizonte (3,4%). (TABELA 7).

TABELA 7: Ceará:número de estabelecimentos do setor de bebidas por município (2006-2013) (%)

Rk	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Fortaleza	25,71	28,17	27,63	28,05	28,26	31,25	30,48	35,04
2º	Aquiraz	8,57	7,04	5,26	6,10	8,70	7,29	9,52	5,98
3º	Maracanaú	8,57	7,04	6,58	4,88	5,43	4,17	6,67	5,98
4º	Eusébio	2,86	4,23	3,95	4,88	5,43	5,21	5,71	5,13
5º	Juazeiro do Norte	1,43	1,41	2,63	3,66	3,26	5,21	6,67	5,13
6º	Crato	7,14	7,04	5,26	4,88	4,35	4,17	3,81	3,42
7º	Horizonte	2,86	4,23	3,95	4,88	4,35	4,17	3,81	3,42
8º	Sobral	5,71	5,63	5,26	6,10	5,43	3,13	3,81	3,42
9º	Caucaia	2,86	1,41	2,63	1,22	3,26	3,13	0,95	2,56
10º	Pacatuba	2,86	2,82	3,95	3,66	3,26	3,13	2,86	2,56
	Subtotal	68,57	69,01	67,11	68,29	71,74	70,83	74,29	72,65
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

As cidades de Fortaleza e Maracanaú aparecem, ao longo de todo período analisado, como principais e tradicionais geradoras de empregos no setor de bebidas cearense. Em 2013, o percentual de participação no total gerado pelo setor estadual foi 28,6% e 23,5%, respectivamente. Além dessas, Aquiraz, com 8,4%, Pindoretama (7,5%), Horizonte (4,3%), Pacatuba (3,2%) e Eusébio (1,7%) formam o grupo das principais cidades geradoras de emprego e pertencem, ao mesmo tempo, a RMF. (TABELA 8).

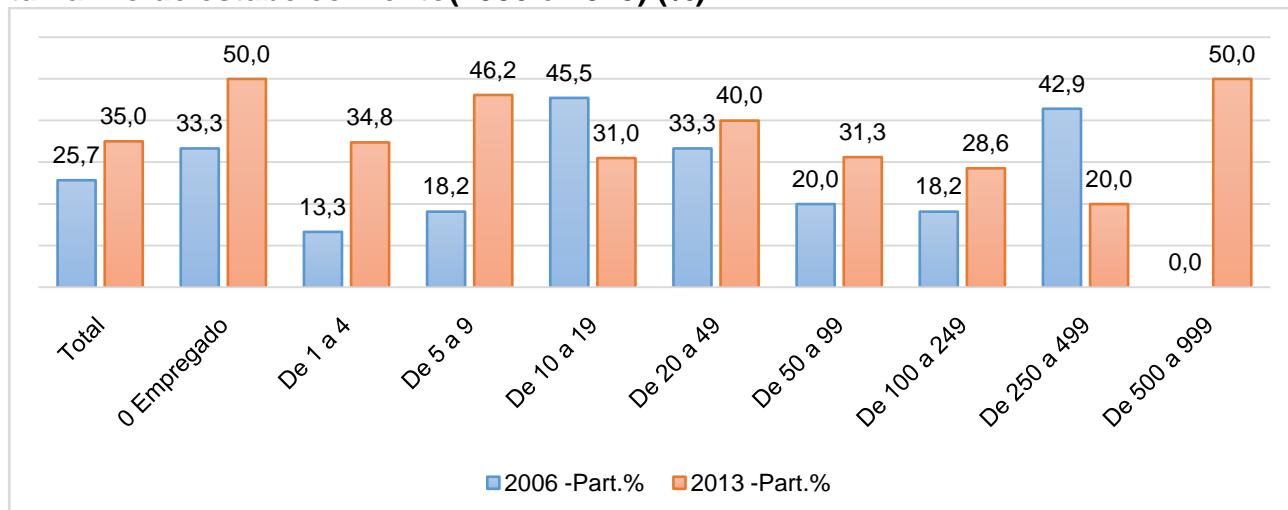
TABELA 8: Ceará: pessoal empregado do setor de bebidas por município(2006-2013) (%)

RK	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Fortaleza	27,97	29,99	28,67	35,89	32,26	35,55	31,36	28,62
2º	Maracanaú	19,15	19,60	17,81	17,37	18,87	15,40	19,20	23,52
3º	Aquiraz	10,70	15,78	5,29	5,17	5,31	7,22	8,85	8,40
4º	Pindoretama	8,70	0,00	7,76	7,55	7,08	7,23	6,03	7,46
5º	Juazeiro do Norte	4,41	5,38	5,49	4,90	4,61	4,97	6,26	6,83
6º	Jaguaruana	0,00	2,31	4,95	0,00	4,29	4,97	4,10	4,68
7º	Horizonte	2,06	4,72	5,05	4,58	5,40	5,52	5,58	4,29
8º	Pacatuba	2,53	4,77	3,35	3,19	3,18	3,52	3,35	3,16
9º	Sobral	1,83	2,00	2,10	1,98	1,95	1,74	1,95	2,04
10º	Eusébio	1,42	1,72	1,37	1,26	1,43	1,54	1,36	1,72
	Subtotal	78,76	86,27	81,84	81,89	84,40	87,66	88,02	90,73
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Entre 2006 e 2013, o setor de bebidas aumentou a quantidade de estabelecimentos localizados no município de Fortaleza de 14 para 41, correspondendo 35% do Estado no último ano. Em relação ao tamanho dos estabelecimentos por empregado, nota-se, também, que ocorreu elevação da participação fortalezense no total do Estado nesse mesmo ano. No entanto, dois pontos chamam atenção com relação a este segmento industrial, o primeiro, diferentemente do que foi observado no setor de alimentos, o setor de bebidas mostra-se bem mais pulverizado no que diz respeito ao tamanho. E, segundo, a Capital conseguiu, em 2013, elevar a participação das empresas por tamanho de estabelecimentos no total das empresas por tamanho estadual. As empresas de Fortaleza com zero empregados de carteira assinada representam 50% das empresas estaduais com essa característica, enquanto as empresas com 1 a 4 empregados, por exemplo, passaram de 13% para 35% no último ano. (GRÁFICO 25).

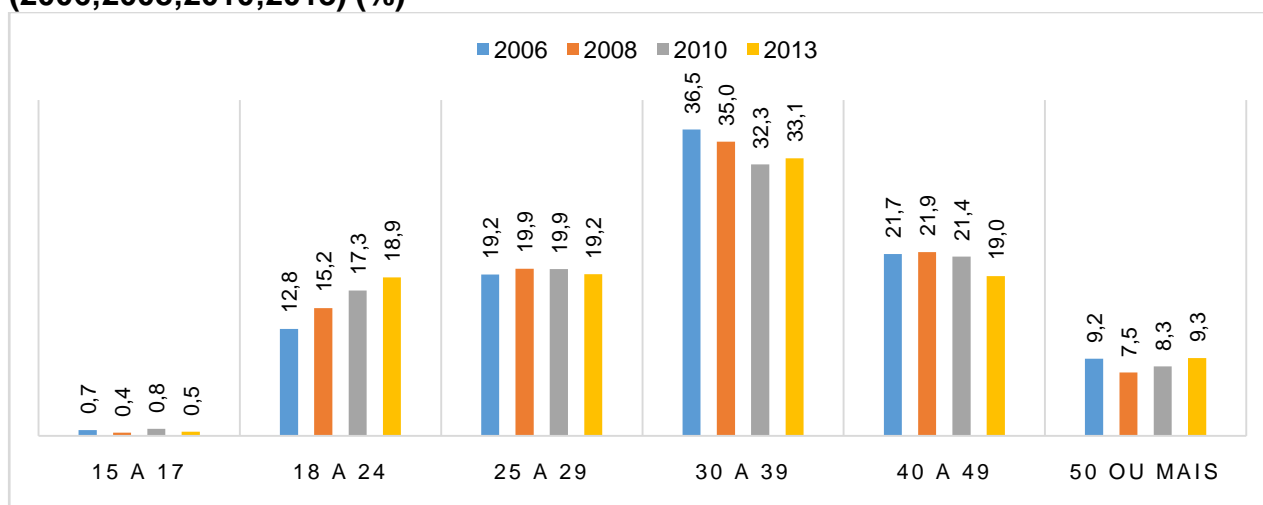
GRÁFICO 25: Fortaleza: empresas do setor de bebidas no total estadual por tamanho de estabelecimento(2006 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Trabalhadores entre 25 e 39 anos (1.226 empregados) compõem a massa dos fortalezenses empregados no setor de bebidas, no entanto, aqueles na faixa de 30 e 39 anos vem perdendo espaço dentro do setor, pois, em 2006, 36,5% do total de trabalhadores do setor enquadrava-se neste intervalo, caindo para 33% em 2013. Outro grupo que reduziu participação no mercado de trabalho do setor foi aquele formado por empregados de 40 a 49 anos, neste houve retração de 12%. Na contramão desta tendência, o grupo de trabalhadores entre 18 e 24 anos elevou a participação no mercado em 47% no período. (GRÁFICO 26).

GRÁFICO 26: Fortaleza: pessoal empregado do setor de bebidas por faixa etária (2006;2008;2010;2013) (%)

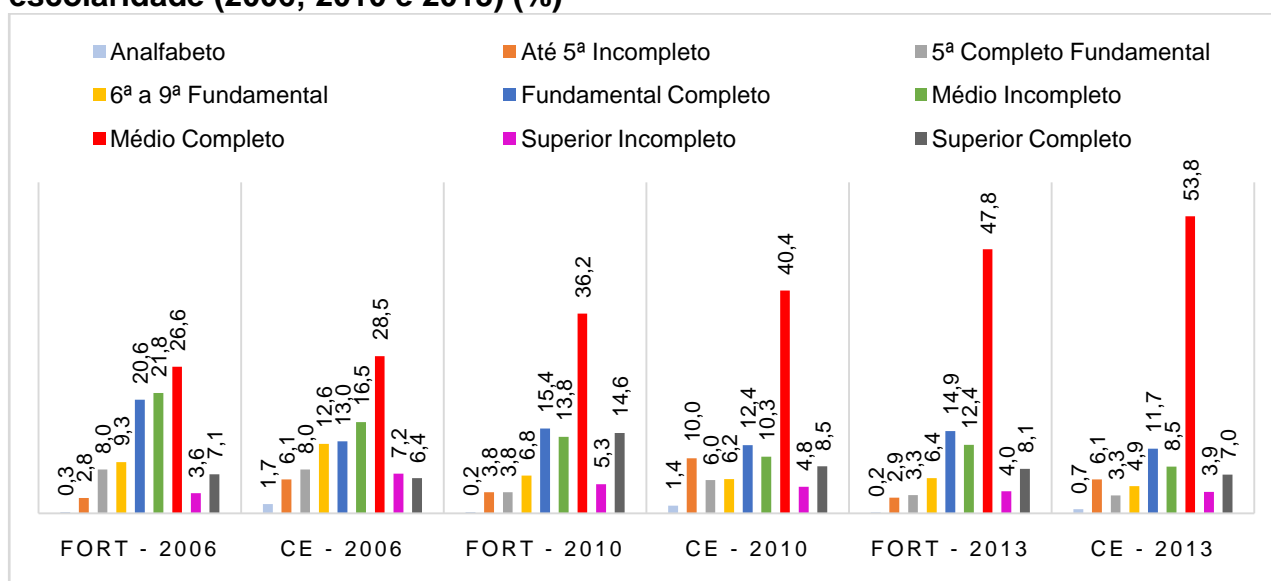


FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Entre 2006 e 2013, verifica-se que ocorreu aumento no percentual de participação de trabalhadores com ensino médio completo tanto no setor estadual, correspondendo a

um aumento de 89%, quanto no setor fortalezense (elevação de 80%). Outro grupo que elevou a participação, em termos de escolaridade, foi o grupo composto de trabalhadores com nível superior completo, que, no âmbito estadual, cresceu 10% e no fortalezense elevou-se em 13,6% no período em estudo. O número de trabalhadores com nível superior incompleto no setor localizado na capital também registrou elevação de 10%. Desta forma, o setor de bebidas está exigindo maior percentual de mão de obra com um nível de escolaridade mais elevado, já que o número de empregados com menos de 9 anos de estudo vem se reduzindo gradativamente ao longo dos anos. (GRÁFICO 27).

GRÁFICO 27: Ceará x Fortaleza: pessoal empregado do setor de bebidas por escolaridade (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

1.1 Inserção internacional dos setores de alimentos e de bebidas de Fortaleza

1.2.1 Caracterização do Comércio Internacional de Fortaleza

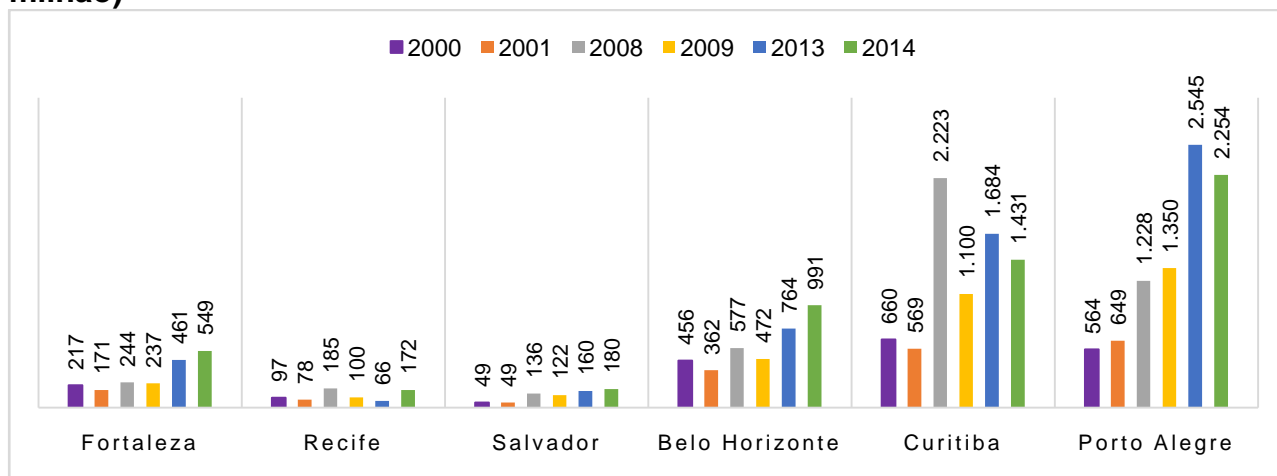
Entre os anos de 2000 e 2014, o comércio mundial passou por significativas modificações no que diz respeito, principalmente, às taxas de crescimento. No entanto, nos primeiros oito anos da década de 2000, a produção mundial manteve-se, praticamente, em níveis estáveis. Um dos motivos para esse comportamento divergente está associado à expansão da cadeia global de suprimentos e à composição do produto no comércio mundial, comparado ao produto mundial. No entanto, com a crise iniciada em 2008, ocorreu uma contração da demanda global que contaminou a economia real e se

alastrou rapidamente para as demais economias desenvolvidas e resto do mundo. (MELO; BRAGA; HOLANDA, 2014).

Nesta seção, examina-se de que modo, e em que grau, a economia fortalezense está inserida no comércio internacional. Deste modo, analisa-se a evolução do volume de exportações, importações, saldo da balança comercial, corrente de comércio e as exportações por fator agregador. Adicionalmente, comparam-se estes indicadores com as capitais selecionadas, que são as mesmas de destaque na produção de alimentos e bebidas.

Desta forma, notou-se que as transações comerciais de Fortaleza com o resto mundo, entre 2000-2014, registraram trajetória ascendente tanto em relação as exportações quanto às importações. Analisando inicialmente as exportações, todas as capitais selecionadas conseguiram elevar suas vendas no mercado internacional, contudo, com exceção de Recife, as outras elevaram expressivamente o valor exportado, com destaque para Porto Alegre, que aumentou em torno de 300% entre os extremos da análise, e Salvador (265%). Enquanto isso, a capital cearense registou elevação de 153% no mesmo intervalo de tempo, saindo de US\$217 milhões, em 2000, para 549 milhões em 2013. Vale mencionar que a crise de 2008 impactou de forma mais rápida no valor vendido em 2009 para as capitais de Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba. (GRÁFICO 28).

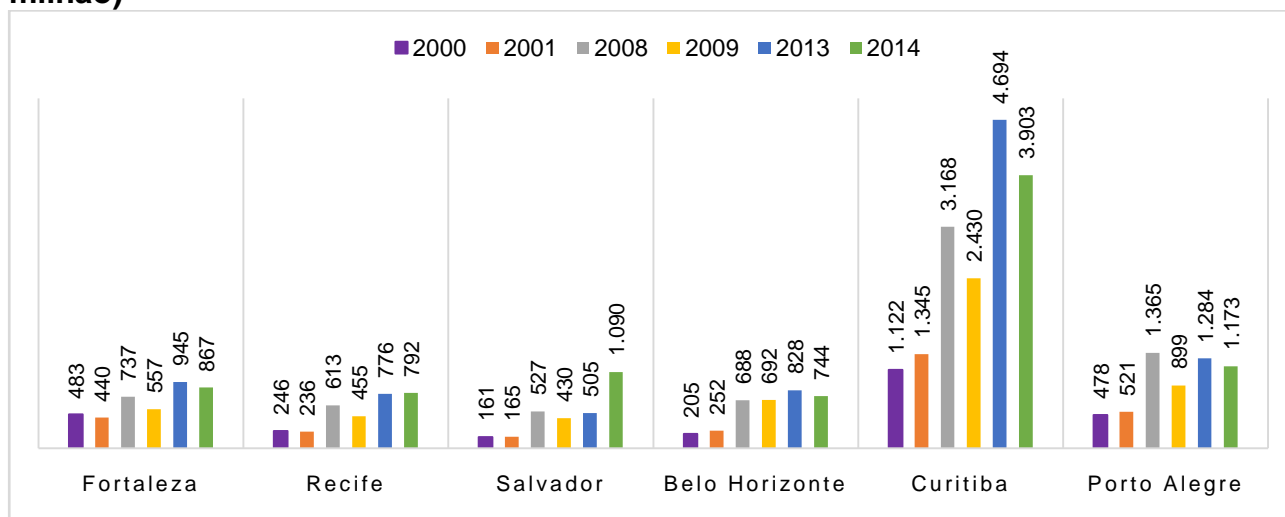
GRÁFICO 28: Brasil: exportações segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (US\$ milhão)



FONTE: BRASIL, 2015a.

De seu lado, as importações das capitais também registraram crescimento forte entre os anos considerados. A capital baiana aumentou suas importações em mais de 578% entre 2000 – 2014, seguido por Belo Horizonte (263%) e Curitiba (248%). A cidade de Fortaleza, por sua vez, registrou um crescimento de apenas 79% no período. (GRÁFICO 29).

GRÁFICO 29: Brasil: importações segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (US\$ milhão)

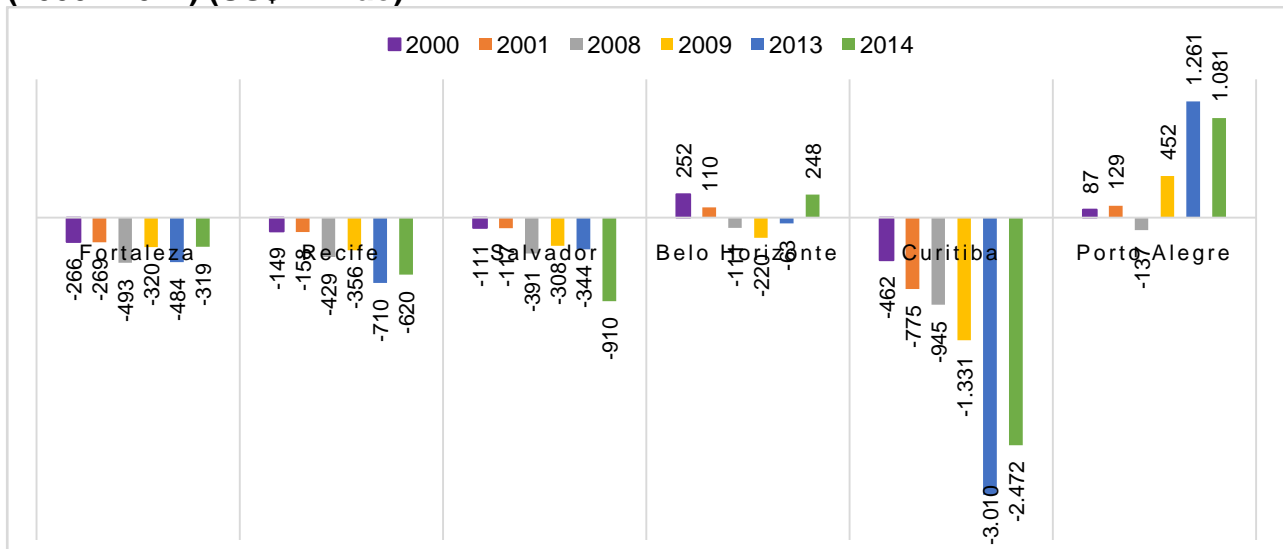


FONTE: BRASIL, 2015a.

Como resultado do forte crescimento presenciado no valor das importações, frente às exportações das cidades, o saldo da balança comercial tornou-se negativo para quase todas essas. A cidade de Curitiba foi a que registrou maior déficit no saldo da balança entre os anos, chegando, em 2014, a US\$ 2.472 milhões, contra déficit, por exemplo, de US\$ 319 milhões registrado por Fortaleza no mesmo ano. A capital gaúcha foi a única que

ainda manteve saldo positivo desde o ano de 2009. Alcançando um superávit de US\$ 1.081 milhões no último ano. (GRÁFICO 30).

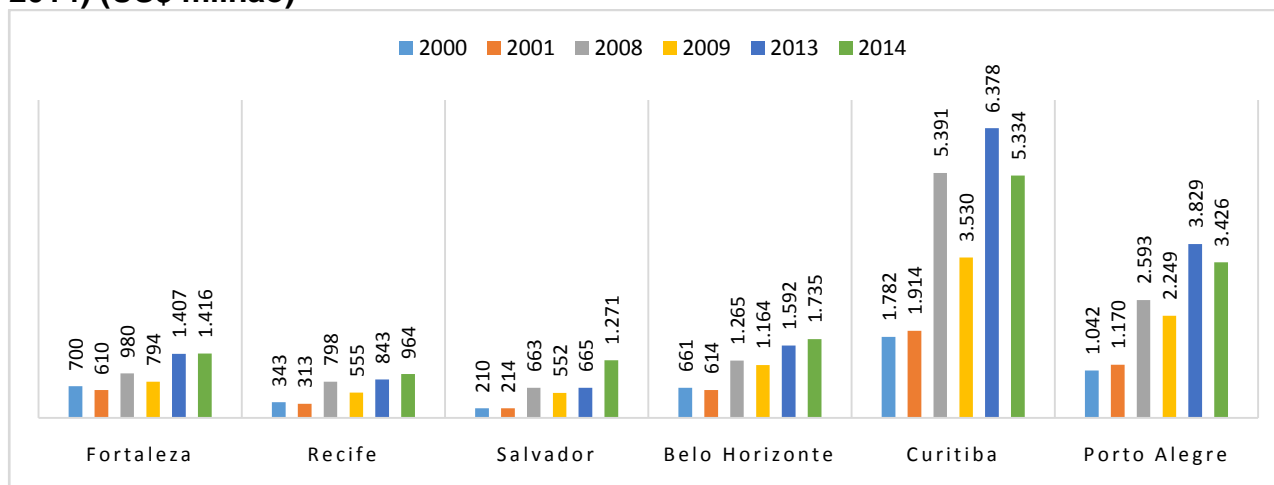
GRÁFICO30:Brasil: saldo da balança comercial segundo Capitais selecionadas (2000 - 2014) (US\$ milhão)



FONTE: BRASIL, 2015a.

Entretanto, deve ser mencionado que a corrente de comércio das capitais com o resto do mundo subiu expressivamente nos últimos quatorze anos. A cidade de Salvador foi a que apresentou maior crescimento, cerca de 500%, seguida por Porto Alegre, com 230%, e Curitiba (200%). O município de Fortaleza foi o que registrou menor acréscimo no período, em torno de 100%, saindo de um valor próximo dos US\$ 700 milhões, em 2000, para US\$ 1.416 milhões no último ano. (GRÁFICO 31).

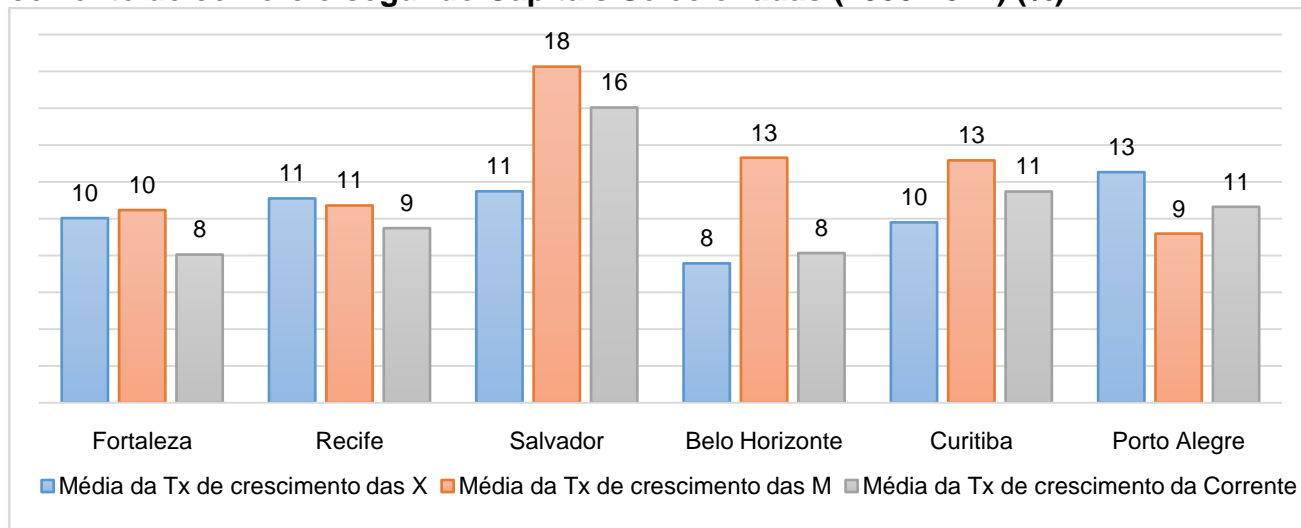
GRÁFICO31: Brasil: corrente de comércio segundo Capitais selecionadas (2000 – 2014) (US\$ milhão)



FONTE: BRASIL, 2015a.

Analisando a taxa média de crescimento anual das exportações, constata-se que a cidade de Porto Alegre foi a capital que registrou maior taxa média entre 2000 e 2014, ou seja, 13% ao ano. Recife e Salvador vêm em seguida, com 11% cada. Já Fortaleza, apresentou taxa média de crescimento anual em torno de 10%, percentual este igual à capital do Paraná. No que se refere à taxa média de crescimento das importações, a capital baiana desponta com uma taxa de 18% a.a. no mesmo período, seguida por Belo Horizonte e Curitiba (13% a.a. cada). A capital cearense registrou taxa média de 10% a.a. E, por último, a taxa média de crescimento anual da corrente de comércio foi maior para as cidades de Salvador, com 18% a.a., Curitiba e Porto Alegre (11% a.a. cada). Fortaleza e Belo Horizonte foram as que obtiveram as menores taxas médias no intervalo, atingindo um crescimento de 8% a. a. cada uma. (GRÁFICO 32).

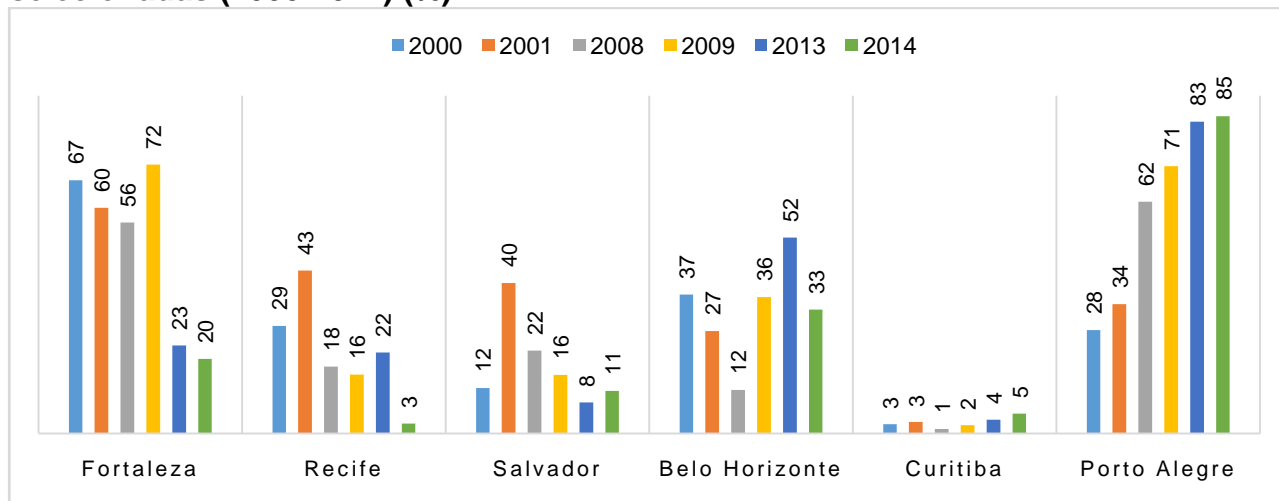
GRÁFICO 32: Brasil: taxa média de crescimento das exportações, importações e corrente de comércio segundo Capitais Seleccionadas (2000-2014) (%)



FONTE: BRASIL, 2015a.

A seguir, tem-se a composição das exportações para as cidades brasileiras. Como se pode observar, Fortaleza, em 2000, era a capital que tinha maior percentual de exportação de produtos básicos, 67%, seguido por Belo Horizonte, com 37% de participação desses produtos no total exportado pela Capital. Os produtos básicos fortalezenses chegaram a ser responsáveis por 72% do total da pauta em 2009, contudo, nos anos seguintes, ocorreu um movimento inverso, chegando a corresponder a 20% das exportações em 2014. Em contrapartida, a cidade gaúcha comportou-se de maneira inversa, ou seja, em 2000, 28% de tudo que era exportado por Porto Alegre correspondia aos produtos básicos, mas, em 2014, essa participação chegou a 85% da pauta. (GRÁFICO 33).

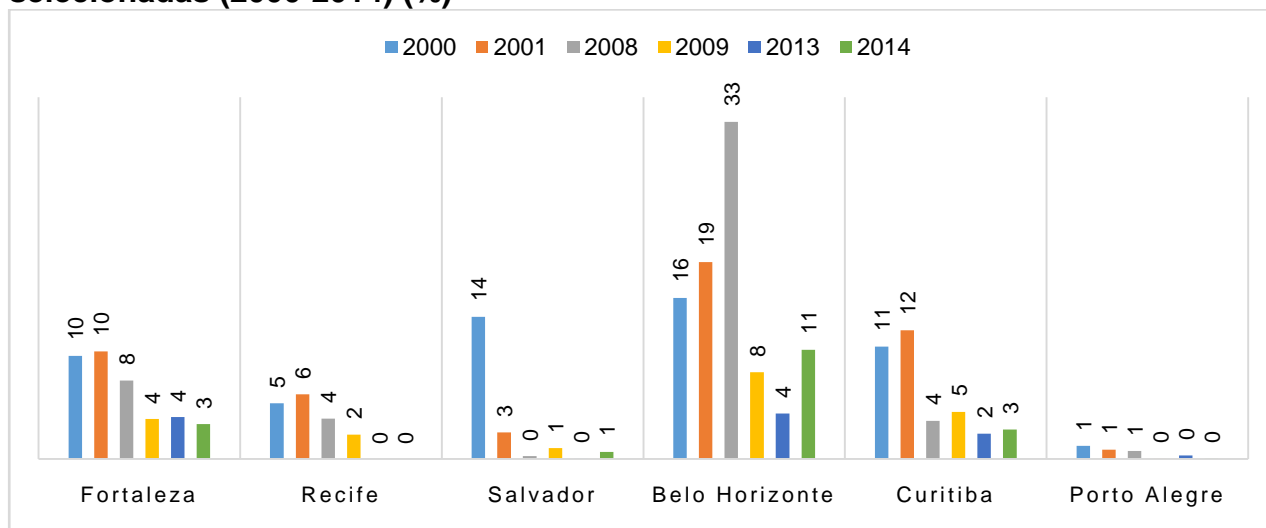
GRÁFICO 33: Brasil: exportação de produtos básicos segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%)



FONTE: BRASIL, 2015a.

No que diz respeito às exportações de produtos semimanufaturados, a capital cearense reduziu a participação das vendas desses produtos em 2014, saindo de 10% em 2000, para 3% no último ano. Esse mesmo comportamento foi presenciado para as demais capitais selecionadas, ou seja, a exportação desse tipo de produto reduziu a participação na pauta total de exportação. (GRÁFICO 34).

GRÁFICO 34: Brasil: exportação de produtos semimanufaturados segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%)

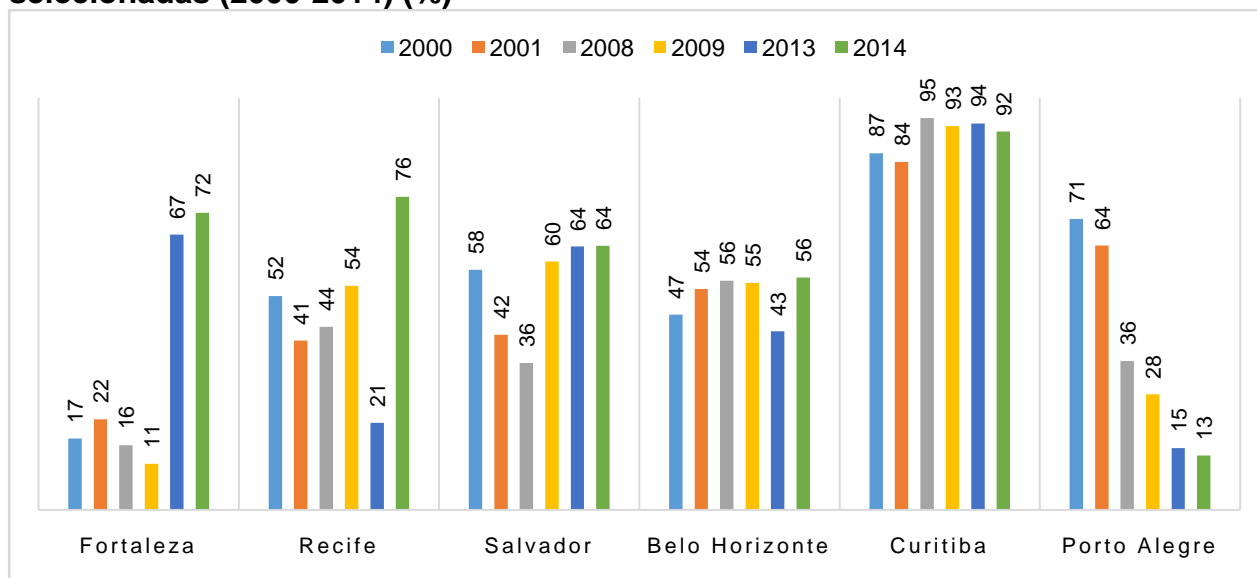


FONTE: BRASIL, 2015a.

O gráfico 35 abaixo explica o comportamento registrado anteriormente, ou seja, no caso de Fortaleza, por exemplo, a redução das exportações de produtos básicos e semimanufaturados foi compensado pela elevação da participação das exportações dos produtos manufaturados na pauta de exportação fortalezense, pois, em 2000, de tudo que

era exportado por Fortaleza, 17% correspondia a produtos manufaturados, e, 2014, chegou a corresponder a 72% do total vendido no mercado internacional. As cidades de Recife, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba também elevaram a participação desses produtos na pauta exportadora em 2014. Porto alegre, por sua vez, vendia 71% de produtos manufaturados em 2000, e reduz essa participação para apenas 13% no último ano.

GRÁFICO 35: Brasil: exportação de produtos manufaturados segundo Capitais selecionadas (2000-2014) (%)



FONTE: BRASIL, 2015a.

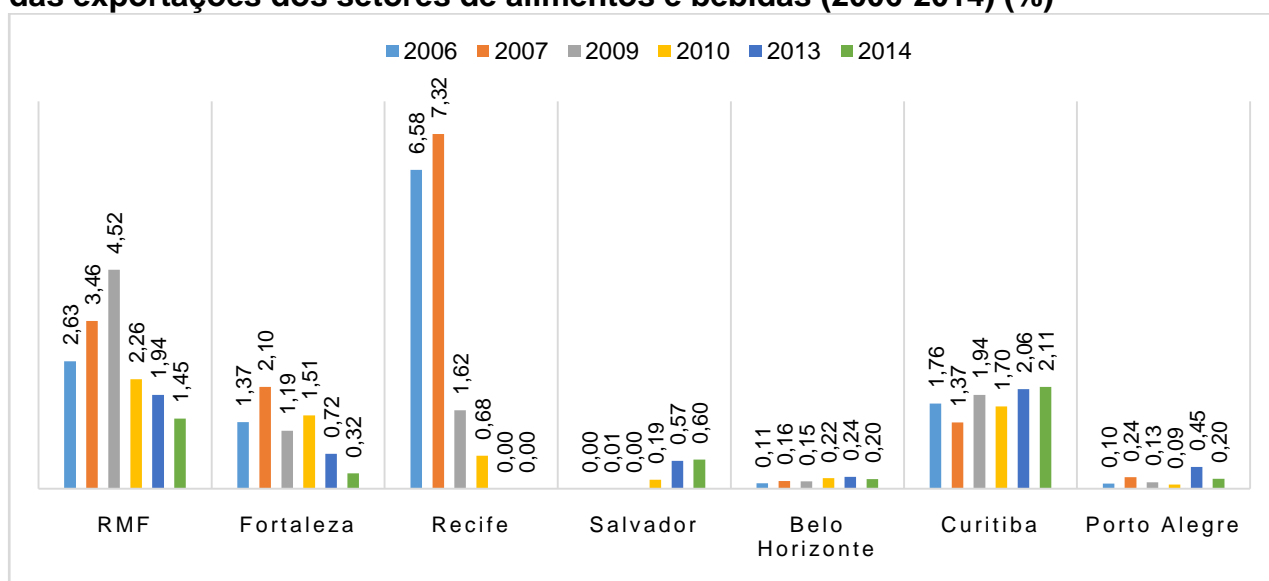
1.2.2 Análise setorial

Os setores de alimentos e bebidas são formados por sete setores, de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), assim é possível identificar a evolução e participação das exportações dos setores na pauta total de exportação da cidade. Considerando, inicialmente, as exportações dos setores por capitais selecionadas, constata-se que as exportações dos mencionados segmentos industriais de Curitiba representaram 2% da pauta de exportação da capital paranaense em 2014, o que significou uma elevação de 20% em relação a 2006. A capital baiana, apesar de ter um setor agregado de alimentos e bebidas representando apenas 0,6% do total que é vendido pela Capital, em 2014, obteve crescimento expressivo no período, mais de 1.600%. A cidade de Porto Alegre também conseguiu registrar elevação na participação do setor de alimentos e de bebidas na pauta da capital gaúcha, saindo de 0,10%, em 2006, para 0,20% no último ano. Interessante observar que os citados setores de Recife

representavam 6,6% da pauta exportadora do município em 2006, e caiu, em 2014, para uma participação quase nula, indicando possível perda de mercado nos últimos anos. (GRÁFICO 36).

No caso de Fortaleza, observou-se que ocorreu redução de 80% da participação das exportações dos citados setores na pauta dessa capital em 2014, já que, em 2006, o conjunto formado pelos dois setores, representava 1,37% e caiu para 0,32%. Esse decréscimo foi observado, também, para a participação das exportações do segmento da RMF, que reduziu em torno de 45% entre os extremos da análise.

GRÁFICO 36: Capitais Seleccionadas e RMF – coeficiente de especialização relativa das exportações dos setores de alimentos e bebidas (2006-2014) (%)

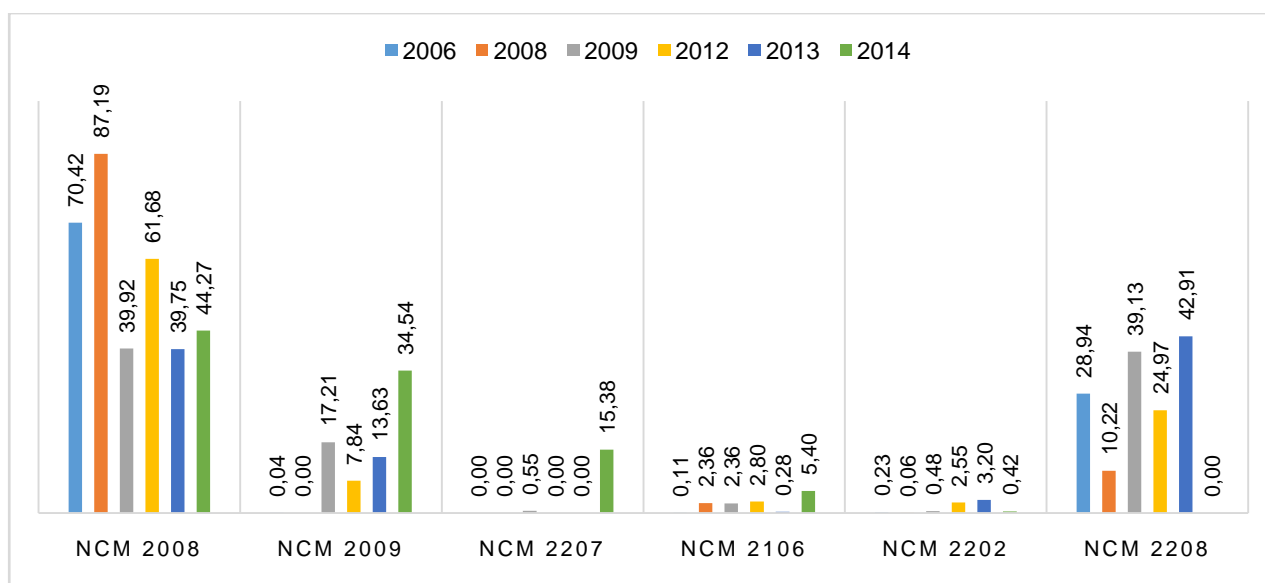


FONTE: BRASIL, 2015b.

Tradicionalmente, principal produto dos setores de alimentos e bebidas exportado por Fortaleza é o de Frutas e outras partes comestíveis de plantas, preparadas ou conservadas de outro modo (NCM código 2008), que, em 2006, era responsável por 70% de toda exportação dos dois setores considerados de forma agregada, mas essa participação caiu para 44,3% em 2014. Neste mesmo ano, o produto Alcool etílico não desnaturado, com um teor alcoólico em volume inferior a 80 % vol. (NCM 2208) não foi exportado pela Capital, contudo, entre 2006 e 2013, este sustentou posição de destaque no *ranking* dos principais produtos exportados com valores substanciais. Tal fato revela que pode ter ocorrido algo pontual que fez o produto não ser exportado em 2014. A redução de participação dos produtos citados na pauta dos setores em conjunto foi acompanhada pelo aumento da participação das exportações dos seguintes itens: Sumos de frutas (incluídos os mostos de uvas) ou de produtos hortícolas, não fermentados (NCM

2009), que passou a participação no total exportado fortalezense de 0,04%, no primeiro ano considerado, para 34,5% em 2014; Álcool etílico não desnaturado, com um teor alcoólico em volume igual ou superior a 80 % vol. (NCM 2207), que passou a representar 15,38% da pauta do segmento industrial; e Preparações alimentícias não especificadas nem compreendidas noutras posições (NCM 2106), que subiu de 0,11% para 5,4%. (GRÁFICO 37).

GRÁFICO 37: Fortaleza: principais produtos exportados dos setores de alimentos e bebidas (2006-2014) (%)



FONTE: BRASIL, 2015b.

Em 2014, cinco produtos foram responsáveis por 99% das exportações dos setores de alimentos e de bebidas de Fortaleza, com destaque para Frutas e outras partes, que contribuiu com 44,3% das exportações dessas vendas, e Sumos de frutas, com 34,5%. Verificando os concorrentes potenciais que exportam o mesmo produto para o mercado internacional, constatou-se que, para o produto Frutas e outras partes comestíveis, a RMF (excluindo Fortaleza) vem concorrendo com a capital cearense, pois 32,7% da exportação dos setores de alimentos e de bebidas da RMF corresponde a esse produto. Porto Alegre e Belo Horizonte também exportaram o citado produto em 2014, e a representatividade deste na pauta do referido setor agregado da capital foi de 4,3% e 2,4%, respectivamente. (TABELA 9).

Para o produto Sumos de frutas, a capital cearense pode sofrer com a concorrência de Belo Horizonte, que, em 2014, vendeu desse produto para o exterior o correspondente a 42,3% da sua pauta dos setores de alimentos e bebidas Belo-Horizontino e Porto

Alegre, que exportou 10,4% deste produto em relação a pauta setorial da Capital gaúcha. Das exportações dos setores de alimentos e bebidas de Porto Alegre, 15% foi de álcool etílico não desnaturado, revelando a importância deste produto na pauta de exportação da referida Capital em 2014 e provável concorrente nacional no mercado internacional para a capital cearense. No caso de preparações alimentícias, Belo Horizonte aparece, novamente, exportando 15% da pauta do setor agregado da cidade, enquanto esse mesmo produto fortalezense representou 5,4% de toda pauta do setor do município.

TABELA 9: Fortaleza: produtos exportados dos setores de alimentos e bebidas e concorrentes nacionais no mercado externo em 2014.

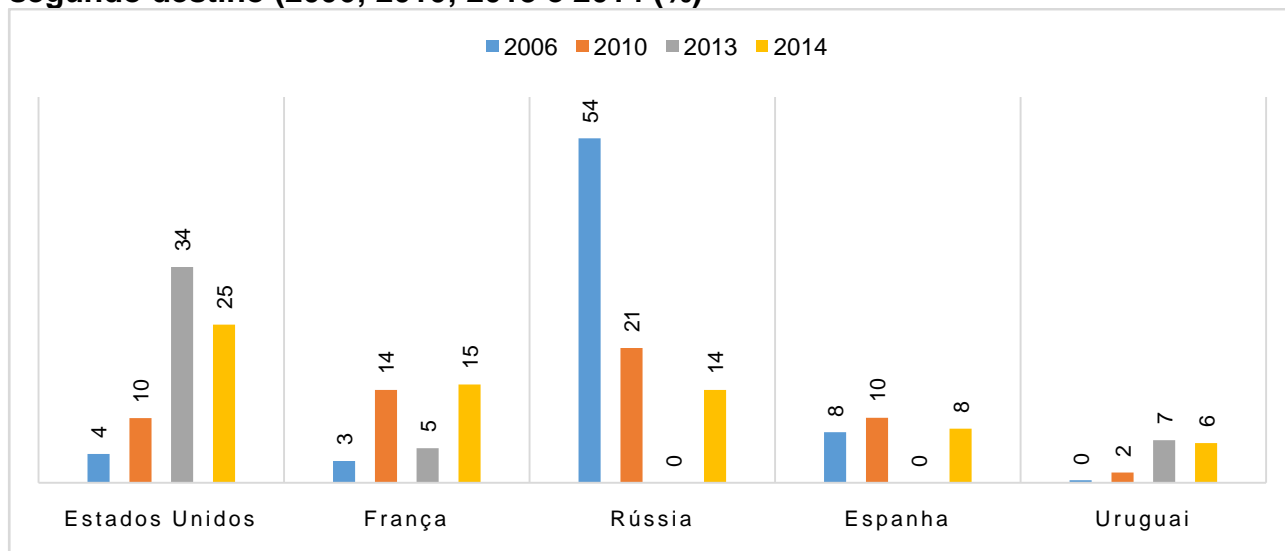
Descrição	X_{prod}/X_{set}	Concorrentes em 2014
Frutas e outras partes comestíveis de plantas, preparadas ou conservadas de outro modo, com ou sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes ou de álcool, não especificadas nem compreendidas noutras posições	44,27	RMF (32,7%), Porto Alegre (4,3%) e Belo Horizonte (2,4%).
Sumos de frutas (incluídos os mostos de uvas) ou de produtos hortícolas, não fermentados, sem adição de álcool, com ou sem adição de açúcar ou de outros edulcorantes	34,54	Belo Horizonte (42,3%) e Porto Alegre (10,4%)
Álcool etílico não desnaturado, com um teor alcoólico em volume igual ou superior a 80 % vol; álcool etílico e aguardentes, desnaturados, com qualquer teor alcoólico	15,38	Porto Alegre (18,5%) e Belo Horizonte (0,6%)
Preparações alimentícias não especificadas nem compreendidas noutras posições	5,40	Belo Horizonte (15%) e Curitiba (7,7%)
Águas, incluídas as águas minerais e as águas gaseificadas, adicionadas de açúcar ou de outros edulcorantes ou aromatizadas e outras bebidas não alcoólicas, exceto sumos de frutas ou de produtos hortícolas, da posição 2009	0,42	Belo Horizonte (10,45%), Porto Alegre (0,26%) e Curitiba (0,14%),

FONTE: BRASIL, 2015b.

Em 2014, dez países compraram 91% de todos os produtos vendidos dos setores de alimentos e bebidas de Fortaleza. Destes, os cinco principais foram responsáveis por 70% das vendas fortalezenses nesse ano. Entre 2006 e 2014, notou-se que ocorreu modificações na pauta dos principais compradores, como, por exemplo, os Estados Unidos, que comprava 4% dos produtos dos setores de alimentos e bebidas da capital cearense em 2006, assumiu a liderança em 2014, importando 25% dos produtos da Capital, ou seja, elevação de 423% no período. No primeiro ano da série, o principal demandador dos produtos alimentícios e bebidas de Fortaleza era a Rússia que comprou o equivalente a 54% da pauta, contudo, em 2014, esse percentual caiu para 14% (queda de 74%). Os países França, Espanha e Uruguai também registraram aumento no consumo dos produtos da capital cearense. Destes, a França foi o que registrou maior

crescimento, na ordem de 333%, já que consumia 3% dos produtos no início do período e alcançou 14% em 2014. (GRÁFICO 38).

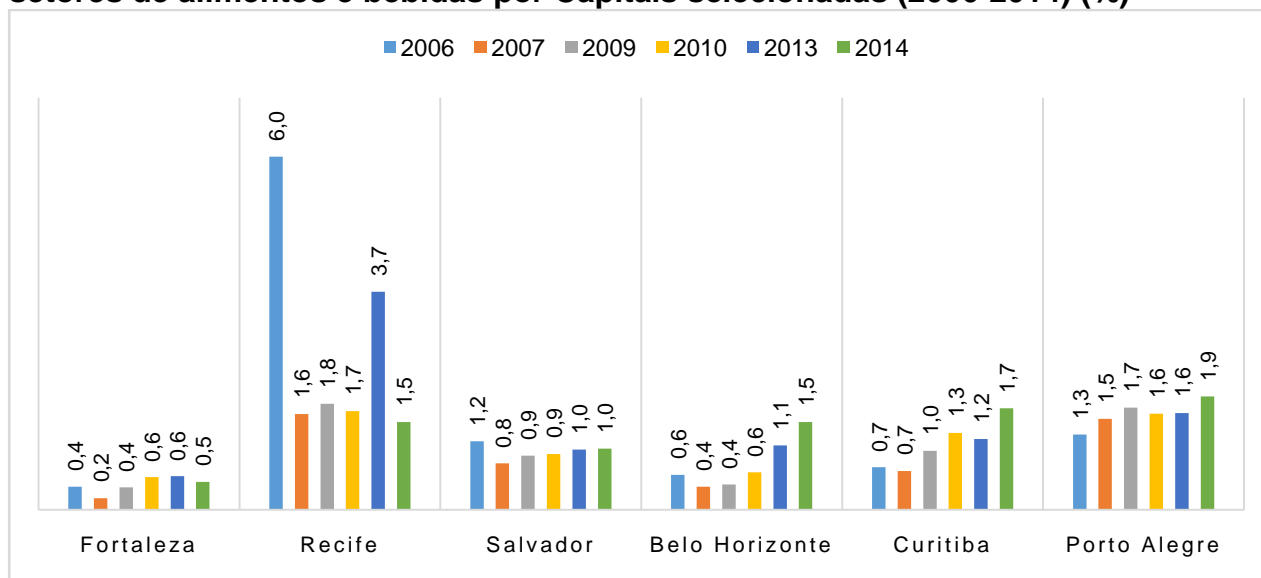
GRÁFICO 38: Fortaleza: exportações dos setores de alimentos e de bebidas segundo destino (2006; 2010; 2013 e 2014 (%))



FONTE: BRASIL, 2015b.

Os setores de alimentos e bebidas dos municípios de Recife e Salvador reduziram a participação no volume importado por eles em 75% e 11%, respectivamente, entre 2006 e 2014. Os dois setores agregados da capital pernambucana saíram da participação de 6% em 2006, para 1,5% no último ano. Os dois setores de Belo Horizonte e Curitiba, por sua vez, elevaram a participação na pauta de importação das respectivas capitais. O primeiro saltou de 0,6% para 1,5%, em 2014, e o segundo chegou a 1,7%, face a uma participação de 0,7% em 2006. O setor da capital gaúcha registou elevação em torno de 50% no período, enquanto Fortaleza teve um crescimento de 20% na pauta importadora. (GRÁFICO 39).

GRÁFICO 39: Brasil: coeficiente de especialização relativa das importações dos setores de alimentos e bebidas por Capitais selecionadas (2006-2014) (%)



FONTE: BRASIL, 2015b

De acordo com a Tabela 10, do valor total importado, em 2014, pelos setores de alimentos e bebidas, cerca de 90% correspondeu à Outros produtos hortícolas preparados ou conservados (2004), seguido por Preparações e conservas de peixe (7,2%) e Vinhos de uvas frescas (2,5%). Os quatro principais produtos tiveram peso na pauta importadora dos setores em estudo de 98% no último ano, enquanto, em 2006, os mesmos produtos correspondiam a 96% de participação.

TABELA 10: Fortaleza: principais produtos importados dos setores de alimentos e bebidas (2006 e 2014) (%)

RK	NCM	Produto	2006	2014
1	2004	Outros produtos hortícolas preparados ou conservados	62,9	86,1
2	1604	Preparações e conservas de peixes; caviar e seus sucedâneos preparados	0,0	7,2
3	2204	Vinhos de uvas frescas, incluídos os vinhos enriquecidos com álcool;	6,4	2,5
4	2208	Álcool etílico não desnaturado, com um teor alcoólico em volume inferior a 80 % vol;	26,7	1,8
Total			95,9	97,6

FONTE: BRASIL, 2015b

2. Têxtil e Confecções

Maria Cristina Pereira de Melo
Ana Cristina Lima Maia Souza

2.1 Setor Têxtil

2.1.1 Caracterização Nacional e Estadual do Setor

O setor têxtil sempre apresentou elevada importância no desenvolvimento da economia brasileira, sendo uma das primeiras indústrias do país. A atividade ganhou caráter industrial na metade do século XIX, quando surgiram de fato as primeiras fábricas têxteis nos estados de São Paulo, Minas Gerais Ceará e Rio de Janeiro e depois nos estados da região Sul.

O setor têxtil do Ceará confunde-se com a história do Estado e com a cidade de Fortaleza. Nos anos de 1940, foi montado um moderno parque industrial têxtil no estado, com o uso de teares mecânicos, a utilização da maquinaria importada (normalmente da Inglaterra), permitindo expressiva produção de fios e de tecidos de algodão, e com domínio de novas técnicas de produção além do consumo de grandes quantidades de algodão produzido no Ceará. Nesse cenário formou-se a classe operária cearense, compondo o contingente de trabalhadores assalariados, moradores urbanos da cidade de Fortaleza, onde a concentração industrial foi maior.

Nos anos 1950 até os anos de 1990, o setor têxtil brasileiro, assim como cearense, passou por várias crises econômicas e mudanças na estrutura de produção, afetando a competitividade do setor, colocando em risco a perda de *Market share*, tanto do mercado interno como externo. Para enfrentar esses períodos de crise, o setor têxtil brasileiro em alguns momentos contou com políticas de incentivos para estimular o desempenho do setor. Assim, o setor têxtil, nos anos de 1980 e 1990, melhorou o nível de inovação tecnológica e passou por reestruturação produtiva com base em organização mais integrada com outros elos do setor produtivo, dando início a uma estratégia de verticalização. Sendo assim, “a competitividade da indústria têxtil e do vestuário passou a depender da eficiência das relações entre os elos da cadeia produtiva, o que implica adoção de uma abordagem sistêmica na concepção da concorrência em seus mercados” (GARCIA, 1994, p.9).

No âmbito local, o Ceará também implementou políticas de incentivos ao setor têxtil, com intuito de manter e atrair mais empresas, como financiamento a longo prazo através do Banco de Desenvolvimento do Ceará (BANDECE) e do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), dedução do Imposto sobre Circulação de Mercadoria (ICM)¹, oferta de infraestrutura e apoio logístico.

Diante das políticas, o setor têxtil do Ceará aumentou ainda mais a sua importância. No Nordeste, o Ceará assumiu a liderança do setor quanto à produção. Os produtos têxteis também aumentaram a sua importância na balança comercial. Ao final dos anos 1980, a indústria têxtil cearense ganhou força na produção de fios, perdendo apenas para o Estado de São Paulo. Em terceiro e quarto lugares, estavam Santa Catarina e Minas Gerais.

Além da estratégia de verticalização, as empresas fabris têxteis também reduziram custos através da “guerra fiscal” praticada entre os estados brasileiros. Outra estratégia para a redução dos custos do trabalho foi a diminuição da absorção de mão de obra através da terceirização de atividades não ligadas diretamente à produção e pela incorporação crescente de trabalho feminino, com menores níveis de remuneração, inclusive em funções normalmente desempenhadas por homens.

A década de 1990 foi outro marco importante para o setor têxtil brasileiro, quando o país passava por um forte período de recessão, com elevada inflação e o emblemático começo da abertura comercial e a implantação do Plano Real. Esses feitos trouxeram consigo várias consequências para o país, entre os quais se destacam o aumento da concorrência internacional e a redução do mercado interno. As empresas brasileiras eram pouco estruturadas para enfrentar a concorrência externa, contribuindo ainda mais para o baixo desempenho da indústria do país.

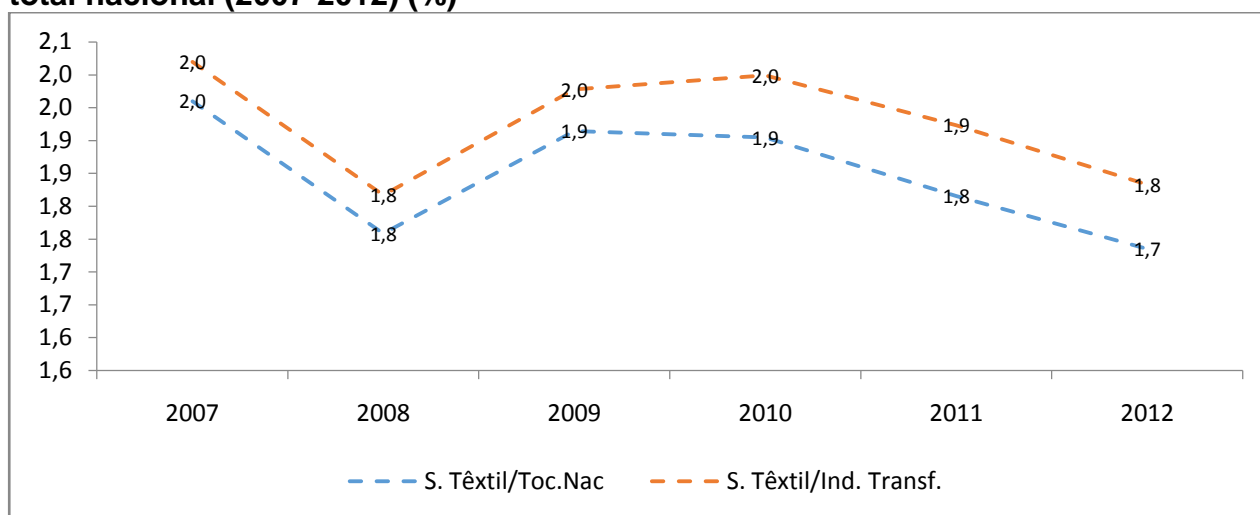
Nesse período, ao analisar a indústria têxtil brasileira, os autores Coutinho e Ferraz (1994), com a publicação do livro intitulado “*Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB)*”, classificaram-na como um dos setores que contavam com deficiências competitivas, com heterogeneidade competitiva, com muitas empresas com máquinas obsoletas, que apresentavam pouca capacitação, que desconheciam práticas gerenciais modernas e não valorizavam conceitos de qualidades. Ainda segundo o referido estudo, o

¹ Imposto sobre Circulação de Mercadoria (ICM), que posteriormente passou a se chamar ICMS, uma vez que obteve novas hipóteses de incidência sobre os serviços de transporte e comunicação.

principal impasse sobre a ampliação da competitividade do complexo têxtil brasileiro era a ausência de capacitações tecnológicas e gerenciais para as empresas de médio e pequeno porte, prejudicando o desempenho competitivo das empresas que com elas concorrem.

Dentro desse cenário, o resultado da indústria têxtil brasileira nos últimos anos foi desfavorável dentro da economia, ressentida pelos efeitos causados pelas mudanças ocorridas nesse período, tanto na conjuntura econômica como no próprio setor têxtil, com perdas de participação na economia do país. Em 2007 a indústria têxtil representava 2,0% da produção nacional, e desde então vem apresentando tendência de queda, chegando em 2012 com participação de apenas 1,8%. Na participação do total a indústria de transformação segue a mesma tendência, quando em 2007 a participação era de 2,0%, passando para 1,7%, em 2012 (GRÁFICO40).

GRÁFICO40:Brasil: VBP do setor têxtil no VBP da indústria de transformação e no total nacional (2007-2012) (%)



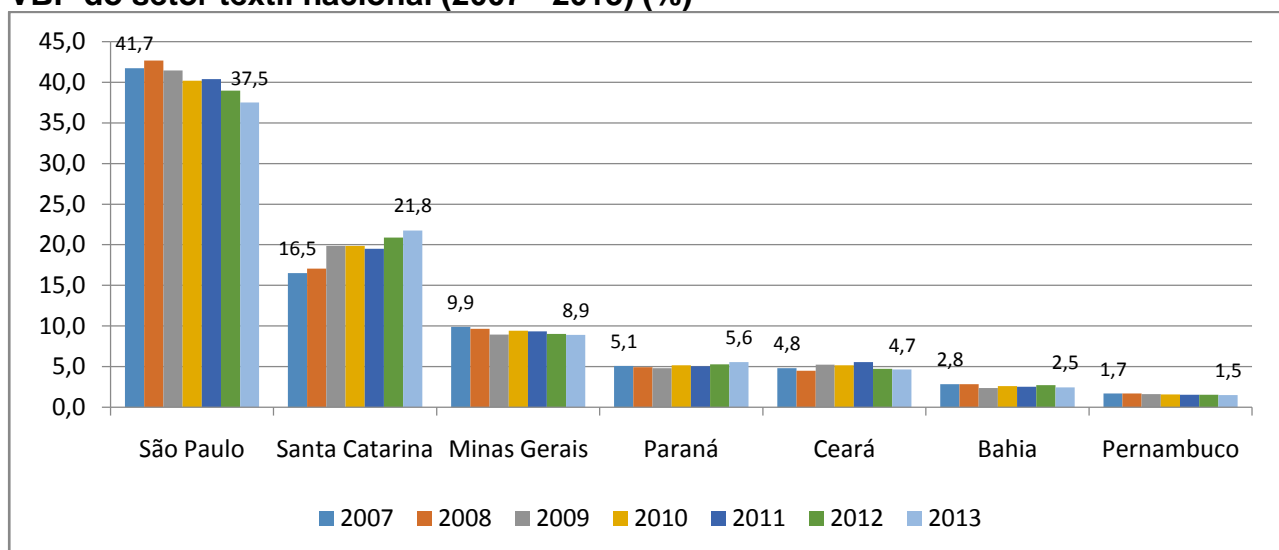
Fonte: IBGE. Elaboração própria

As regiões brasileiras de maior atuação na produção têxtil nos últimos quinze anos são: Sudeste, Sul e Nordeste, nessa ordem. A indústria têxtil do Sudeste apresentou perda de participação ao longo do tempo, principalmente entre os anos de 1996 e 2000, explicado pelo processo de realocação das empresas têxteis para as regiões Sul e Nordeste. Ainda assim, o Nordeste não conseguiu retomar participação expressiva, indicando possível falta de competitividade do setor têxtil com relação às demais regiões importantes na produção. Ao contrário da região Sul, que manteve tendência de aumento na participação da indústria têxtil.

Quando se analisam os principais Estados produtores do setor têxtil brasileiro, nota-se que São Paulo mantém a hegemonia, visto que, em 2007, o valor bruto da

produção desse segmento representava 41,7% do total, mas vem perdendo espaço nestes últimos anos, chegando em 2013 com percentual de 37,5%. O Ceará manteve a praticamente a mesma parcela, quando, em 2007, respondia por 4,8% e, em 2013, passou para 4,7%. Minas Gerais perdeu um ponto percentual de participação do ano de 2007 para 2013 e Santa Catarina vem sendo o grande destaque diante do ganho de participação no citado setor nos últimos anos, passando de 16,5% em 2007 para 21,8% em 2013. Paraná também vem ganhando participação, embora de forma mais tímida, porém com participação acima do Ceará. Dentro da Região Nordeste o Ceará é o Estado mais expressivo no setor têxtil (GRÁFICO41).

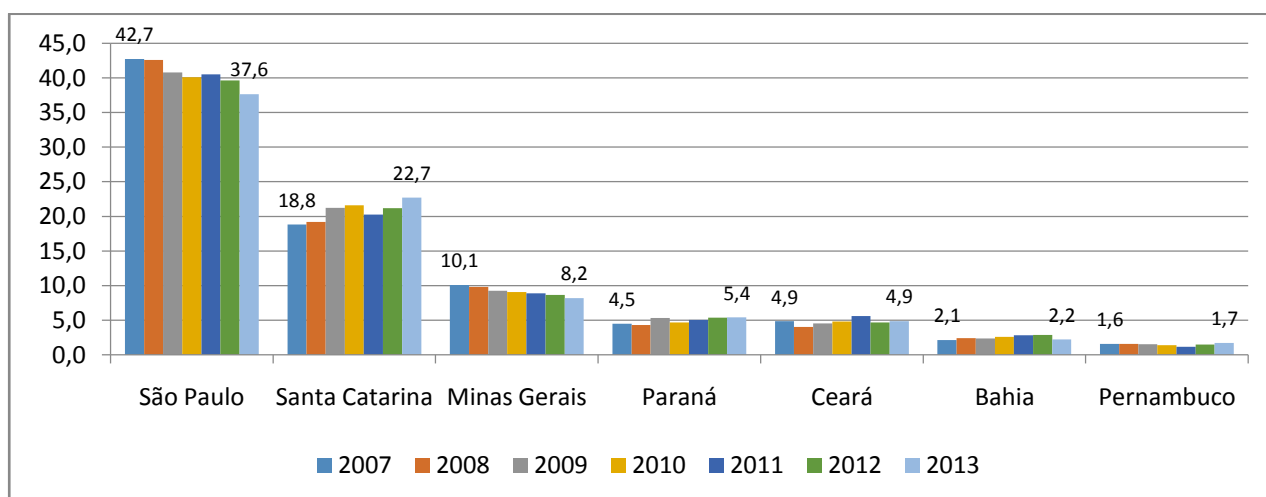
GRÁFICO41:Brasil: Participação do VBP do setor têxtil dos estados selecionados no VBP do setor têxtil nacional (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Ao analisar a participação do VTI, que é uma *proxy* do produto interno bruto gerado pelo setor, observa-se que segue a mesma análise de importância dos estados selecionados. Ressalta-se que a participação do VTI é maior do que o VBP nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Ceará e Pernambuco, mostrando que o setor têxtil agrega mais valor, enquanto que Paraná, Bahia e Minas Gerais apresentaram VTI menor que VBP, por apresentarem uma maior concentração nos segmentos da cadeia têxtil de menor valor agregado, no caso do Paraná o setor têxtil nos últimos anos vem avançando mais em segmentos de maior valor agregado (GRÁFICO 42).

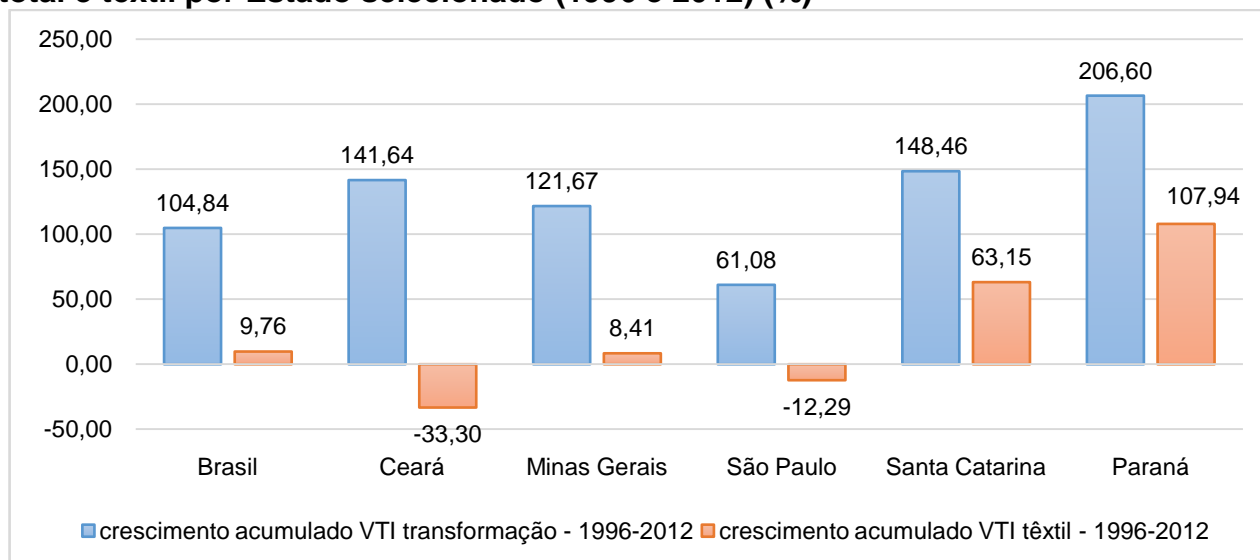
GRÁFICO 42: Brasil: Participação do VTI do setor têxtil dos estados selecionados no VTI do setor têxtil nacional (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Como já visto, o setor têxtil apresentou desempenho inferior à indústria de transformação nos últimos anos. Quando se analisam os principais Estados atuantes no segmento têxtil, no acumulado nos anos de 1996 a 2012, observa-se impacto ainda maior quando esse setor é comparado com a indústria de transformação como um todo. O Ceará foi o estado que apresentou maior disparidade, registrando decréscimo de 33,3% no valor da transformação têxtil entre os anos de 1996 a 2012. Sendo também o estado que apresentou pior desempenho nesse período. São Paulo registrou queda no setor têxtil de 12,29%, no acumulado de 1996 a 2012 (GRÁFICO42).

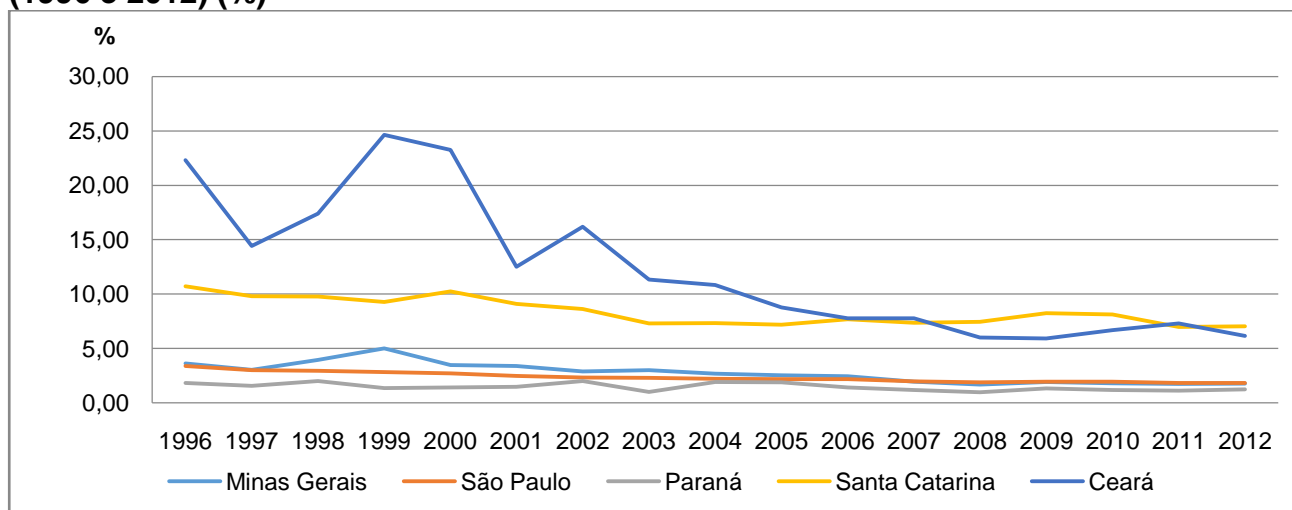
GRÁFICO 43: Brasil: crescimento acumulado do valor da transformação indústria total e têxtil por Estado selecionado (1996 e 2012) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Outro fator a ressaltar é a redução da importância da indústria têxtil na indústria de transformação em geral, que ocorreu nos cinco estados onde a indústria têxtil é mais importante. O Gráfico 43 mostra a enorme relevância que o setor têxtil tem na economia cearense, quando no final da década dos anos de 1990 representava mais de 20% da indústria de transformação do Estado. Porém, essa participação foi caindo, encerrando a série com participação um pouco acima de 6%.

GRÁFICO 44: Brasil: valor da transformação industrial têxtil na indústria total (1996 e 2012) (%)

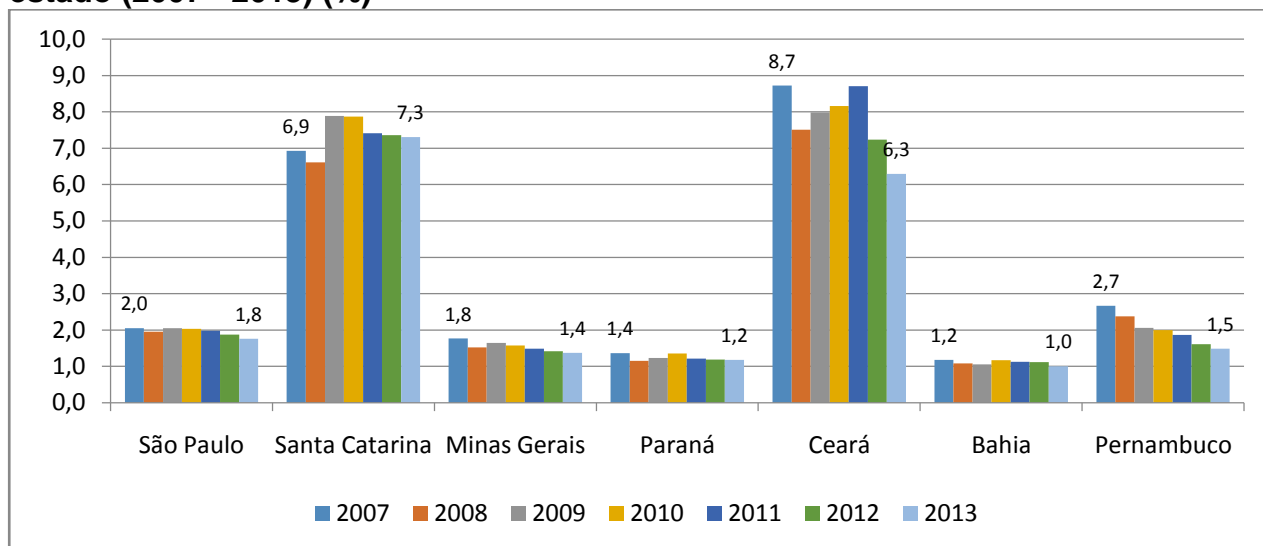


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Ao inserir os estados da Bahia e Pernambuco na análise, observa-se que o setor têxtil também perdeu importância dentro da indústria do próprio estado, corroborando com

o desempenho ruim do setor têxtil nos últimos anos também na Região Nordeste (GRÁFICO 45).

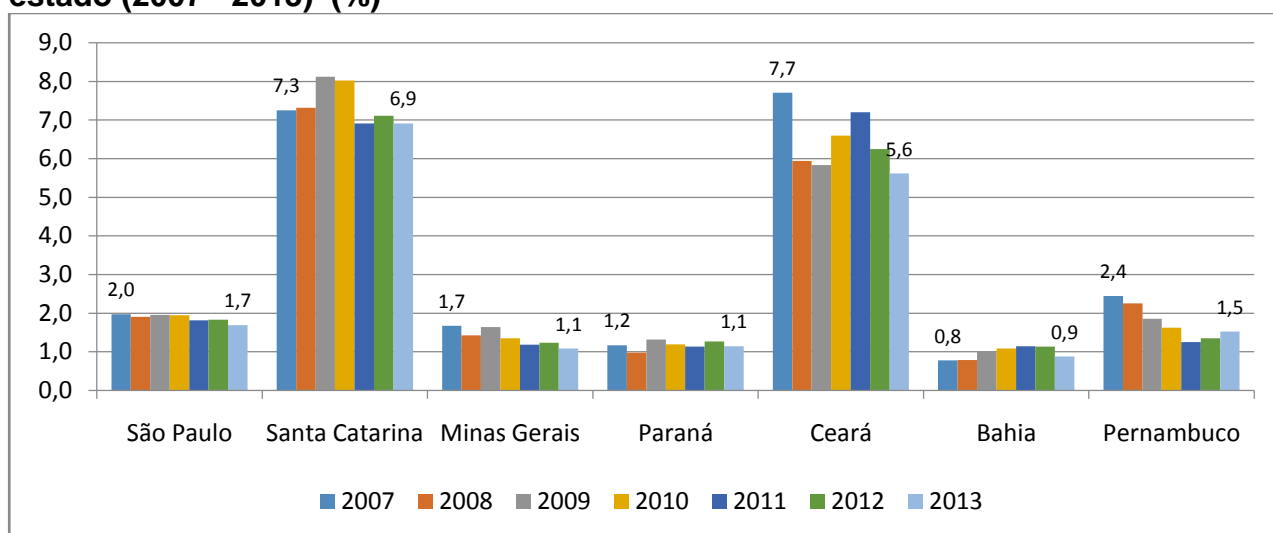
GRÁFICO 45: VBP do setor têxtil no total do VBP da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Quanto a participação do VTI do setor têxtil no total do VTI de cada estado, notou-se uma participação ainda menor do que o VBP, indicando que outros setores possuem maior valor agregado na economia.

GRÁFICO 46: VTI do setor têxtil no total do VTI da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%)

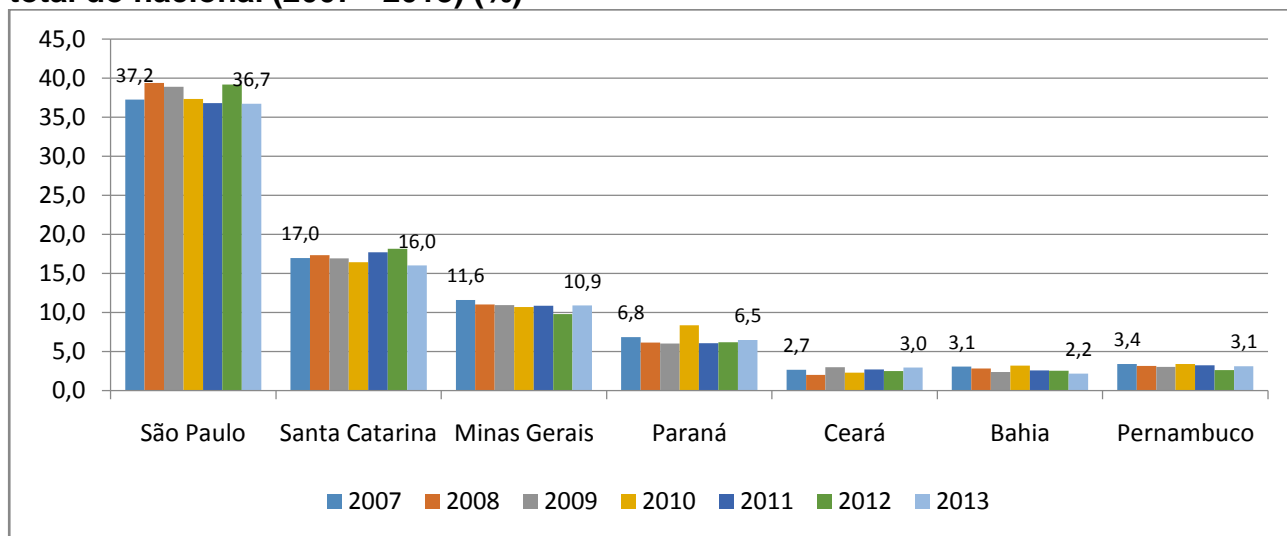


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Ao observar a quantidade de empresas e empregados na indústria têxtil, São Paulo, em 2007, detinha 37,2% do número de estabelecimentos do setor têxtil brasileiro, passando para 36,7% em 2013. Santa Catarina foi o estado que mais aumentou o número

de estabelecimentos. O Ceará manteve ganhou participação, passando de 2,7%, em 2007, para 3,0%, em 2013. Embora a quantidade de estabelecimentos não tenha crescido em ritmo tão acelerado quando comparado com outros estados, nota-se que o Ceará mantém-se como um polo têxtil com capacidade de atratividade. Dentre os principais estados do setor têxtil, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná também mantiveram suas participações próximas nos três anos observados (Gráfico 47).

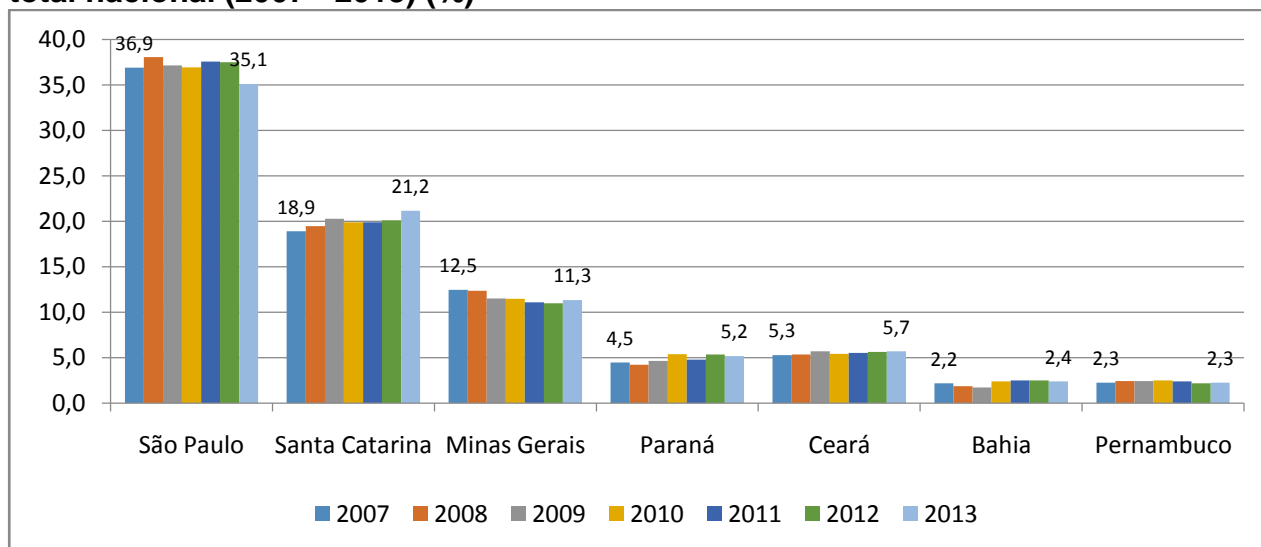
GRÁFICO 47: Brasil: Participação do número de unidades locais do setor têxtil no total do nacional (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Com relação ao número de empregos do setor têxtil, observou-se que dentre os principais estados que empregam nesse setor, São Paulo e Minas Gerais apresentaram redução na participação de número de empregados, do ano de 2007 para 2013. Destaque para os estados de Santa Catarina e Paraná, que tiveram aumento na participação da quantidade de empregados. O Ceará apresentou um ganho de participação mais moderado entre os anos de 2007 a 2013. Ressalta-se que o setor têxtil, nos últimos anos, reduziu a demanda por mão-de-obra em virtude do avanço tecnológico das máquinas utilizadas no setor, o que explica o fato pelo qual o número de empregos no setor têxtil brasileiro diminuiu enquanto o número de estabelecimentos aumentou (GRÁFICO48).

GRÁFICO 48: Brasil: Participação do número de pessoas ocupadas do setor têxtil no total nacional (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Analisando o setor têxtil de forma mais desagregada é possível identificar as potencialidades desse setor no município de Fortaleza e também comparar com as principais cidades que se destacam nesse segmento no país. Assim, quando se avalia o setor têxtil de Fortaleza constata-se que de fato o município está inserido entre as principais cidades brasileiras que compõe o setor. No ano de 2006, a cidade de Fortaleza possuía 146 estabelecimentos têxteis, sendo a 7ª cidade com maior quantidade de estabelecimentos, representando uma participação de 1,59% para, em 2013, contabilizar 185 estabelecimentos, com participação de 1,65%. (TABELA 11).

TABELA 11: Brasil: número de estabelecimentos do setor têxtil por cidade selecionada (2006 e 2013)

Município	2006	Part % 2006	Rk	Município	2013	Part % 2013	Rk
São Paulo - SP	928	10,11	1º	1º São Paulo - SP	890	7,93	1º
Americana - SP	377	4,11	2º	2º Ibitinga - SP	465	4,14	2º
Ibitinga - SP	331	3,61	3º	3º Brusque - SC	355	3,16	3º
Brusque - SC	273	2,97	4º	4º Americana - SP	333	2,97	4º
Blumenau - SC	231	2,52	5º	5º Blumenau - SC	263	2,34	5º
Santa Barbara D Oeste - SP	165	1,80	6º	6º Fortaleza -CE	185	1,65	6º
Fortaleza	146	1,59	7º	7º Goiânia - GO	180	1,60	7º
Belo Horizonte	115	1,25	8º	8º Santa Barbara D Oeste - SP	172	1,53	8º
Rio de Janeiro	112	1,22	9º	9º Gaspar - SC	146	1,30	9º
Gaspar - SC	106	1,15	10º	10º Guabiruba - SC	133	1,19	10º
Brasil	9.178	100,00		Brasil	11.219	100,00	

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

A cidade de São Paulo possui a maior a quantidade de estabelecimentos têxteis, no ano de 2013, com 890, em 2006 esse número era de 928 estabelecimentos, expressando redução entre esses anos.

Em 2013, dez municípios concentravam 29,5% dos empregos gerados na fabricação de produtos têxteis. Vale ressaltar que a cidade de Fortaleza não aparecia entre os dez, pois ocupava a décima terceira colocação no *ranking* nesse ano. Os três principais municípios foram: São Paulo, com 5,56% de participação no total de empregos no setor, Blumenau (4,19%) e Americana (3,68%). Fortaleza foi adicionado à análise para efeitos comparativos gerais e registrou, no último ano, participação de 1,22%, face aos 1,32% de 2006. (TABELA 12).

TABELA12: Brasil: número de empregos do setor têxtil por município selecionado (2006 e 2013)

Município	2006	Part % 2006	Rk	Município	2013	Part % 2013	Rk
São Paulo - SP	20.634	7,05	1º	São Paulo - SP	16.832	5,56	1º
Blumenau - SC	14.509	4,96	2º	Blumenau - SC	12.702	4,19	2º
Americana - SP	12.782	4,37	3º	Americana - SP	11.158	3,68	3º
Brusque - SC	9.512	3,25	4º	Brusque - SC	11.084	3,66	4º
Maracanaú - CE	7.916	2,71	5º	Maracanaú - CE	8.145	2,69	5º
Ibitinga - SP	5.539	1,89	6º	Santa Bárbara D Oeste - SP	7.169	2,37	6º
Santa Bárbara D Oeste - SP	5.533	1,89	7º	Ibitinga - SP	6.878	2,27	7º
Nova Odessa	5.256	1,80	8º	Nova Odessa - SP	6.103	2,02	8º
Joinville - SC	5.123	1,75	9º	Joinville - SC	5.580	1,84	9º
Fortaleza	3.871	1,32	13º	Fortaleza - CE	3.692	1,22	13º
Brasil	292.475	100,00		Brasil	302.869	100	

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Considerando as cidades que apresentam maior quantidade de empregados no setor têxtil em 2013, analisou-se o valor da remuneração desses trabalhadores nos anos de 2006 e 2013. Como era de se esperar a maior massa salarial concentra-se na cidade de São Paulo, com R\$ 37,7 milhões, para o ano de 2013. Nesse mesmo ano, a massa salarial do setor têxtil em Fortaleza foi de R\$ 3,8 milhões. Enquanto a massa salarial de Maracanaú foi de R\$ 9,9 milhões. Esse menor valor da massa salarial na cidade de Fortaleza está relacionado não apenas pela menor quantidade de empregados, mas também por apresentar um dos menores salários médio pago no setor têxtil. (TABELA 13).

A cidade de São Paulo apresenta o maior salário médio do setor têxtil, seguida de Santa Bárbara D Oeste e Joinville. Ibitinga e Santa Bárbara D'Oeste foram as cidades que

apresentaram maior aumento salarial do período de 2006 para 2013. Fortaleza também apresentou ganho salarial no setor têxtil no período de 2006 para 2013.

TABELA13: Brasil: valor real da massa salarial do setor têxtil* por cidade selecionada (2006 e 2013)

Município	2006		2013		Var% da massa salarial real 2013/2006	Var% média salarial 2013/2006
	Massa salarial (R\$)	Média (R\$)	Massa salarial (R\$)	Média (R\$)		
São Paulo - SP	41.015.007,75	1.987,74	37.693.339,95	2.239,39	-8,10	12,66
Blumenau - SC	20.479.725,50	1.411,52	20.721.512,99	1.631,36	1,18	15,57
Americana - SP	20.572.544,08	1.609,49	20.302.506,07	1.819,55	-1,31	13,05
Brusque - SC	14.434.799,79	1.517,54	19.461.683,44	1.755,84	34,82	15,70
Santa Bárbara D Oeste - SP	8.739.509,96	1.579,52	14.866.528,14	2.073,72	70,11	31,29
Joinville - SC	8.202.719,16	1.601,16	10.672.198,45	1.912,58	30,11	19,45
Nova Odessa - SP	7.107.083,23	1.352,18	10.506.904,82	1.721,60	47,84	27,32
Maracanaú - CE	8.173.519,37	1.032,53	9.912.877,61	1.217,05	21,28	17,87
Ibitinga - SP	4.316.002,06	779,20	7.342.633,27	1.067,55	70,13	37,01
Fortaleza - CE	3.321.646,98	858,08	3.853.047,84	1.043,62	16,00	21,62

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.. Valores constantes a preços de 2013.

Na comparação de Fortaleza com cidades cearenses com maior expressividade no setor têxtil, observou-se que aquela possui a maior quantidade de estabelecimento do Estado, seguida de Maracanaú e Jaguaruana (Tabela 14). Nesse aspecto ressalta-se que Maracanaú apresenta apenas 30 estabelecimentos têxteis, com participação de 9,2%, mas é a cidade cearense que apresenta maior valor da produção no setor. Jaguaruana destaca pela produção de redes e as demais cidades possuem produção mais voltada para o processo de fiação com baixa tecnologia.

TABELA14: Ceará: número de estabelecimento por município (2006 - 2013) (%)

RK	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Fortaleza	54,48	56,06	57,29	56,77	58,36	56,79	59,38	56,75
2º	Maracanaú	9,70	9,34	10,17	10,97	10,82	10,19	9,85	9,20
3º	Jaguaruana	7,09	7,61	7,12	6,45	6,89	6,79	6,77	7,36
4º	Horizonte	0,75	1,38	1,36	0,97	1,31	1,23	1,85	2,45
5º	Caucaia	0,75	1,73	1,69	0,97	0,33	1,23	0,62	2,15
6º	Sobral	1,49	2,08	2,03	1,94	1,64	2,16	1,85	2,15
7º	Aquiraz	1,12	1,38	1,69	1,61	0,98	2,16	2,15	1,84
8º	Juazeiro do Norte	2,24	1,04	1,69	1,29	0,66	1,54	2,15	1,84
9º	Eusébio	1,49	2,08	2,03	2,26	1,97	2,78	1,85	1,53
10º	Iguatu	0,75	0,69	0,68	0,97	1,64	1,23	1,23	1,53
	Subtotal	79,85	83,39	85,76	84,19	84,59	86,11	87,69	86,81
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quando se analisa a quantidade de empregados do setor têxtil nas cidades cearenses, ratifica-se a importância de Maracanaú, empregando em torno de 50% do total de empregos do setor no Estado. Fortaleza apresentou queda acentuada na quantidade de empregados, passando de 6.696, em 2006, para 3.692, em 2013, porém manteve a participação em torno de 22%. (TABELA 15).

Ressaltam-se os municípios de Horizonte e Pacajus, ambas localizadas na Região Metropolitana de Fortaleza, que possuem mais de mil empregados no setor têxtil.

TABELA15: Ceará: número de empregos por município selecionado (2006 – 2013)(%)

RK	Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1º	Maracanaú	52,43	52,37	56,84	58,20	56,06	51,97	50,69	49,51
2º	Fortaleza	25,64	25,97	20,44	19,40	20,90	22,98	23,74	22,44
3º	Horizonte	6,58	6,60	5,99	6,02	6,15	6,09	6,39	7,09
4º	Pacajus	6,33	6,43	6,57	6,70	5,69	6,06	6,33	6,78
5º	Eusébio	1,18	1,33	2,83	3,29	3,84	3,79	3,58	4,09
6º	Jaguaruana	2,43	2,63	2,86	2,25	2,22	2,58	2,30	2,40
7º	Cascavel	0,00	0,13	0,07	0,54	0,68	0,91	1,42	2,21
8º	Pacatuba	0,56	0,26	0,13	0,12	1,07	1,38	1,68	1,64
9º	Aquiraz	0,09	0,21	0,39	0,53	0,42	1,20	1,01	0,68
10º	Acopiara	0,41	0,37	0,41	0,23	0,35	0,46	0,43	0,48
	Subtotal	95,66	96,31	96,53	97,27	97,39	97,42	97,56	97,31
	Ceará	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quanto às características do setor têxtil de Fortaleza, buscou-se identificar alguns aspectos quanto ao tamanho e tipo dos estabelecimentos do setor têxtil, nível de escolaridade e faixa etária.

O município de Fortaleza atualmente destaca-se em acabamentos em fio, tecidos e artefatos têxteis, com 78 estabelecimentos, na Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário, com 74 estabelecimentos, e Preparação e fiação de fibras têxteis, com 19 unidades produtivas. (TABELA 16).

TABELA16: Fortaleza: número de estabelecimentos por atividade do setor têxtil (2006-2013)

Tipo de estabelecimento têxtil	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Preparação e fiação de fibras têxteis	23	22	24	21	22	20	20	19
Tecelagem, exceto malha	10	8	5	8	4	5	7	8
Fabricação de tecidos de malha	6	6	8	9	7	7	7	6
Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis	42	57	55	67	70	80	82	78
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	65	69	77	71	75	72	77	74
Total	146	162	169	176	178	184	193	185

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à quantidade de empregados por atividade do setor têxtil, apesar de haver maior quantidade de estabelecimento de Acabamentos em fio, tecidos e artefatos têxteis e no segmento de Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário, é o segmento de Preparação de fiação de fibras e têxteis que possui maior número de empregados (1.918), representando mais de 50% do total de empregados no setor em Fortaleza. (TABELA 17).

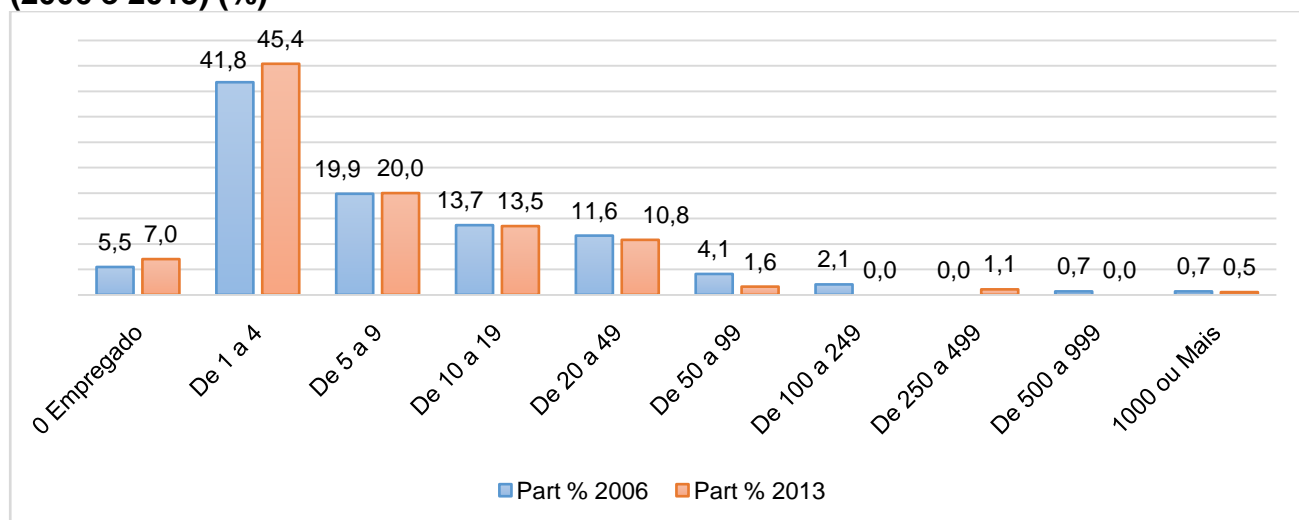
TABELA17: Fortaleza: número de empregados por tipo de atividade do setor têxtil (2006-2013)

Empregados por tipo de estabelecimento têxtil	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Preparação e fiação de fibras têxteis	2.548	2.756	1.800	1.685	1.902	2.054	2.143	1.918
Tecelagem, exceto malha	42	44	45	31	28	16	30	40
Fabricação de tecidos de malha	11	23	46	68	45	52	84	83
Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis	561	569	589	740	831	746	758	662
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	709	740	834	831	913	1.004	1.032	989
Total	3.871	4.132	3.314	3.355	3.719	3.872	4.047	3.692

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quando se analisa o tamanho dos estabelecimentos têxteis instalados em Fortaleza, conforme mostra o gráfico 44, no ano de 2006 havia 2 (duas) empresas com mais de 500 empregados, ou seja, consideradas de grande porte, mas, em 2013, esse tipo de empresa caiu para apenas 1 (uma), representando apenas 0,5% do total. Ainda, em 2013, Fortaleza possuía duas empresas de médio porte (com número de empregados em 100 a 499), com participação de 1,1%. A maioria dos estabelecimentos foi classificada como micro ou pequena, ou seja, com número de empregados entre 0 e 99, com participação de 98,4%.

GRÁFICO 49: Fortaleza: número de estabelecimentos do setor têxtil por tamanho (2006 e 2013) (%)

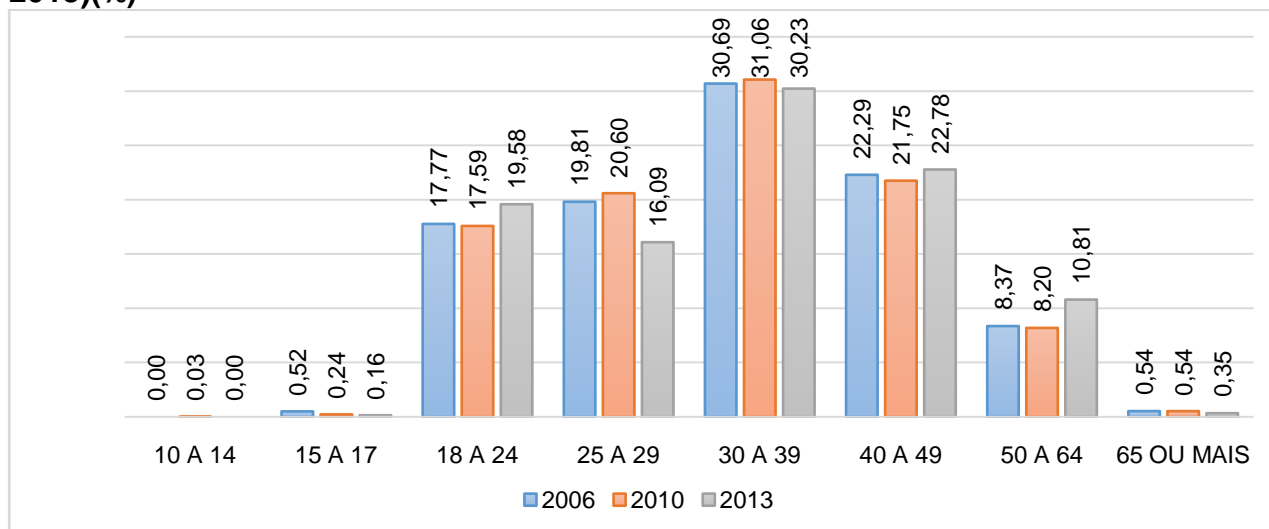


FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à faixa etária dos empregados do setor têxtil em Fortaleza, constatou-se que este emprega maior número de pessoas com idade entre 30 e 39 anos, correspondendo a 30% do total. Verificou-se que nas faixas de idade de 15 a 17 e 25 a 29

anos ocorreu diminuição da participação de empregados. Enquanto a faixa de idade de 18 a 24 e de 50 a 64, aumentou a participação (Gráfico 50).

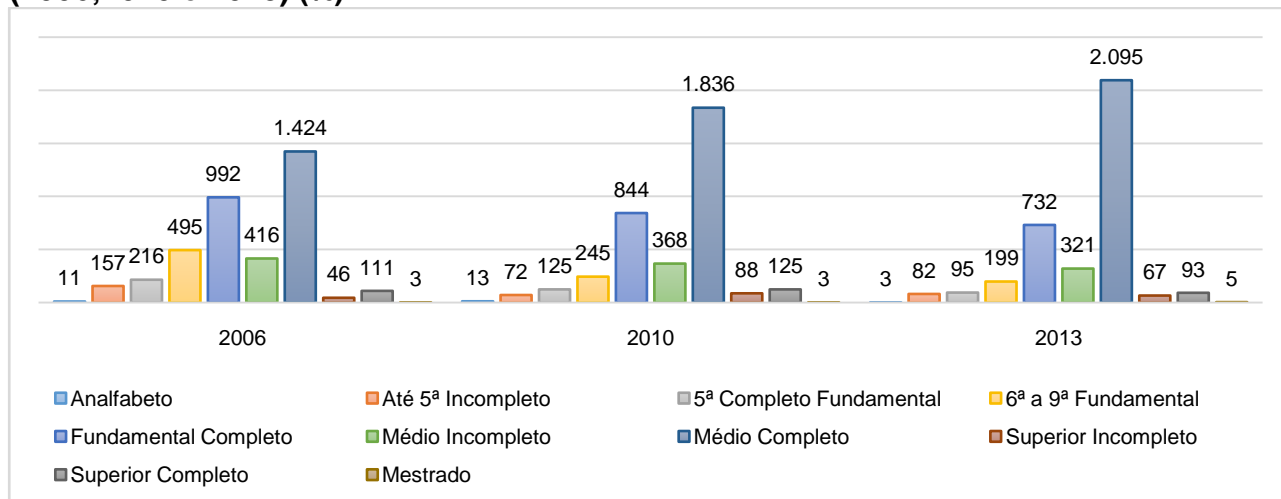
GRÁFICO 50: Fortaleza: empregados no setor têxtil por faixa etária (2006;2010 e 2013)(%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quanto ao nível de escolaridade, em 2006 o setor têxtil de Fortaleza empregava maior número pessoas com ensino médio completo (1.424) e pessoas com fundamental completo (992). Em 2013, essa estrutura permanece, porém reduziu a quantidade de empregados com fundamental completo e aumentou com ensino médio completo, indicando a necessidade de melhor qualificação da mão de obra empregada. Ainda assim, observa-se elevada quantidade de empregados com nível de escolaridade inferior ao ensino médio completo (GRÁFICO51).

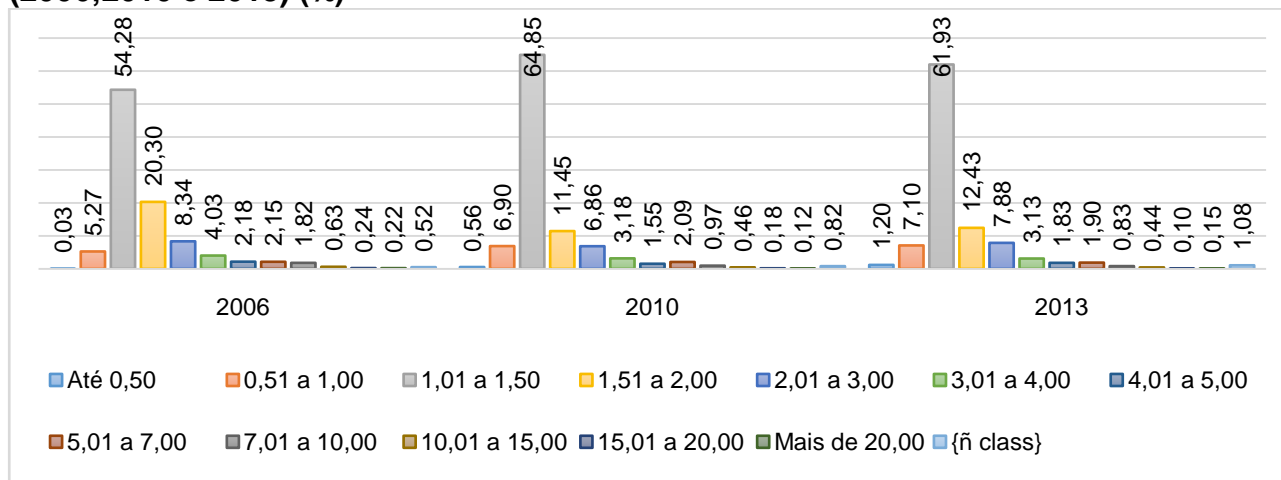
GRÁFICO51: Fortaleza: número de empregados no setor têxtil por escolaridade (2006;2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à faixa salarial verificou-se aumento e depois diminuição da participação das pessoas que recebem entre 1,01 a 1,5 salários mínimos, sendo a faixa com maior quantidade de empregados, com participação de 61,9%, em 2013. A participação da quantidade de pessoas com ganho entre 1,51 a 2,0 salário mínimos caiu entre os anos de 2006 e 2013. Enquanto a participação de empregados que ganha entre 0,51 e 1,0 salário mínimo aumentou de 5,27% para 7,1%, de 2006 para 2013. Ressalta-se a redução do número de pessoas que recebiam mais de 5 salários mínimos, atingindo todas as demais faixas salariais acima desse valor. (GRÁFICO 52).

GRÁFICO52: Fortaleza: número de empregados no setor têxtil por faixa salarial (2006;2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

2.1.2 Inserção internacional do setor têxtil de Fortaleza

Nesse tópico, será analisado o comércio exterior das principais cidades do setor têxtil brasileiro, isto é consideraram-se aquelas com maior número de empregados no setor no ano de 2013.

Quando se analisa o comércio exterior na cadeia do setor têxtil é importante distinguir os produtos envolvidos no setor, pois parte são insumos da cadeia (algodão, outras fibras naturais e fibras e filamentos sintéticos) e outros produtos são os produzidos pelo setor (tecidos, falsos tecidos, tapetes). Sendo assim, podem-se identificar quais as principais cidades que exportam e importam insumos e produtos finais do setor têxtil.

É importante destacar que a produção do algodão brasileiro retomou sua importância nacional e internacional. O país está entre os cinco principais países produtores, estando atrás da China, Índia, Estados Unidos e Paquistão. No mercado mundial, o Brasil é o terceiro país exportador de algodão, sendo os Estados Unidos e Índia os primeiros e o segundo maior exportador, respectivamente. Sendo assim, as exportações brasileiras de produtos têxteis, em torno de 50% correspondem a algodão. Logo, as cidades brasileiras que mais exportam produtos do setor têxtil encontram-se nos principais estados produtores de algodão, que são Mato Grosso e Bahia. (TABELA 19).

Assim, dentre os maiores municípios do setor têxtil (não foi considerado os municípios que mais exportam do setor têxtil, mas os que mais empregam), São Paulo detém mais de 40% do valor exportado pelo Brasil, Maracanaú aparece em segundo lugar, com participação em torno de 25%, porém essa participação já foi maior, conforme pode ser visto na Tabela 19. Fortaleza participa com menos de 2% das exportações têxteis do Brasil, indicando que, diante da sua expressividade produtiva, a produção têxtil desse município está mais voltada para o mercado interno.

TABELA18: Brasil: valor das exportações de produtos têxteis por município selecionado (FOB US\$) (2012;2013 e 2014)

Município	2012	Part % 2012	2013	Part % 2013	2014	Part % 2014
São Paulo - SP	147.805.667	49,83	65.333.649	37,77	68.188.603	48,32
Maracanaú - CE	77.975.284	26,29	49.447.659	28,59	21.354.289	15,13
Americana - SP	33.710.012	11,36	24.160.535	13,97	17.740.536	12,57
Blumenau - SC	7.654.917	2,58	8.801.988	5,09	10.079.609	7,14
Nova Odessa - SP	9.595.805	3,24	10.146.864	5,87	8.148.025	5,77
Santa Barbara D'Oeste - SP	8.563.782	2,89	6.024.333	3,48	6.267.768	4,44
Joinville - SC	5.864.156	1,98	4.949.288	2,86	4.693.857	3,33
Brusque - SC	3.445.366	1,16	2.496.803	1,44	2.703.100	1,92
Fortaleza - CE	1.998.895	0,67	1.598.985	0,92	1.945.072	1,38
Ibitinga - SP	295	0,00	0	0,00	1.672	0,00
Brasil	296.614.179	100,00	172.960.104	100,00	141.122.531	100,00

FONTE: BRASIL, 2015b

Quanto aos países de destino dos produtos têxteis, analisaram-se os destinos das exportações das quatro principais cidades e se compararam aos destinos de Fortaleza. Observou-se que dentre os cinco principais países para onde Fortaleza exporta seus produtos têxteis, apenas Argentina e Estados Unidos aparecem entre os cinco países de destino das demais cidades. (TABELA 20).

QUADRO1: Fortaleza, Maracanaú, São Paulo, Americana e Blumenau: principais destinos das exportações de produtos têxteis por país (cap 50-60) (2014)

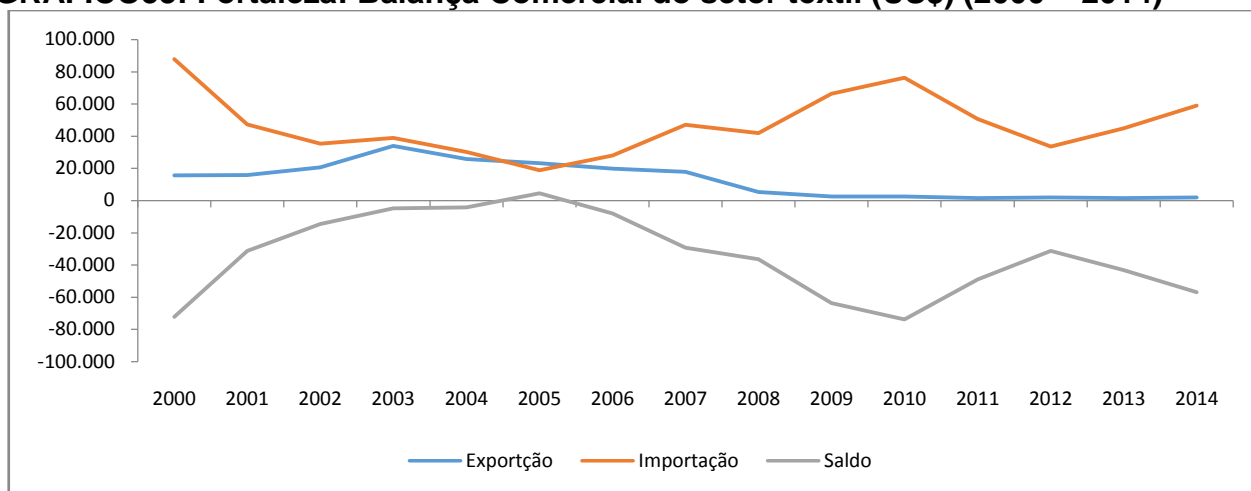
Fortaleza	Maracanaú	São Paulo	Americana	Blumenau
Alemanha	Argentina	China	Argentina	Paraguai
Argentina	Colômbia	Indonésia	Paraguai	Argentina
França	Paraguai	Turquia	Chile	Peru
Países Baixos (Holanda)	Venezuela	Coreia do Sul	Colômbia	Colômbia
Estados Unidos	México	Estados Unidos	Peru	Bolívia

FONTE: BRASIL, 2015b

Fortaleza possui uma balança comercial negativa no setor têxtil, com valores das importações bem acima do valor das exportações. Nos anos que se seguiram a crise econômica observou-se instabilidade nas importações de produtos têxteis, porém para as exportações a queda acentuou-se ainda mais, não mais se recuperando e se mantendo

em valores muito baixos. Com isso, as exportações de produtos têxteis realizadas por Fortaleza ficaram ainda menos significativas. Porém, é importante visualizar o mercado externo como futuro potencial de ganho de mercado. (GRÁFICO 53).

GRÁFICO53: Fortaleza: Balança Comercial do setor têxtil (US\$) (2000 – 2014)



FONTE: BRASIL, 2015b

É importante identificar os produtos têxteis exportados e os importados por Fortaleza para entender a Balança Comercial desse setor do município. Ao observarem as tabelas 20 e 21 que mostram a lista desses produtos pode-se notar que apenas a exportação do produto Rede de malhas com nós apresenta maior valor do que valor importado, enquanto que os demais produtos apresentam o valor das importações bem acima do valor das exportações. Isso indica que o setor têxtil de Fortaleza enfrenta forte competitividade com o setor externo visto que todos os produtos exportados são também importados pelo município.

TABELA19: Fortaleza: principais produtos têxteis exportados (2013)

Código SH4	Descrição do SH4	Valor (US\$)	Kg Líquido
5608	Redes de malhas com nós, em panos ou em peça	636.048	43.181
5208	Tecidos de algodão, contendo pelo menos 85 %	441.582	78.762
5513	Tecidos de fibras sintéticas descontínuas	431.788	75.148
5209	Tecidos de algodão, contendo pelo menos 85 %	60.236	14.194
5607	Cordéis, cordas e cabos, entrançados ou não	20.657	1.056
5210	Tecidos de algodão, contendo menos de 85 %	8.645	1.493

FONTE: BRASIL, 2015b

TABELA20: Fortaleza: principais produtos têxteis importados (2013)

Código SH4	Descrição do SH4	Valor (US\$)	Kg Líquido
5407	Tecidos de fios de filamentos sintéticos	14.611.413	4.302.764
6006	Outros tecidos de malha	8.346.323	2.142.821
5503	Fibras sintéticas descontínuas	3.805.865	2.354.371
5208	Tecidos de algodão, contendo pelo menos 85 %	3.151.462	574.490
5504	Fibras artificiais descontínuas	2.617.199	1.141.930
5201	Algodão, não cardado nem penteado	2.128.492	1.027.308
5402	Fios de filamentos sintéticos (exceto linhas para costurar)	1.690.934	459.382
5513	Tecidos de fibras sintéticas descontínuas	752.048	170.966
5209	Tecidos de algodão, contendo pelo menos 85 %	304.590	118.302
5607	Cordéis, cordas e cabos, entrançados ou não	31.732	7.072
5608	Redes de malhas com nós, em panos ou em peça	17.253	3.391
5210	Tecidos de algodão, contendo menos de 85 %	9.324	1.162
5212	Outros tecidos de algodão	174	23

FONTE: BRASIL, 2015b

2.2 Vestuário/confecção

2.2.1 Caracterização Nacional e Estadual do Setor

A indústria de vestuário é bastante diversificada, com 21 segmentos incluindo artigos de cama, mesa e banho, os mais variados tipos de roupa e acessórios, entre outros. Além do mais, o setor também é bastante segmentado por faixa de renda, sexo e idade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO).

Outra característica da indústria de confecções é ser constituída por grande número de empresas, sendo esta uma característica internacional, por ser um setor de reduzidas barreiras tecnológicas e de baixo valor de investimento. Vale ressaltar que, no Brasil, há elevada quantidade de empresas informais, prejudicando a eficiência produtiva.

O setor de vestuário é muito importante na economia nacional, tanto no aspecto econômico como no aspecto social, pois é o segundo maior empregador da indústria de transformação e também o segundo maior gerador de primeiro emprego. O setor gera faturamento em torno de R\$ 100 bilhões/ano através de mais de 30 empresas, paga R\$ 14 bilhões/ano em salários, tem investido a média de R\$ 5 bilhões a cada ano [somando desembolsos do BNDES e aquisição de máquinas e equipamentos], e recolheu R\$ 7

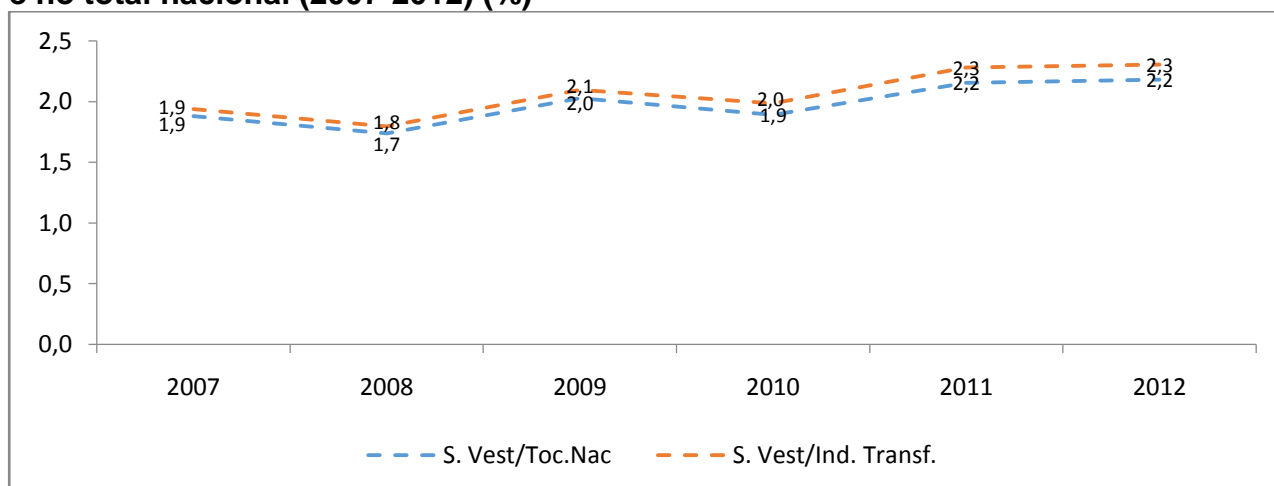
bilhões em contribuições federais e impostos em 2013 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO-ABIT, 2013).

Porém, nos últimos anos, o Brasil vem perdendo competitividade e mercado, mesmo com o mercado mundial aquecido. Estudo do BNDES (2009) mostra que a participação do Brasil no mercado mundial de têxtil e vestuário declinou de 0,7%, em 1997 para 0,3%, em 2007. A China é o país que mais vem ganhando mercado nesse setor, dada a característica deste, por demandar elevada mão-de-obra e ser a China um país que oferece baixo custo de produção. Dados da Abit (2014) mostram que, na última década, a importação de vestuário aumentou em 24 vezes, saltando de US\$148 milhões para US\$ 3,5 bilhões. No Brasil, cerca de 15% do mercado total de vestuário é abastecido por marcas importadas.

As regiões Sul e Sudeste concentram grande parte da produção, respondendo por 87% dos confeccionados têxteis. Os estados de São Paulo e Santa Catarina são os que mais se destacam, todavia, outros estados começam a apresentar crescimento significativo, dos quais o mais expressivo é o Ceará.

O setor de vestuário no Brasil indicou ganho de participação ao longo do período de 2007 a 2012. Nos anos de 2007 e 2008, esse segmento apresentava menos de 2% na indústria total e na indústria de transformação do Brasil, em 2009 a participação foi de 2,1% na indústria de transformação e 2,0% na indústria total do País. Obteve sua maior representatividade econômica em 2011, quando representou com 2,2% da indústria total do Brasil e 2,3% da indústria de transformação do país, mantendo essas mesmas participações no ano de 2012 (GRÁFICO54). É importante ressaltar que, mesmo com a concorrência acirrada, o setor ganhou participação ao longo desse período.

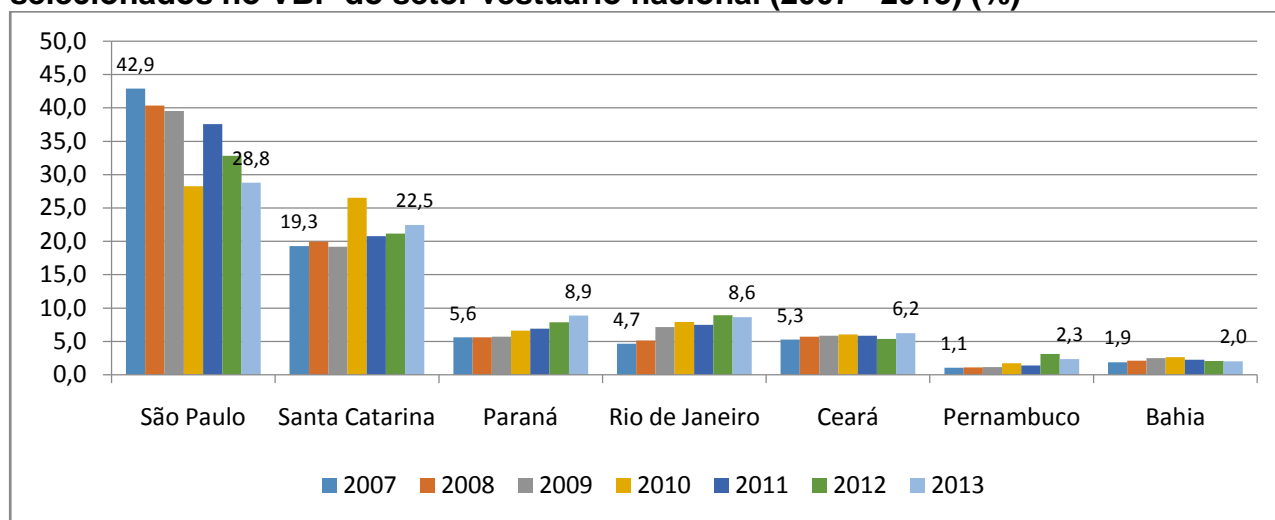
Gráfico 54: Brasil: VBP do setor de vestuário no VBP da indústria de transformação e no total nacional (2007-2012) (%)



Fonte: Contas nacionais/IBGE. Elaboração própria

Quando se analisam os principais Estados produtores do setor vestuário brasileiro, nota-se que São Paulo é o estado com maior participação dentro do setor, com participação de 42,9%, em 2007, porém, em 2013, essa participação caiu para 28,8%. O Ceará ganhou participação, passando de 5,3%, em 2007, para 6,2%, em 2013. Santa Catarina vem sendo o grande destaque diante do ganho de participação no citado setor nos últimos anos, passando de 19,3% em 2007 para 22,5% em 2013. Paraná também vem ganhando participação, embora de forma mais tímida, porém com participação acima do Ceará. Dentro da Região Nordeste o Ceará é o Estado mais expressivo no setor de vestuário (GRÁFICO 55).

GRÁFICO 55: Brasil: Participação do VBP do setor vestuário dos estados selecionados no VBP do setor vestuário nacional (2007 - 2013) (%)

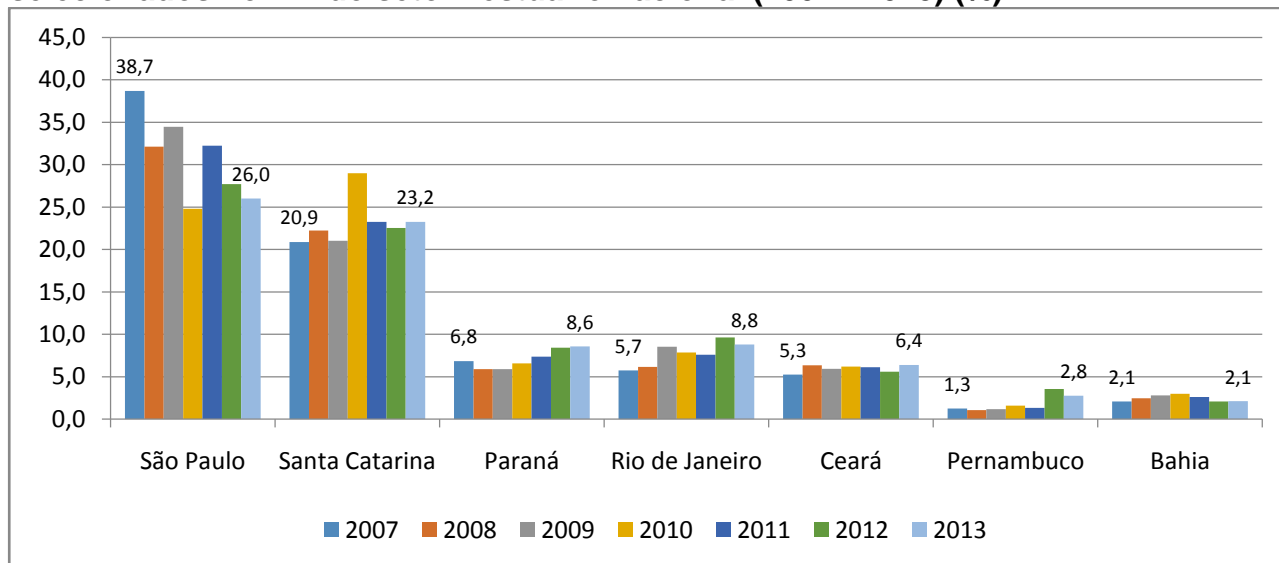


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Quando se analisa o VTI dos principais Estados do setor de vestuário brasileiro, nota-se que São Paulo e Santa Catarina são os que lideram, com participação de 26,0% e 23,2%, respectivamente, no ano de 2013. Entretanto, esses Estados já apresentaram participações maiores, quando, em 2007, os dois juntos representavam aproximadamente 59,6% do setor de vestuário do Brasil.

O Rio de Janeiro é o Estado de destaque, passando de uma participação de 5,7%, em 2007, para 8,8, em 2013. Os estados do Nordeste, Ceará, Pernambuco também tiveram ganho de participação, já a Bahia apresentou a mesma participação nos anos de 2007 e 2013 (GRÁFICO 56).

GRÁFICO56: Brasil: Participação do VTI do setor vestuário dos estados selecionados no VTI do setor vestuário nacional (2007 - 2013) (%)

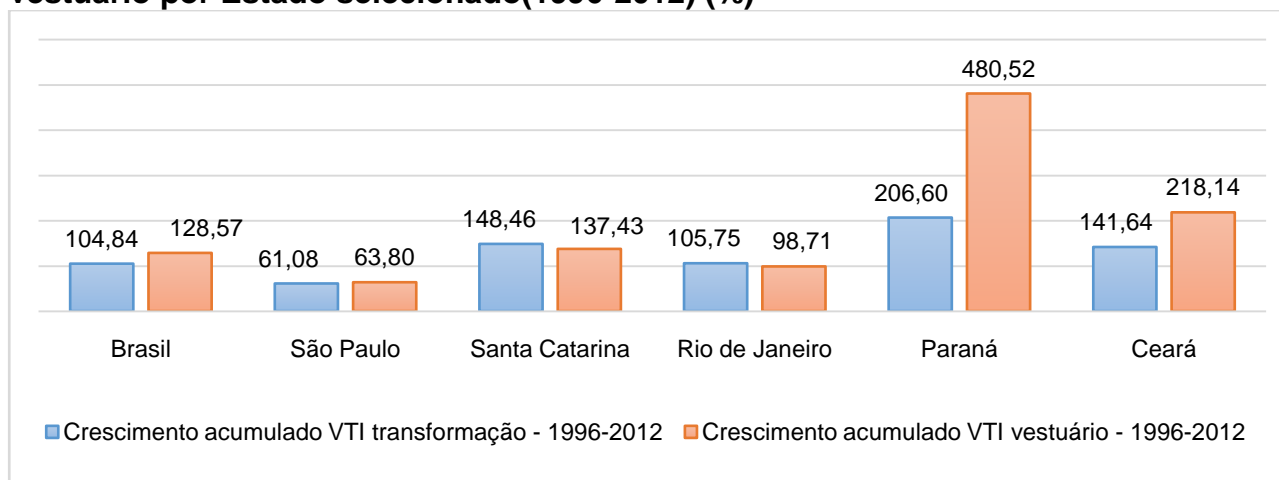


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Como mencionado anteriormente, o setor de confecção apresentou crescimento ao longo dos anos de 1996 a 2012. Conforme pode ser visto no gráfico 57, o desempenho do setor no Brasil apresentou crescimento de 128,6%, naquele intervalo de tempo, enquanto a indústria de transformação como um todo registrou crescimento de 104,8%.

O Ceará e Paraná foram os Estados com crescimento da indústria de vestuário acima da média nacional, com valores de 218,1% e 480,5%, respectivamente. Quanto aos demais Estados analisados, estes também registraram crescimento, porém valores abaixo da média nacional.

GRÁFICO57: Crescimento acumulado do valor da transformação indústria total e vestuário por Estado selecionado(1996-2012) (%)

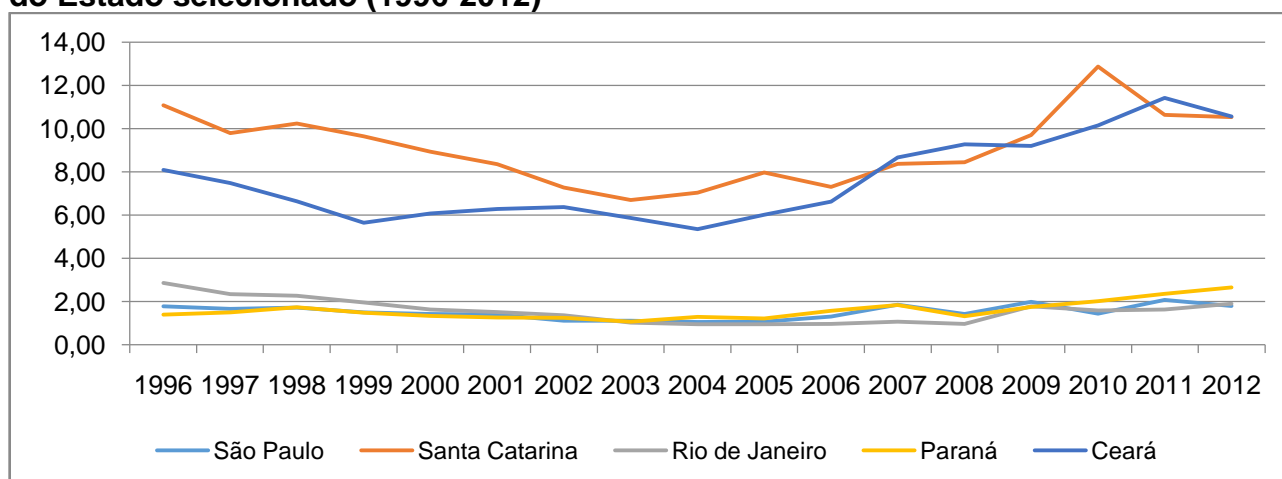


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Ao analisar a importância do setor vestuário de cada Estado dentro da sua indústria, observa-se que entre os anos de 1996 a 2004 houve uma queda de participação do valor da transformação industrial de vestuário na indústria total, isso ocorreu para os cinco Estados analisados. Esse comportamento pode ser causado pelo efeito do Plano Real, quando esse ocasionou grande entrada de produtos de vestuário importados no Brasil.

Porém, a partir de 2005, o setor volta a ganhar participação na economia de seus Estados, indicando recuperação. Como pode ser observado no gráfico 58, Santa Catarina e Ceará são os Estados onde o setor de confecção apresenta maior importância na economia.

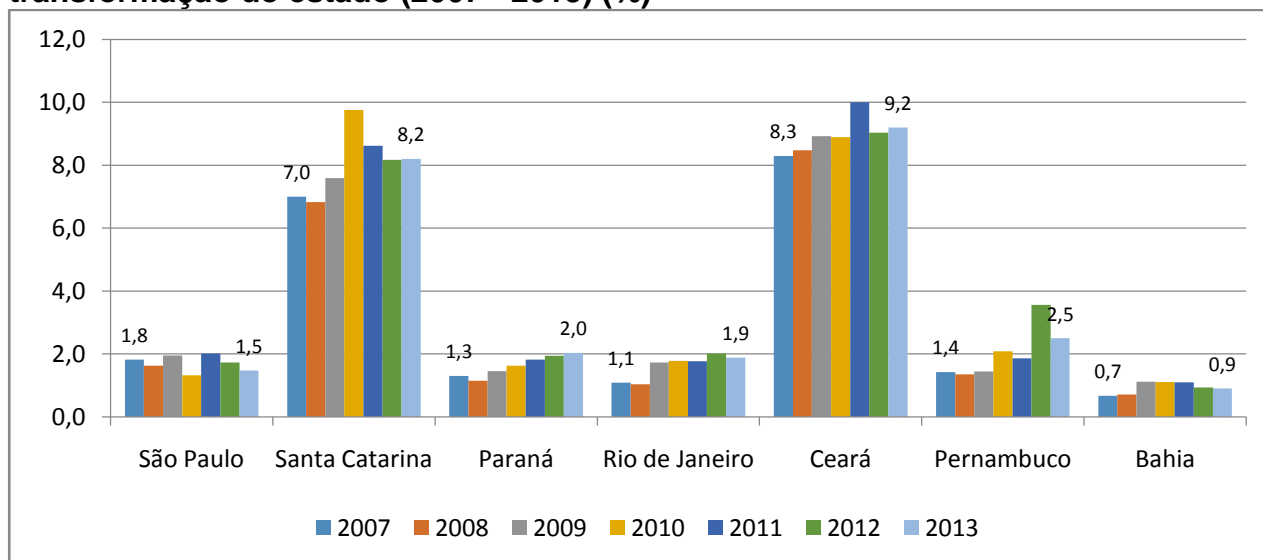
GRÁFICO58: Brasil: valor da transformação industrial de vestuário na indústria total do Estado selecionado (1996-2012)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria.

Ao inserir os estados da Bahia e Pernambuco na análise, observa-se que o setor de vestuário também ganhou importância dentro da indústria do próprio estado, corroborando com a análise de bom desempenho do setor têxtil nos últimos anos também na Região Nordeste (GRÁFICO 59).

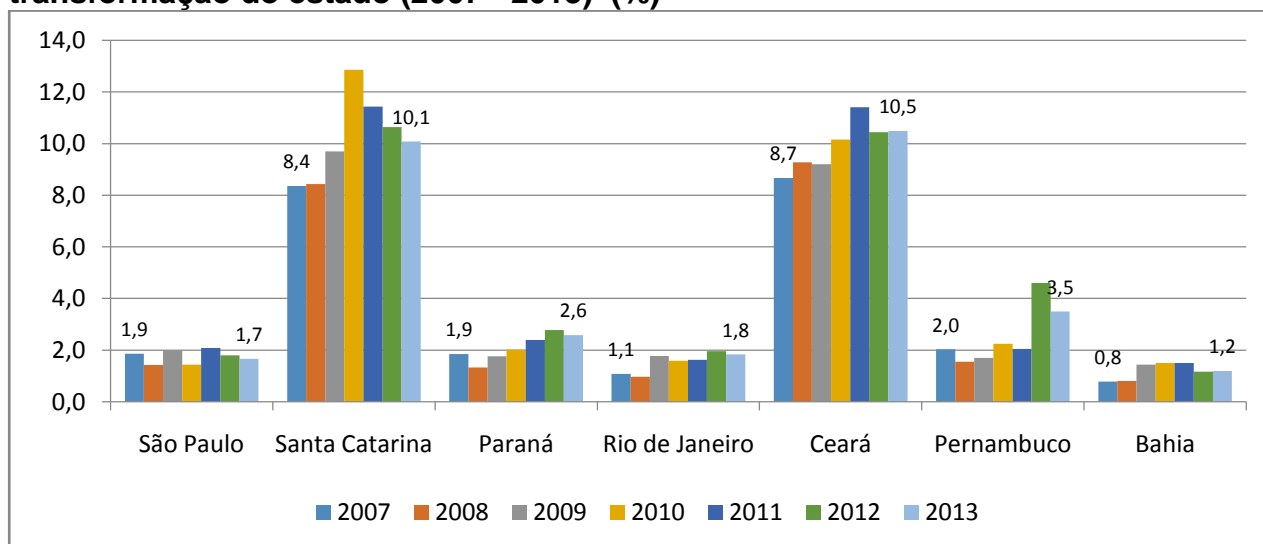
GRÁFICO 59: VBP do setor de vestuário no total do VBP da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Quanto a participação do VTI do setor de vestuário no total do VTI de cada estado, notou-se uma participação ainda maior do que o VBP, indicando um ganho no valor agregado do setor na economia.

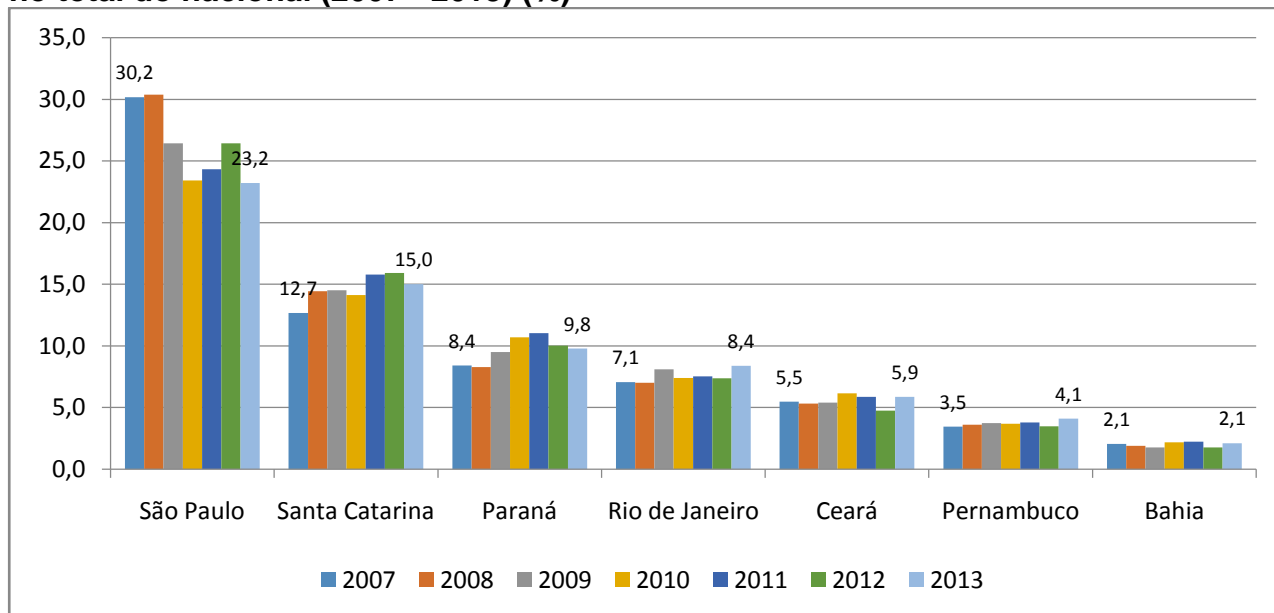
GRÁFICO 60: VTI do setor de vestuário no total do VTI da indústria de transformação do estado (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Ao observar a quantidade de empresas e empregados na indústria de vestuário, São Paulo, em 2007, possuía 30,2% do número de estabelecimentos do setor brasileiro, passando para 23,2% em 2013. Dentre os Estados analisados, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco foram os que ganharam participação (GRÁFICO 61).

GRÁFICO 61: Brasil: Participação do número de unidades locais do setor vestuário no total do nacional (2007 - 2013) (%)

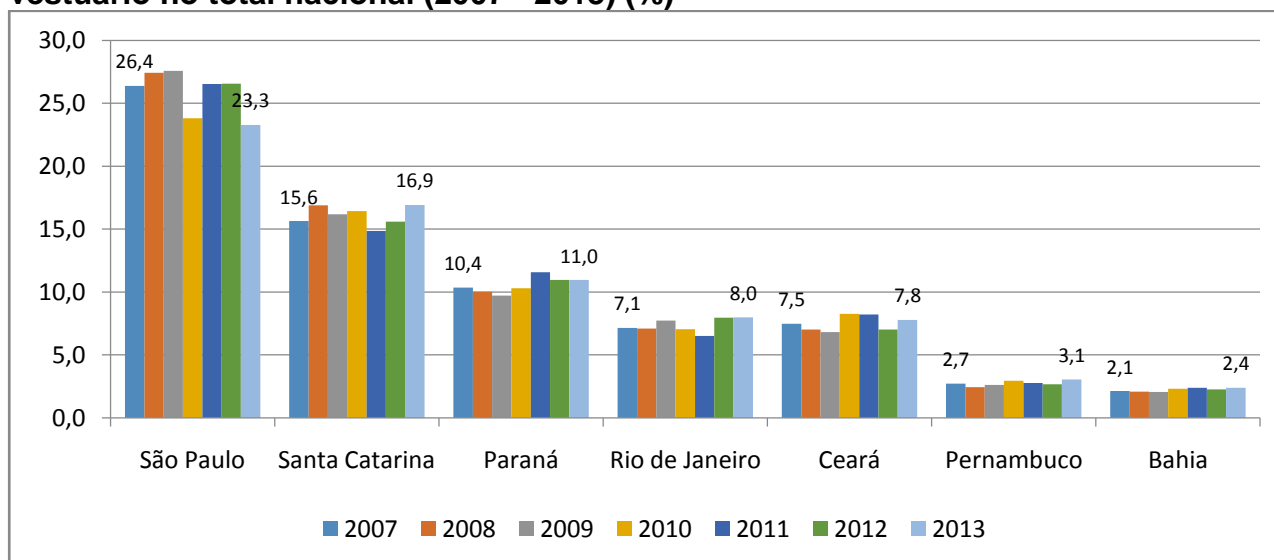


Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Quanto à participação do número de empregados do setor vestuário dentre os estados analisados, observou-se que apenas São Paulo apresentou queda de participação, passando de 26,4%, em 2007, para 23,3%, e em 2013 (GRÁFICO 62).

Vale ressaltar que o Ceará é o quinto estado que mais emprega no setor de vestuário atrás de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, os maiores empregadores, nessa ordem.

GRÁFICO 62: Brasil: Participação do número de pessoas ocupadas do setor vestuário no total nacional (2007 - 2013) (%)



Fonte: PIA/IBGE. Elaboração própria

Analisando o setor de vestuário de forma mais desagregada é possível identificar as potencialidades desse setor no município de Fortaleza e também comparar com as principais cidades que se destacam nesse segmento dentro do país.

Fortaleza aparece como a segunda maior cidade na quantidade de estabelecimento, tanto em 2006 como em 2013, com participação de aproximadamente 4% do total de estabelecimentos do setor de vestuário no Brasil. Vale ressaltar que esse é um segmento bastante pulverizado, presente em quase todas as cidades brasileiras. A cidade de São Paulo, mais uma vez, lidera, com 8.015 estabelecimentos, seguida de Fortaleza, com 2.383, Goiânia (1.861) e Rio de Janeiro (1.118) (TABELA22).

TABELA21: Brasil: número de estabelecimento do setor de vestuário por cidade selecionada (2006 e 2013)

Nº de estabelecimentos no setor de vestuário			Nº de estabelecimentos no setor de vestuário		
Município	2006	Part % 2006	Município	2013	Part % 2013
1º São Paulo - SP	6.753	14,77	1º São Paulo - SP	8.015	13,56
2º Fortaleza - CE	1.753	3,83	2º Fortaleza - CE	2.383	4,03
3º Goiânia - GO	1.566	3,43	3º Goiânia - GO	1.861	3,15
4º Rio de Janeiro	984	2,15	4º Rio de Janeiro	1.118	1,89
5º Belo Horizonte - BH	881	1,93	5º Nova Friburgo	957	1,62
6º Blumenau - SC	721	1,58	6º Belo Horizonte - BH	823	1,39
7º Nova Friburgo - RJ	662	1,45	7º Blumenau - SC	793	1,34
8º Divinópolis - MG	606	1,33	8º Caruaru - PE	701	1,19
9º Caruaru - PE	539	1,18	9º Divinópolis - MG	668	1,13
10º Brusque - SC	539	1,18	10º Brusque - SC	607	1,03
Brasil	45.712	100,00	Brasil	59.101	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à quantidade de mão-de-obra empregada no setor, Fortaleza também está em segundo lugar, com 35.066 pessoas, correspondendo a 5% do valor total empregado pelo setor vestuário no Brasil.

Do ano de 2006 para 2013, as dez maiores cidades do setor de confecção permaneceram praticamente as mesmas, não havendo grandes mudanças. Assim, São

Paulo é a cidade com maior número de empregados no setor, com 80.754 pessoas, seguida de Fortaleza, Rio de Janeiro (22.087) e Blumenau (14.293) (TABELA23).

TABELA22: Brasil: número de empregos do setor de vestuário por cidade selecionada (2006 e 2013)

Nº de empregados no setor de vestuário			Nº de empregados no setor de vestuário		
Município	2006	Part % 2006	Município	2013	Part % 2013
1º São Paulo - SP	74.153	13,01	1º São Paulo - SP	80.754	11,60
2º Fortaleza - CE	28.294	4,96	2º Fortaleza - CE	35.066	5,04
3º Rio de Janeiro - RJ	17.732	3,11	3º Rio de Janeiro - RJ	22.087	3,17
6º Blumenau - SC	11.985	2,10	4º Blumenau - SC	14.293	2,05
4º Goiânia - GO	11.354	1,99	5º Jaraguá do Sul - SC	11.499	1,65
5º Jaraguá do Sul - SC	9.948	1,75	6º Natal - RN	11.395	1,64
7º Natal - RN	8.583	1,51	7º Goiânia - GO	10.733	1,54
8º Nova Friburgo - RJ	8.473	1,49	8º Nova Friburgo - RJ	9.827	1,41
9º Belo Horizonte - MG	7.583	1,33	9º Belo Horizonte - MG	6.570	0,94
10º Brusque - SC	6.415	1,13	10º Apucarana - PR	6.196	0,89
Brasil	570.062	100,00	Brasil	696.085	100,00

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Considerando as cidades que apresentam maior quantidade de empregados no setor vestuário/confecção em 2013, analisou-se o valor da remuneração desses trabalhadores nos anos de 2006 e 2013. A maior massa salarial concentra-se na cidade de São Paulo, com R\$ 112,1 milhões, para o ano de 2013. Nesse mesmo ano, a massa salarial desse setor em Fortaleza foi de R\$ 30,5 milhões, o segundo maior. Porém, Fortaleza apresentou o menor valor da média salarial, o qual correspondeu a R\$ 870. Logo, pode-se dizer que esse elevado valor da massa salarial da cidade deve-se à quantidade de trabalhadores empregados no setor. (TABELA 24).

A cidade de Jaraguá do Sul apresenta o maior salário médio do setor vestuário, seguida por Blumenau, São Paulo e Rio de Janeiro. Blumenau e Belo Horizonte, estas foram as que apresentaram maior aumento salarial do período de 2006 para 2013. Fortaleza também apresentou ganho salarial no setor nesse período.

TABELA23: Brasil: valor real da massa salarial (*) do setor de vestuário por cidade selecionada (2006 e 2013)

Município	2006		2013		Var% da massa salarial real 2013/2006	Var% média salarial 2013/2006
	Massa salarial (R\$)	Média (R\$)	Massa salarial (R\$)	Média (R\$)		

São Paulo - SP	83.223.635,27	1.122,32	112.127.822,83	1.388,51	34,73	23,72
Fortaleza - CE	18.026.104,71	637,10	30.508.484,25	870,03	69,25	36,56
Rio de Janeiro - RJ	16.069.016,90	906,22	29.572.257,95	1.338,90	84,03	47,75
Blumenau - SC	11.916.535,48	994,29	22.862.691,02	1.599,57	91,86	60,88
Jaraguá do Sul - SC	14.601.659,67	1.467,80	21.036.733,81	1.829,44	44,07	24,64
Natal - RN	6.318.846,79	736,20	10.298.702,43	903,79	62,98	22,76
Goiânia - GO	8.133.737,91	716,38	10.550.258,07	982,97	29,71	37,21
Nova Friburgo - RJ	5.992.862,68	707,29	9.114.673,58	927,51	52,09	31,14
Belo Horizonte - MG	6.029.072,16	795,08	7.898.263,70	1.202,17	31,00	51,20
Apucarana - PR	4.762.774,56	760,83	6.317.914,04	1.019,68	32,65	34,02

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015. (*) Valores constantes a preços de 2013.

Na comparação de Fortaleza com as cidades cearenses com maior expressividade no setor de vestuário, observou-se que Fortaleza possui a maior quantidade de estabelecimento do Estado, concentrando sozinha a participação de 73,2%. Em seguida está Maracanaú e Caucaia, com 142 e 101 estabelecimentos, respectivamente (TABELA25). Dentre as dez principais cidades do setor, além de Fortaleza, Maracanaú e Caucaia, mais três estão localizadas na RMF, são elas: Maranguape, com 85 estabelecimentos, Pacatuba (32) e Aquiraz (31). Assim, 85,3% do setor de vestuário do Ceará, concentra-se na RMF.

TABELA24: Ceará: número de estabelecimento de vestuário por município selecionado (2006 – 2013)

Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Fortaleza	1.753	1.900	2.060	2.153	2.342	2.430	2.430	2.383
Maracanaú	71	77	88	105	121	118	132	142
Caucaia	44	46	63	59	75	78	94	101
Maranguape	31	47	46	44	55	67	77	85
Juazeiro do Norte	71	77	85	76	73	80	72	65
Sobral	26	29	34	33	33	31	33	36
Pacatuba	18	19	24	29	29	31	39	32
Aquiraz	11	26	29	28	26	32	29	31
Acarape	3	5	12	13	15	21	22	29
Frecheirinha	12	11	13	17	19	24	24	25

Ceará 2.223 2.434 2.670 2.798 3.064 3.213 3.265 3.253

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quando se analisa a quantidade de empregados do setor vestuário nas cidades cearenses, percebe-se que Maracanaú é a que mais aumentou a mão de obra empregada, passando de 1.575, em 2006, para 5.077, em 2013. Apenas Juazeiro do Norte apresentou redução na quantidade de empregados, todas as demais tiveram aumento, a destacar também Pacajus e Frecheirinha. (TABELA 26).

Ainda assim, Fortaleza é a cidade cearense com mais empregados nesse ramo, representando quase 24% do total empregado pelo setor no Estado.

TABELA25: Ceará: número de empregos por município selecionado (2006 – 2013)

Município	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	VAR % 2013/2006	Valor absoluto 2013- 2006
Fortaleza	28.294	32.136	34.673	35.772	38.687	36.932	35.807	35.066	23,93	6.772
Maracanaú	1.575	1.494	2.208	2.767	3.503	3.894	4.168	5.077	222,35	3.502
Pacatuba	2.058	2.316	2.761	2.646	2.042	1.993	2.233	2.270	10,30	212
Pacajus	443	505	567	349	807	1.280	1.734	2.120	378,56	1.677
Maranguape	1.330	1.572	1.726	1.978	1.873	1.707	1.940	2.032	52,78	702
Frecheirinha	152	132	146	188	467	490	1.146	1.582	940,79	1.430
Caucaia	548	588	712	848	1.220	1.149	1.504	1.534	179,93	986
Horizonte	121	103	153	523	352	211	380	501	314,05	380
Juazeiro do Norte	476	502	532	514	522	457	437	379	-20,38	-97
Aracoiaba	168	103	113	159	213	289	330	346	105,95	178
Ceará	37.400	41.990	46.301	48.548	53.028	52.134	53.421	54.424	45,52	17.024

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quanto às características do setor de vestuário de Fortaleza, buscou-se identificar alguns aspectos quanto ao tamanho e tipo dos estabelecimentos, nível de escolaridade e faixa etária.

O município de Fortaleza atualmente destaca-se na Confecção de peças do vestuário, com 1.848 estabelecimentos, e Confecção de roupas íntimas, com 395 estabelecimentos. Esses dois segmentos foram os que mais ampliaram a quantidade de unidades produtivas nos anos de 2006 para 2013. (TABELA 27).

TABELA26: Fortaleza: número de estabelecimentos por tipo de atividade do setor de vestuário (2006-2013)

Tipo de estabelecimento têxtil	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Confecção de Roupas íntimas	297	313	343	350	387	385	398	395
Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas.	1.328	1.435	1.561	1.652	1.806	1.907	1.887	1.848
Confecção de Roupas Profissionais	59	60	65	70	70	69	72	71
Fabricação de Acessórios do Vestuário	54	59	60	52	51	50	57	50
Fabricação de Meias	0	1	1	1	1	0	0	0
Fabricação de Artigos do Vestuário, Produzidos em Malharias e Tricotagens, Exceto Meias	15	32	30	28	27	19	16	19
Total	1.753	1.900	2.060	2.153	2.342	2.430	2.430	2.383

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à quantidade de empregados por atividade do setor de vestuário, o segmento de Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas é também o que mais absorve mão-de obra, respondendo por 75,9% do total que o setor emprega no município. Em seguida, está a atividade de Confecção de roupas íntimas, com 7.304 empregos. (TABELA 28).

TABELA27: Fortaleza: número de empregados por tipo de atividade do setor de vestuário (2006-2013)

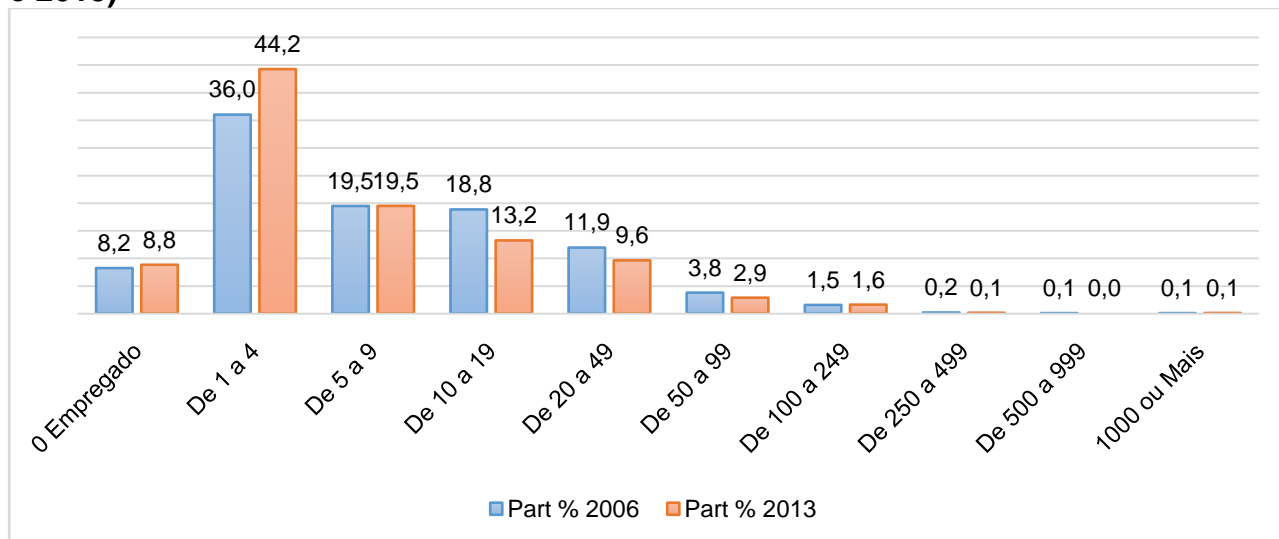
Tipo de estabelecimento têxtil	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Confecção de Roupas íntimas	4.755	5.537	5.300	6.106	7.059	7.076	7.154	7.304
Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas íntimas.	22.047	25.358	28.079	28.461	30.460	28.807	27.241	26.608
Confecção de Roupas Profissionais	398	354	383	422	460	412	501	505
Fabricação de Acessórios do Vestuário	890	720	766	605	568	561	654	566
Fabricação de Meias	0	7	7	0	6	0	0	0
Fabricação de Artigos do Vestuário, Produzidos em Malharias e Tricotagens, Exceto Meias	204	160	138	178	134	76	257	83
Total	28.294	32.136	34.673	35.772	38.687	36.932	35.807	35.066

FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quando se analisa o tamanho dos estabelecimentos da indústria de vestuário instalados em Fortaleza, conforme mostra a gráfico 57, no ano de 2006 havia 2 (duas) empresas com mais de 500 empregados, ou seja, consideradas de grande porte, representando uma participação de 0,1%. Em 2007 passou a existir 3 (três), mas em 2013 voltou a registrar duas com mais de 500 empregados. Ainda em 2013, Fortaleza possuía 42 empresas de médio porte (com número de empregados entre 100 a 499), uma participação de 1,7%; 297 empresas de pequeno porte (com número de empregados entre 20 e 99), com participação de 12,5%. E microempresa era 2.043, representando

uma participação de 85,7%. É importante ressaltar que aqui estão contabilizadas apenas as empresas formais, sabendo que setor de vestuário possui muitas empresas na informalidade.

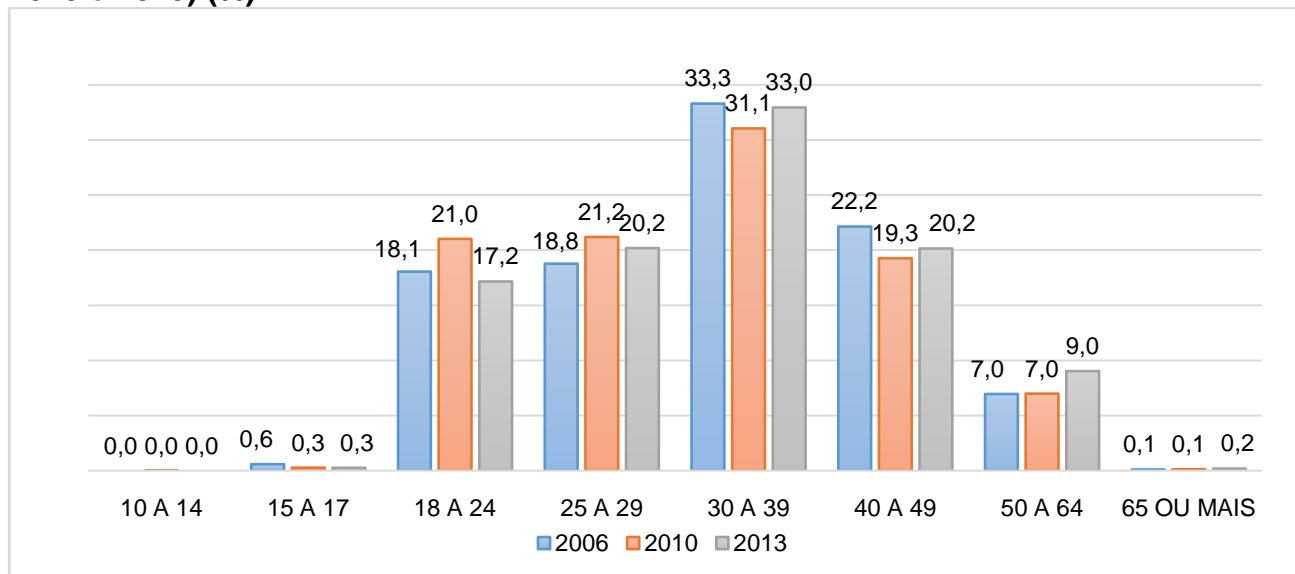
GRÁFICO 63: Fortaleza: estabelecimentos do setor de vestuário por tamanho (2006 e 2013)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à faixa etária dos empregados do setor de vestuário em Fortaleza, constatou-se que este emprega maior número de pessoas com idade entre 30 e 39 anos, correspondendo a 31% a 33% do total. Verificou-se que a participação de empregados com idade entre a idade de 15 a 17 e 25 a 29 anos diminuiu, enquanto a faixa de idade de 18 a 24 e de 50 a 64 aumentou a parcela (GRÁFICO64). Esta última faixa passou de 7%, em 2006, para 9%, 2013, sendo essa a faixa que mais cresceu nesse período. Em 2010 notou-se inversão na faixa etária de 18 a 24 anos e 25 a 29 anos, quando essas aumentaram a participação, enquanto a faixa de idade de 40 a 49 anos perdeu participação, porém, em 2013, as participações dessas faixas voltaram ao comportamento de 2006.

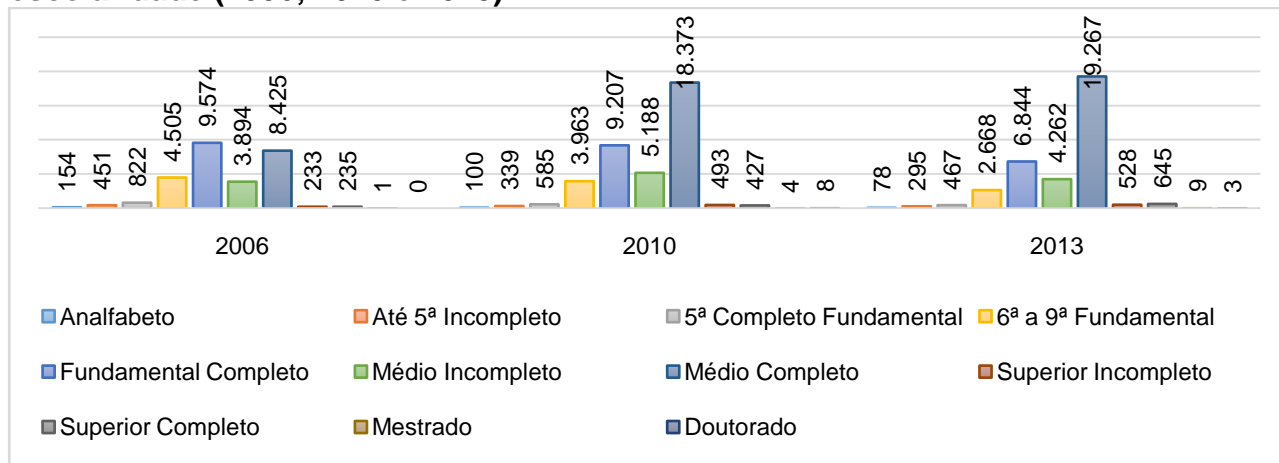
GRÁFICO64: Fortaleza: empregados no setor de vestuário por faixa etária (2006; 2010 e 2013) (%)



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Quanto ao nível de escolaridade, em 2006 o setor de vestuário de Fortaleza empregava em maior número pessoas com ensino fundamental completo (9.574) e pessoas com ensino médio completo (8.425). Em 2013 essa estrutura se inverteu, com o setor empregando mais pessoas com ensino médio completo (19.267) e com fundamental completo (6.844). Outra observação importante foi que ocorreu uma redução da quantidade de trabalhadores com níveis de escolaridade entre analfabeto até ensino fundamental completo. Enquanto que a quantidade de trabalhadores com níveis de escolaridade acima de ensino médio incompleto aumentou, com destaque para o crescimento de empregados com ensino superior, que em 2006 possui 235 pessoas e em 2013 passou para 645 pessoas (GRÁFICO65).

GRÁFICO65: Fortaleza: número de empregados no setor de vestuário por escolaridade (2006; 2010 e 2013)

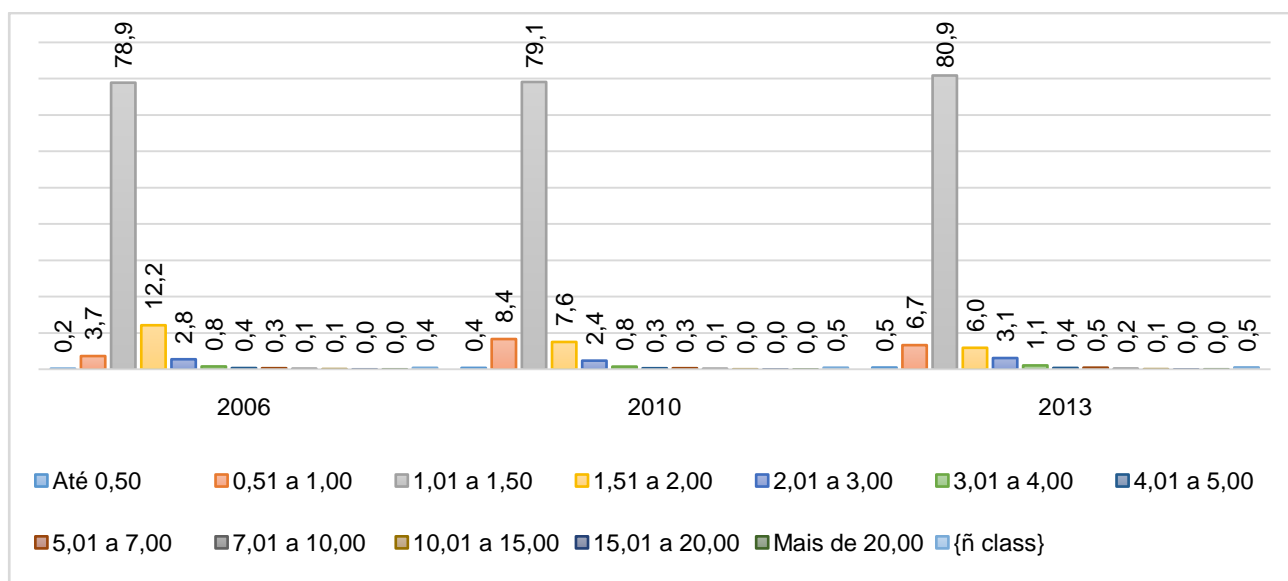


FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

Com relação à faixa salarial verificou-se que para os três anos analisados, a remuneração do pessoal empregado no setor de vestuário concentra-se na faixa de 1,0 a 1,5 salário mínimo, com participação em torno de 80%. Enquanto a participação de empregados que ganham entre 0,51 e 1,0 salário mínimo aumentou de 5,27% para 7,1%, de 2006 para 2013. Ressalta-se a redução a quantidade de pessoas que recebiam mais de 5 salários mínimos, atingindo todas as demais faixas salariais acima desse valor. (GRÁFICO 66).

Ocorreu aumento, depois uma diminuição da participação das pessoas que recebem entre 1,01 a 1,5 salários mínimos, sendo a faixa com maior quantidade de empregados, com participação de 61,9% em 2013. Diante dessa elevada concentração em apenas uma faixa salarial, as demais faixas apresentam poucas mudanças de proporcionalidade.

GRÁFICO 66: Fortaleza: empregados no setor de vestuário por faixa salarial (2006; 2010 e 2013 (%))



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/RAIS, 2015.

2.2.2 Inserção internacional do setor de vestuário de Fortaleza

Nesse tópico, será analisado o comércio exterior das principais cidades do setor do vestuário brasileiro, considerando que as principais são aquelas com maior número de empregados no setor no ano de 2013. É importante analisar a relação com o mercado externo visto que o segmento de vestuário/confecção apresenta um elevado fluxo de mercado internacional, implicando em uma competitividade acirrada entre os mercados.

Dentre os municípios mais representativos do setor vestuário, Blumenau detém aproximadamente 18% do valor exportado pelo Brasil, São Paulo aparece em segundo lugar, com participação de em torno de 8%. Fortaleza participa com menos de 0,5% das exportações dos produtos de vestuário do Brasil, indicando que, diante da sua expressividade produtiva, a produção desses produtos do município está mais voltada para o mercado interno. (TABELA 29).

TABELA28: Brasil: valor das exportações de produtos vestuários por município selecionado (FOB US\$) (2012; 2013 e 2014)

Município	2012	Part % 2012	2013	Part % 2013	2014	Part % 2014
Blumenau - SC	39.658.615	16,69	39.203.403	17,57	35.686.009	17,79
São Paulo - SP	31.207.625	13,14	24.317.137	10,90	16.197.589	8,08
Rio de Janeiro - RJ	14.876.125	6,26	14.677.108	6,58	12.589.774	6,28
Jaragua do Sul - SC	3.505.661	1,48	2.255.143	1,01	1.755.318	0,88
Belo Horizonte - MG	2.063.996	0,87	1.702.882	0,76	1.186.452	0,59
Nova Friburgo - RJ	2.319.224	0,98	2.477.773	1,11	874.414	0,44
Fortaleza - CE	1.529.230	0,64	1.131.455	0,51	663.278	0,33
Natal - RN	134.498	0,06	26.764	0,01	379.121	0,19
Goiânia - GO	157.847	0,07	87.396	0,04	95.822	0,05
Apucarana - PR	22.070	0,01	305.020	0,14	12.989	0,01
Brasil	237.548.073	100,00	223.181.773	100,00	200.546.828	100,00

FONTE: BRASIL, 2015b

Quanto aos países de destino dos produtos do vestuário, analisaram-se os destinos das exportações das quatro principais cidades e foram comparados aos destinos de Fortaleza. Observou-se que dentre os cinco principais países para onde Fortaleza exporta, Portugal, Paraguai e Estados Unidos aparecem entre os cinco países de destino das demais cidades, indicando também disputa no mercado externo. (QUADRO 2).

QUADRO 2: Brasil: destino das exportações de produtos de vestuário por município selecionado (cap 61-63) (2014)

Fortaleza	Rio de Janeiro	São Paulo	Blumenau	Jaragua do Sul
Portugal	Angola	Estados Unidos	Uruguai	Bolívia
Paraguai	Estados Unidos	Japão	Paraguai	Paraguai
Estados Unidos	Portugal	Angola	Argentina	Argentina
Espanha	Japão	Chile	Bolívia	Estados Unidos
Reino Unido	Uruguai	Suíça	Estados Unidos	Japão

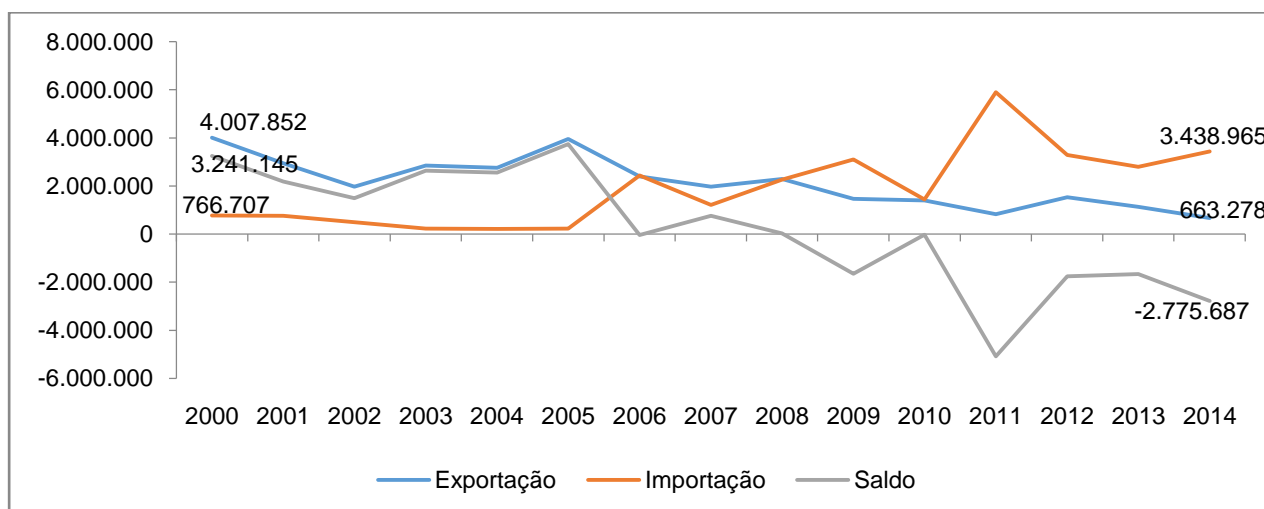
FONTE: BRASIL, 2015b

As exportações de Fortaleza de produtos de vestuário apresentaram uma nítida tendência de queda ao longo da série analisada, embora tenha havido um esforço de recuperação entre os anos de 2002 a 2005, porém voltou a cair, registrando forte queda do valor exportado. Quanto as importações de produtos de vestuário realizado por Fortaleza, observou-se um forte aumento a partir de 2005, chegando a apresentar saldo

negativo em 2006. Mas foi a partir de que o valor das importações ultrapassou as exportações e assim se mantiveram, mantendo a balança comercial de produtos vestuário de Fortaleza negativa até 2014 (GRÁFICO 67).

Esse dado mostra a forte pressão de concorrência que o mercado interno do setor vem sofrendo nos últimos anos com a entrada de produtos importados, a destacar a partir de 2009, quando a exportação do município perdeu mercado e, ao mesmo tempo, houve um aumento das importações.

GRÁFICO67: Fortaleza: Balança Comercial do setor de vestuário (2000 – 2014)



FONTE: BRASIL, 2015b

É importante identificar quais os produtos do setor de vestuário exportados e os importados por Fortaleza para entender a balança comercial desse setor do município. Ao observar os Quadro 3 e 4, que mostram a lista desses produtos, observa-se que de fato os produtos importados são produtos que também são fabricados no município, corroborando a forte concorrência que o mercado de Fortaleza vem sofrendo no setor de vestuário. Porém, vale destacar que o segmento encerados e estores de exterior, tendas de embarcação, vem ocupando espaço no mercado internacional.

Ainda assim, é importante ressaltar que, conforme foi visto nos detalhamentos por atividade do setor, Fortaleza destaca-se na produção de vestuário e peças íntimas, sendo também os principais produtos que estão sendo importados.

TABELA29: Fortaleza: produtos do setor de vestuários exportados (2013)

Código SH4	Descrição do SH4	Valor (US\$)	Kg Líquido
6306	Encerados e estores de exterior; tendas; velas para embarcações, para pranchas à vela ou para carros à vela; artigos para acampamento	593.727	39.452
6212	Soutiens, cintas, espartilhos, suspensórios, ligas e artefactos semelhantes, e suas partes, mesmo de malha	158.044	1.844
6112	Fatos de treino para desporto, fatos-macacos e conjuntos de esqui, malhês, biquinis, calções (shorts) e slíps, de banho, de malha	98.370	553
6104	Fatos de saia-casaco, conjuntos, casacos, vestidos, saias, saias-calças, calças, jardineiras, bermudas e calções (shorts) (exceto de banho), de malha, de uso feminino	55.535	2.806
6211	Fatos de treino para desporto, fatos-macacos e conjuntos de esqui, malhês, biquinis, calções (shorts) e slíps de banho; outro vestuário	40.204	1.604
6204	Fatos de saia-casaco, conjuntos, casacos, vestidos, saias, saias-calças, calças, jardineiras, bermudas e calções (shorts) (exceto de banho), de uso feminino	38.672	2.242
6109	T-shirts e camisolas interiores, de malha	32.091	509
6108	Combinações, saíotes, calcinhas, camisas de noite, pijamas, déshabillés, roupões de banho, robes de quarto e semelhantes, de malha, de uso feminino	28.882	610
6106	Camiseiros, blusas, blusas-camiseiros, de malha, de uso feminino	28.284	1.874
6304	Outros artefactos para guarnição de interiores, exceto da posição 9404	15.389	751

FONTE: BRASIL, 2015b

TABELA30: Fortaleza: produtos do setor de vestuários importados (2013)

Código SH4	Descrição do SH4	Valor (US\$)	Kg Líquido
6203	Fatos, conjuntos, casacos, calças, jardineiras, bermudas e calções de uso masculino	1.174.702	37.802
6206	Camiseiros, blusas, blusas-camiseiros, de uso feminino	275.618	21.273
6107	Cuecas, ceroulas, camisas de noite, pijamas, roupões de banho, robes e semelhantes, de malha, de uso masculino	201.733	8.421
6106	Camiseiros, blusas, blusas-camiseiros, de malha, de uso feminino	167.975	15074
6302	Roupas de cama, mesa, toucador ou cozinha	154.153	81.816
6205	Camisas de uso masculino	146.111	9.958
6105	Camisas de malha, de uso masculino	116.259	6.896
6204	Fatos de saia-casaco, conjuntos, casacos, vestidos, saias, saias-calças, calças, jardineiras, bermudas e calções de uso feminino	84.268	3.244
6109	T-shirts e camisolas interiores, de malha	80.579	3.954
6217	Outros acessórios confeccionados de vestuário; partes de vestuário ou dos seus acessórios, exceto da posição 6212	66.783	8.710

FONTE: BRASIL, 2015b

3.Aspectos Institucionais e financiamento

Entre 2001 e 2003, por exemplo, o estado do Ceará recebeu investimentos de várias empresas de diversos segmentos industriais, o setor têxtil destaca-se como aquele que mais recebeu investimentos, respondendo por 31,9% do investimento realizado, seguido pela indústria de alimentos em termos de investimentos captados pelo Estado, e foi, também, o setor com maior previsão de empregos, sendo responsável por mais de 25% dos postos de trabalho previstos. O setor de bebidas correspondeu 2,6% de investimentos capitados nos anos observados. Já o setor industrial que apresentou o menor custo de geração de emprego foi a indústria de confecções, considerando o mesmo período (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ, 2005).

Em termos de localização dos investimentos dos empreendimentos, o município de Maracanaú recebeu, principalmente, a indústria têxtil, que concentrou 87,7% dos seus investimentos neste município. No tocante à geração de empregos (previstos), este município destaca-se nos setores têxtil e de confecções. E, no início da década de 2000, o município de Aracati e Camocim destacaram-se com relação ao recebimento de investimentos das indústrias de alimentos, enquanto que os municípios que compõem a RMF aparecem como terceira no ranking dos que mais receberam empresas deste segmento (em torno de 752 empresas). (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ, 2005).

Entre 2003 e 2004, por sua vez, a política de incentivos industriais do Ceará sofreu profunda modificação em seus princípios conceituais e operacionais. Assim, presenciou-se, entre os dois anos, que o setor têxtil foi responsável por 16,5% dos investimentos com 1.478 empregos previstos, enquanto o setor de confecções ficou com 7,1% (3.296 empregos previstos) e os setores de alimentos e bebidas, em conjunto, com 12,2% (gerando 2.649 empregos).

No caso do setor de alimentos, 953 dos empregos previstos das empresas incentivadas, entre 2003 e 2004, estavam localizadas na RMF, destas, 891 apenas em Fortaleza. Para o setor têxtil, 1.433 empregos previstos localizaram-se na RMF, e, deste total, 50 eram residentes na Capital. Por fim, no caso do setor de confecções, a RMF recebeu 1.862 empregos das empresas incentivadas deste segmento, sendo que 432 delas localizaram-se na capital cearense.

Em termos de quantidades de empresas incentivadas, entre 2000 e 2006, teve-se 22 empresas do setor têxtil instalaram-se por todo o estado do Ceará, 32 empresas do setor de confecções, 54 empresas do segmento alimentício e 9 empresas do setor de bebidas. (SOUSA; BARRETO; IRFFI, 2009).

No segundo semestre de 2006, o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) admitiu a possibilidade de oferecer apoio financeiro, por meio do cartão BNDES², para a compra de matéria-prima utilizada no processo industrial de alguns segmentos produtivos nacionais. O setor têxtil e de confecções, por exemplo, aparece como primeiro a usufruir dessa decisão, aumentando, assim, a possibilidade de aquisição de malhas, tecidos, fios e aviamentos. Já no final de 2008, o Banco concedeu autorização, também, para compras de máquinas importadas, desde que não houvesse similar nacional, voltadas, prioritariamente, ao setor de confecção e vestuário, além da venda de uniformes profissionais. (LEITE, 2015).

Desta forma, por meio do cartão BNDES, o leque de opções para compras é bastante diversificado, incluindo, entre eles, máquinas e equipamentos; impressoras fiscais; materiais de construção civil; computadores; software; móveis comerciais; insumos têxteis, veículos utilitários e motocicletas para serviços de entrega. Assim, estima-se que aproximadamente 98% dos municípios brasileiros tenham Micro, Pequenas e Médias Empresas contempladas com o cartão BNDES. Atualmente, estima-se que apenas o setor têxtil e confecções, por exemplo, possui cerca de 66 mil cartões emitidos somando um limite disponível de R\$ 4,4 bilhões. (LEITE, 2015).

O BNDES possui, ainda, um programa específico para o setor de confecções chamado Programa do BNDES para Apoio a Investimentos em Design, Moda e Fortalecimento de Marcas (BNDES Prodesign), onde é disponibilizado financiamento para o setor confeccionista e têxtil em design, moda, desenvolvimento de produtos, diferenciação e fortalecimento de marca. No BNDES Prodesign, a empresa financia atividades de elaboração, desenvolvimento e aprimoramento, seja na funcionalidade ou na estética do produto final, contribuindo, desta forma, para melhoria da qualidade, diferenciação e segmentação nas cadeias produtivas dos setores têxtil e confecções.

² O cartão BNDES consiste em uma linha de crédito rotativo e pré-aprovado, exclusiva para micros, pequenas e médias empresas (MPMEs), com limite de até R\$ 1 milhão por banco emissor (Banco do Brasil, Banrisul, Bradesco, BRDE, Caixa Econômica Federal, Itaú, Santander, Sicoob e Sicredi), taxa de juros atrativa (0,99% ao mês em fevereiro de 2015) e pagamento em até 48 prestações mensais fixas, sem cobrança de IOF.

O Governo Federal estabeleceu a sua política industrial, tecnológica, de serviços e de comércio exterior para o período de 2011 a 2014 com a implantação do Plano Brasil Maior que focou no estímulo à inovação e à produção nacional para alavancar a competitividade da indústria nos mercados interno e externo. Com o Plano, o Governo objetivava mobilizar forças para aproveitar as competências existentes nas empresas, na academia e na sociedade. Desta maneira, o Plano integra instrumentos de vários ministérios e órgãos do Governo Federal cujas iniciativas e programas se somam em um esforço integrado e abrangente de geração de emprego e renda em benefício do povo brasileiro. (BRASIL, 2014).

O benefício da desoneração da folha contido no Plano Brasil Maior de dezembro de 2011 visava atingir setores sensíveis ao câmbio e à concorrência internacional e intensivos em mão de obra. Nesse aspecto, o referido Plano previa zerar a alíquota de 20% do INSS e introduzia 1,5% de alíquota sobre o faturamento das empresas dos setores contemplados. A indústria de confecções foi uma das agraciadas com o benefício já a partir de dezembro de 2011. Em agosto de 2012, outros setores foram atingidos pela desoneração, desta vez a alíquota seria de 1% para uns e 2% para outros, o que acarretou redução do percentual para setores anteriormente beneficiados, como foi o caso de confecções. Nesta lista, foi incluído o setor têxtil com 1% de taxaço.

Com o intuito de aumentar a competitividade, via diminuição dos custos, em janeiro de 2013, um conjunto de vinte e cinco outros setores foram incluídos na lista da desoneração a qual passou a totalizar quarenta. Neste conjunto, fizeram parte três da indústria alimentícia, a saber: aves, suínos e derivados, pães e massas e pescados, estes também com incidência de 1% sobre o faturamento das empresas.

No entanto, em 2015, no bojo do processo de ajuste fiscal, o executivo enviou ao legislativo a medida provisória de número 669 a qual prevê revisão da alíquota a partir de junho de 2015. Os setores que contribuíam com percentual de 1% passariam para 2,5% e os de 2% para 4,5%. No entanto, a decisão está suspensa tendo em vista que o Presidente do Senado devolveu ao Executivo.

Contudo, as medidas adotadas recentemente pelo Governo Federal para estimular o consumo são importantes, mas não suficientes para a evolução da indústria de alimentos e bebidas, apesar do País ter um alto potencial de produção de alimentos em quantidade suficiente para atender a demanda mundial. Deve-se incluir na pauta de discussão nacional duas questões primordiais, primeiro a desoneração tributária e, segundo, a desoneração de investimentos. (INHESTA, 2015).

Além das medidas citadas, deve ocorrer melhoria nas estradas e portos do Brasil para que estimule as exportações dos setores de alimentos e bebidas, que são tão penalizados com as condições precárias atuais das estradas que elevam os custos de transação. Com os investimentos necessários os setores em questão conseguirão concorrer no mercado internacional.

Dois pontos importantes que estão faltando para os setores de alimentos e de bebidas, especificamente, são, primeiramente, a necessidade de um marco regulatório que visualize tecnologias e modernização de parques industriais. Segundo, estreitar cada vez mais a relação já existente da indústria alimentícia e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), para que possam discutir a busca por alimentos saudáveis.

Existe, ainda, uma outra oportunidade que os MPE dos setores de alimentos, bebidas, têxtil e confecções podem utilizar como fonte de financiamento para investimentos produtivos, que é o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). O Fundo financia, através de recursos federais, investimentos de longo prazo e, complementarmente, capital de giro ou custeio. Além dos setores agropecuário, industrial e agroindustrial, também são contemplados com financiamentos os setores de turismo, comércio, serviços, cultural e infraestrutura. Atualmente, o FNE atende a 1.990 municípios situados nos nove estados que compõem a região Nordeste e no Norte dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais, contemplando com acesso ao crédito os segmentos empresariais de empreendedores individuais, produtores, empresas, associações e cooperativas de produção. (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2015).

Dentro do FNE existe, por exemplo, o Programa de Financiamento às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte e ao Empreendedor Individual. Este Programa tem como objetivo fomentar o desenvolvimento das microempresas, empresas de pequeno porte e de microempreendedores individuais (MEIs) dos setores industrial, inclusive mineração, agroindustrial, de turismo, dentre outros. O mencionado programa financia implantação, modernização, expansão, reforma e realocação de empreendimentos.

Bibliografia

ARRUDA, T. **Por um CIP mais sustentável: indústria de alimentos e bebidas buscam na otimização garantia de retorno de investimentos e segurança ao consumidor.** Revista Alimentos e Bebidas. Ano V, Edição 11, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/Abit.aspx>>. Acesso em abril de 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO VESTUÁRIO. Disponível em: <<http://www.abrvest.org.br/>>. Acesso em abril de 2015.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Sobre o Nordeste – FNE. Disponível em <<http://www.bnb.gov.br/sobre-o-nordeste-fne>>. Acesso em abril de 2015.

BRASIL. BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Cartão BNDES.** Disponível em <<http://www.bndes.gov.br/>>. Acesso em Abril de 2015.

_____. BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **PANORAMA DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES E A QUESTÃO DA INOVAÇÃO.** COSTA, Ana Cristina Rodrigues; Rocha, Érico Rial Pinto. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas Nacionais.** Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em março de 2015.

_____. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Dados estatísticos de Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).** Disponível em <<http://portal.mte.gov.br/rais/>>. Acesso em março de 2015.

_____. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). **Brasil Maior. Inovar para competir. Competir para Crescer.** 2014. Disponível em <http://www.brasilmaior.mdic.gov.br/wp-content/uploads/cartilha_brasilmaior.pdf>. Acesso em abril de 2015.

_____. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). **Estatísticas de Comércio Exterior.** Disponível em

<<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>>. Acesso em março/abril de 2015a.

_____. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Plataforma Aliceweb2**. Disponível em <<http://alicesweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em março/abril de 2015b.

CENTRO DE VIDA SAUDÁVEL (CEVISA). **Vigilância Sanitária do Setor de Alimentos**. 2013. Disponível em <file:///C:/Users/FranciscoLaercio/Downloads/pnae_encontro-tecnico_fortaleza-ce-2014_vigilancia-sanitaria.pdf>. Acesso em abril de 2015.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Alimentos e Bebidas**. Disponível em <<http://www.codin.rj.gov.br/Paginas/SetoresNegocio/SetorBebidas.aspx>>. Acesso em março de 2015.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.

INHESTA, S. **Indústria de alimentos e bebidas pede incentivos**. Revista Veja, 2015. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/industria-de-alimentos-e-bebidas-pede-incentivos>>. Acesso em abril de 2015.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Análise da Política de Incentivo ao Desenvolvimento Industrial do Estado do Ceará no Período de 2001 – 2004**. Nota técnica 12. Fortaleza, 2005. Disponível em <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/notas_tecnicas/NT_12.pdf>. Acesso em abril de 2015.

GARCIA, Odair Lopes. **Avaliação da competitividade da indústria têxtil**. São Paulo, UNICAMP, 1994.

LEITE, R. de P. **Melhores Opções de linha de Crédito para sua Confecção**. Indústria Têxtil e do Vestuário. TextileIndustry. Ano VII. Disponível em <<http://textileindustry.ning.com/m/discussion?id=2370240:Topic:634612>>. Acesso em março de 2015.

MENDES, J.T.G. **Agronegócio: uma abordagem econômica**. São Paulo. Editora Pearson Hall, 2007.

MELO, M.C.P. de; BRAGA, F.L.P. HOLANDA. D.R. **O Comércio Exterior do Nordeste Brasileiros e seu Fluxo caudatário**. São Paulo. Editora Nelpa, 2014.

MESQUITA, E. C. **Mapa do Emprego Industrial: o caso do Ceará**. Fortaleza, Instituto do Desenvolvimento do Trabalho (IDT), 2011. Disponível em <http://www.sineidt.org.br/PortalIDT/arquivos/publicacao/Mapa_do_Emprego_Industrial_-_O_Caso_do_Ceara.pdf>. Acesso em março de 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). Disponível em <www.sebrae.com.br>. Acesso em abril de 2015.

SOUSA, P.F.B.; BARRETO, F.A.F.D.; IRFFI, G. **Impactos da Política Estadual de Incentivos Fiscais Sobre a Arrecadação de ICMS no Estado do Ceará**. V Encontro de Economia do Ceará em Debate. Fortaleza, 2009. Disponível em <http://www.ipece.ce.gov.br/economia-do-ceara-em-debate/v-encontro/RELACAO%20DOS%20TRABALHOS%20APROVADOS_V%20ENCONTRO%200DE%20ECONOMIA.pdf>. Acesso em abril de 2015.